



Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Centro de Educação e Humanidades
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense

Alexandre de Castro

Do microfone à Academia: trajetórias do Rap carioca

Duque de Caxias

2009

Alexandre de Castro

Do microfone à Academia: trajetórias do Rap carioca



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação e Cultura.

Orientador: Prof. Dr. Mauro José Sá Rego Costa

Duque de Caxias

2009

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEHC

C355 Castro, Alexandre de.

Do microfone à Academia: trajetórias do Rap carioca / Alexandre de Castro - 2009.

105f.: il.

Orientador: Mauro José Sá Rego Costa.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, 2009.

1. Rap (música) – Rio de Janeiro (RJ) – Teses. I. Costa, Mauro José Sá Rego. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação da Baixada Fluminense. III. Título.

CDU 78.067.26(815-3)

Autorizo, para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Alexandre de Castro

Do microfone à Academia: trajetórias do rap carioca

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Educação e Cultura.

Aprovada em 22 de junho de 2009.

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Mauro José Sá Rego Costa (Orientador)
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - UERJ

Prof. Dr. Maurício de Albuquerque Rocha
Faculdade de Educação da Baixada Fluminense - UERJ

Prof^a. Dr^a. Vera Malaguti Batista
Instituto de Ciências Humanas e Filosofia - UFF

Duque de Caxias

2009

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à minha querida família (Gabriella, João e Júlia) e aos imprescindíveis amigos Samantha Oliveti, Yvone Souza e Paulo Melgaço. Só Deus sabe o grau de importância que vocês têm na minha vida. Obrigado por estarem comigo.

AGRADECIMENTOS

Antes de qualquer coisa gostaria de agradecer a Deus por ter me permitido chegar até aqui, e por ter me dado força de vontade o bastante para não esmorecer diante das dificuldades e armadilhas da vida. Continuemos na luta, que venham mais leões!

À minha imensa família (seja ela legítima ou postiça), amigos, colegas do mestrado, companheiros e admiradores por compartilharem comigo momentos de aflição, descontração, derrotas e vitórias.

Ao rap e a todo o povo que fazem do hip-hop um estilo de vida alternativo e as margens do *status quo*. A consideração e o respeito que eu alcancei nesse meio eu devo dedicar às pessoas envolvidas com essa manifestação cultural urbana.

À Samantha Oliveti pela amizade de longa data, pelos momentos “freudianos”, pelas broncas, pelos elogios, pelo carinho dedicado ao meu filho João Victor, e, principalmente, pelo incentivo dado para que eu me inscrevesse no programa de Mestrado da FEBF. Dedico esses dois anos do programa à minha “cumadre” Sammy.

A Paulo Melgaço pelas diversas demonstrações de companheirismo e amizade. Nos momentos mais complicados (foram vários nesse biênio acadêmico) eu sempre pude contar com a disponibilidade de Melgaço. Sou muito grato a ti, irmão!

À Yvone Souza, a quem aprendi a admirar e a respeitar, graças a sua sabedoria, conhecimento e companheirismo. Obrigado pelos conselhos e “consultorias” sem honorários.

A FEBF e o seu incansável quadro de docentes (em especial as figuras de Sílvia Pimenta, Izabel Brasil e Maurício Rocha) e funcionários administrativos, que tocam essa faculdade para frente mesmo diante das dificuldades que afetam a educação nesse país.

O meu muito obrigado ao sempre prestativo e competente Sandro Hilário (o “cara” do mestrado) por jamais deixar de nos atender, mesmo em seus momentos de folga ou de “paralisação”.

Com a mesma intensidade gostaria de deixar registrada aqui a minha gratidão a figura visionária de Henrique Sobreira, por ajudar a FEBF a conquistar um

programa de mestrado vanguardista como esse focado em “Periferias Urbanas”. Além desse ato significativo, é importante frisar sua intermediação junto às agências de fomento (Faperj e Capes), que tanto nos ajudou nos momentos mais “bicudos”. Meu muito obrigado em nome de todos os bolsistas.

À Dr^a Vera Malaguti pela dedicação, disponibilidade, consideração, e, sobretudo, pelos conselhos de cunho acadêmico e pessoal. Obrigado Doutora.

Ao “Corpo-sem-Órgãos” da FEBF, Prof. Mauro Sá Rego Costa, meu mais profundo agradecimento pelos momentos importantes, gratificantes e, às vezes, surreais que tive a oportunidade de compartilhar em Duque de Caxias. Obrigado por me orientar e fazer o meu projeto evoluir até o presente estágio. Seu lado esquizo e nada convencional de ser foi essencial para que eu pudesse enxergar a vida e a academia por um viés mais amplo. Valeu Mauro!

Obrigado a todos!

O homem, geralmente encontra o seu destino nos caminhos que tomou para evitá-lo.

La Fontaine

RESUMO

CASTRO, Alexandre de. *Do microfone à academia: trajetórias do rap carioca*. 2009. 105f. Dissertação (Mestrado em Educação, Comunicação e Cultura em Periferias Urbanas) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Rio de Janeiro, 2009.

O presente trabalho busca, numa forma bastante pessoal de pesquisa participativa, fazer a genealogia do hip-hop no Rio de Janeiro, priorizando o elemento rap. Procura mostrar o impacto das novas tecnologias de comunicação e informação entre os que vivenciam o hip-hop, seja produzindo, baixando músicas, participando das redes temáticas, etc... Como as novas tecnologias fazem parte da história e da vida do hip-hop, aliadas ao trabalho cooperativo e colaborativo dos produtores dessa arte, é algo pensado com base nas teorias do trabalho imaterial.

Palavras-chaves: Hip-hop. Rap. Trabalho imaterial.

ABSTRACT

This work intends - in a very personal way of participative research – to design a genealogy of hip hop in Rio de Janeiro, emphasizing the approach of rap music. It tries to show the impact of the new technologies of information and communication over those who produce, consume and live on the hip hop nets. The presence of NIC's as well as the cooperative and collaborative ways of hip hop production are approached with the theoretical basis of "immaterial work".

Keywords: Hip-hop. Rap. Immaterial work.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATCON	Associação Atitude Consciente
B-BOY	Break-Boy
BMX	Bicycle Motocross
BPM	Batidas por minuto
CDI	Comitê para a Democratização da Informática
CEAP	Centro de Articulação das Populações Marginalizadas
CGI	Comitê Gestor da Internet
CIEP	Centro Integrado de Educação Pública
CNPJ	Cadastro Nacional de Pessoas Jurídicas
CRT	Centro de Recepção e Triagem
CUFA	Central Única das Favelas
DJ	Disk-jókey
DOI-CODI	Destacamento de Operações de Informações – Centro de Operações de Defesa Interna
DVD	Digital Versatile Disk / Digital Vídeo Disk
EIC	Escolas de Informática e Cidadania
EMA	Escola Mário Altenfelder
EUA	Estados Unidos da América
FAETEC	Fundação de Apoio à Escola Técnica
FEB	Força Expedicionária Brasileira
FEBARJ	Federação dos Blocos Afro do Rio de Janeiro
FEBEM	Fundação Estadual do Bem Estar do Menor
FEBF	Faculdade de Educação da Baixada Fluminense
FEEM	Fundação Estadual de Educação do Menor

FM	Frequência Modulada
FUNABEM	Fundação Nacional de Bem Estar do Menor
GPL	General Public License
IDH	Índice de Desenvolvimento Humano
LCD	Liquid Crystal Display
MC	Mestre de Cerimônias
MG	Minas Gerais
MP3	MPEG Audio Layer-3
MPC	Music Production Center
MSN	Microsoft Network
MTV	Music Television
MV	Mensageiro da Verdade
NAT	Negros Acima de Tudo
ONG	Organização Não Governamental
PDT	Partido Democrático Brasileiro
PM	Polícia Militar
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
RAP	Rhythm and Poetry
SAM	Serviço de Atendimento ao Menor
SBT	Sistema Brasileiro de Televisão
SIC	Segundo Informações Coletadas
TNT	Trinitrotolueno
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UP	Unidade Profissionalizante
VEP	Vara de Execuções Penais

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	CONSUMO, SUBJETIVIDADE, ATIVIDADES COLABORATIVAS E TRABALHO IMATERIAL	16
1.1.	O impacto da virtualidade nas comunidades cariocas	27
1.2	A colaboração como alternativa	29
1.3.	O imaterial como resultado direto da colaboração	34
2	AS ORIGENS DO RAP: CONEXÕES ENTRE ÁFRICA, JAMAICA E NOVA YORK	40
2.1.	A sonoridade jamaicana na terra do Tio Sam	41
2.2.	Rap ou hip-hop?	42
2.3	Dos bailes da pesada ao <i>break</i>: o rap chega ao Brasil	46
3	ACAUTELADO À REVELIA	52
3.1.	Triagem	61
3.2.	Depois do “Grande encarceramento”: CIEP, Rua de Santana, skate, rap e Catumbi	65
3.3.	A influência dos esportes radicais na consolidação do rap no Rio de Janeiro	69
3.3.1	<u>Uma época marcada pelo minimalismo</u>	71
4	DO CATUMBI À LAPA: NOVOS PERSONAGENS ENTRAM NO CIRCUITO	73
4.1.	Das andanças de skate chegamos ao CEAP	77
4.2.	Aonde os blocos não iam, a ATCON se fazia presente	81
4.3.	O Tiro Inicial	83
4.4.	Apesar da mira, o tiro saiu pela culatra	87
4.5.	Contradições da nossa época	91
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	98
	REFERÊNCIAS	101

INTRODUÇÃO

Como é do conhecimento de alguns, esse trabalho é fruto das minhas observações, frustrações, vitórias e experiências, tanto no campo pessoal quanto àquele dedicado ao rap e ao hip-hop. Para alguns, certamente aqueles que ainda não se desprenderam das velhas “fórmulas prontas”, o resultado empírico das minhas observações não merece ser levado a sério, muito menos barganhar o título de “pesquisa acadêmica”. Tudo bem, não há problema algum, os críticos e a crítica estão aí para serem respeitados. Motivos são os mais diversos, afinal de contas não escrevo de maneira rebuscada, embasado em termos e teorias espetaculares, pelo contrário, meu texto é direto, e extremamente objetivo. Não consigo descrever em oitenta páginas aquilo que pode ser dito, perfeitamente, em oito laudas. Escrevo como quem rima. Talvez este trabalho encontre simpatia entre àqueles que estão dispostos a enxergarem o universo acadêmico através de novas óticas, formatos e abordagens. Se soar ousado demais, estou disposto a pagar o preço desta ousadia.

Dentre vários objetos a serem pesquisados, por que o rap? Pela constatação de que os poucos trabalhos dedicados ao hip-hop resumiam-se, praticamente, a cena protagonizada em São Paulo, cabendo aos outros estados da federação um obscurecimento injusto. A intenção é desmitificar esse monopólio imaginário e mostrar que outros cantos do Brasil também estão interagindo com a cultura hip-hop. Não obstante, essas pesquisas, em muito dos casos, abortam e analisam o rap através do conteúdo de suas letras. Raramente é narrado do ponto de vista dos protagonistas dessa expressão urbana, no caso rapeadores / rimadores, b-boys e djs. Outra pretensão seria estreitar ainda mais os laços entre a cultura produzida nas ruas e a academia. Permitir o intercambio entre realidades distintas pode ser proveitoso para ambos os lados. Acredito não haver mal algum no sincretismo entre o “periférico” e o acadêmico. O que será da academia se experimentos dessa natureza não forem incentivados? Nesse sentido, parece que estamos conseguindo resultados. Prova maior é o programa precursor de mestrado desenvolvido pela Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, com ênfase em educação, comunicação, cultura e periferias urbanas. E o objetivo final, seria contar parte da trajetória do rap carioca pela ótica de quem viveu, e vive, dentro da realidade apresentada. Pra ser sincero, cansei de ser objeto de pesquisa alheia e, como se

não bastasse, ainda ter que conviver com os próprios depoimentos alterados. Quem disse que o objeto não se estressa?

Esse trabalho não propõe soluções, muito menos resultados bombásticos, apenas descreve os momentos e as transformações que a cultura hip-hop carioca sofreu ao longo de quase trinta anos. Lógico que, para a realização dessa empreitada, foi necessário o complemento de um elemento teórico que pudesse dar sustentabilidade ao objeto apresentado. Nas palavras do nosso emblemático professor da FEBF / UERJ, Maurício Rocha, precisávamos “dar musculatura ao esqueleto”. Esse foi o objetivo ao longo desses dois anos.

Como metodologia de pesquisa, resolvi utilizar fontes bibliográficas, entrevistas (coletadas no modo tradicional, através de e-mail e de programas de bate papo, como o MSN), documentos históricos acautelados com o estado (nesse sentido gostaria de agradecer primeiramente a sensibilidade e a disponibilidade da sempre amiga Dra Vera Malaguti Batista, por ter me dado as orientações necessárias para reencontrar esse precioso material, e por último à equipe do Arquivo Nacional, pela atenção dispensada, e por ter me disponibilizado e permitido fazer uma viagem ao passado através do meu prontuário de interno da antiga FUNABEM), material virtual, jornalístico, audiovisual e até mesmo fragmentos de conversas com amigos, advindas de encontros em bailes, shows, eventos e bares. Além de todos esses recursos disponibilizados, aproveitei parte da minha experiência de vida para descrever algumas passagens e transformações inerentes ao hip-hop.

A primeira parte desse trabalho atípico é dedicada às questões voltadas para o consumo, subjetividade, atividades colaborativas e trabalho imaterial, o grande sustentáculo dessa dissertação de mestrado.

No quesito relativo ao consumo, procuro demonstrar que através do aquecimento da economia, o que efetivamente tem colaborado para inserir novos consumidores no mercado, a população pobre, outrora excluída, tem participado ativamente para a melhora desse quadro. Os números do mercado estão disponíveis para comprovar essa constatação: cada vez mais são vendidos, carros, televisões, celulares, computadores, viagens, etc. Segundo Peter Evans, esse consumo induzido pelo capital é fruto da “globalização neoliberal”. É essa mesma globalização, que prezou pela desregulamentação dos mercados e fez “vista grossa”

para a “ciranda especulativa” que assolou algumas “praças”, uma das maiores responsáveis pela crise que tem atingindo o cenário mundial.

A disponibilidade desses bens nos extratos mais pobres (logicamente que estamos levando em consideração somente o aspecto financeiro dessa população, uma vez que essa parcela não é carente de criatividade, afetividade muito menos de solidariedade e atitudes colaborativas) da população tem contribuído, inclusive, para a construção de novas subjetividades e óticas. O acesso a computadores e à internet, principalmente sem fio (wireless) em algumas comunidades, são os principais fomentadores dessa nova realidade que se apresenta.

Finalizando o capítulo aproveito para trazer à tona as atividades colaborativas e o trabalho imaterial, tão presentes no nosso cotidiano. Como poderá ser observado mais a frente, veremos que a colaboração entre as partes é de suma importância para o convívio das pessoas. Essa atitude não é novidade, principalmente, entre os moradores das regiões menos nobres da cidade: frequentemente são organizados mutirões para a construção da casa do amigo, vizinhos que se encarregam de ajudar o próximo, seja emprestando o dinheiro para comprar um botijão de gás, um gênero de primeira necessidade ou até mesmo tomando conta de crianças para que seus pais possam trabalhar. Com o advento das novas tecnologias da informação e comunicação invadindo as favelas, novos produtores de cultura e subjetividade estão se estabelecendo nesses locais. Mais uma vez o computador e a internet são as principais ferramentas utilizadas por essa geração autodidata, que produz por conta própria e sem compromisso. São jovens produtores de trabalho imaterial, geradores de uma economia paralela capaz de inserir novos talentos no mercado alternativo de cultura.

A segunda parte é dedicada ao hip-hop, ao rap e a sua genealogia. Também serão analisados seus efeitos e influências em nosso território. Nesse capítulo procuramos explicar e desfazer alguns mitos em relação ao hip-hop. No intuito de explicar as origens desse ritmo tão peculiar, iremos atrás de suas matrizes na África, na Jamaica e nos Estados Unidos. Mostraremos a evolução do rap em solo americano, a ponto de ser “exportado” para outros países como uma autêntica invenção yankee. O que não é verdade. Outro propósito desse capítulo é explicar a “complexidade” da cultura hip-hop e seus elementos (grafite, break, mc e dj), uma vez que a mídia acaba passando uma falsa noção do que realmente seja essa expressão cultural. Da mesma maneira que apresentamos o desenvolvimento do rap

nos Estados Unidos, o mesmo será feito no Brasil, mostrando as diferenças e as peculiaridades existentes entre Rio e São Paulo.

Após dois capítulos seguindo uma linha descritiva sem maiores envolvimento, baseada em fatos coletados através das mais diversas fontes, a terceira parte pode ser considerada atípica para os padrões acadêmicos mais conservadores. Resumidamente falando, uma mudança paradigmática. Essa guinada de rumo ocorre pelo simples fato da narrativa ganhar um tom extremamente pessoal. Nessa parte do trabalho a razão acadêmica cede a vez para os fatos ocorridos na minha vida pessoal e familiar. Confesso que essa é a parte mais delicada e ousada da dissertação, tendo em vista que nem todos poderão encarar com simpatia um assunto tão peculiar e restrito que foi levado à esfera acadêmica. A partir desse ponto, fragmentos consideráveis da história confusa da minha vida e de minha família se confundirão com teoria, história e constatações. Uma cronologia envolvendo o passado de minha mãe, minhas paradas relâmpagos em diversas casas, minha “estadia” prolongada na FUNABEM e meu período pós-intenato estarão à disposição daqueles que pararem para conferir essa “epopéia” protagonizada por personagens nada tradicionais. Derrotas, decepções, e, sobretudo, persistência acima do limite fazem parte do cardápio servido pelo sujeito que jamais deixou de acreditar nos seus sonhos e num futuro mais ameno.

O último capítulo é fruto das minhas experiências enquanto rimador / rapeador. Nele narro o meu começo mambembe no rap, juntamente com os meus parceiros de skate e do N.A.T. Aproveito para descrever o nosso envolvimento com o CEAP, a criação da ATCON, a disputa de espaço e reconhecimento com os blocos afros e a gravação do primeiro registro fonográfico de rap no Rio de Janeiro, o “Tiro Inicial”. Outras questões também serão apresentadas nessa parte da dissertação como contradições do nosso discurso (principalmente o machismo de nossas composições, assim como o radicalismo de nossas posturas), o envolvimento de alguns membros do hip-hop com organizações não governamentais, mídia e esferas de poder, bem como o processo de amadurecimento que o rap (e parte de seus seguidores) foi submetido ao longo de todo esse tempo.

1 CONSUMO, SUBJETIVIDADE, ATIVIDADES COLABORATIVAS E TRABALHO MATERIAL

Talvez a expressão “consumo democrático” não seja a mais adequada para ilustrar o momento que nos encontramos. Até porque esse fenômeno ainda não atingiu a todos como deveria, segundo os preceitos que regem o conceito de democracia. A democracia em sua plenitude flerta constantemente com a utopia. Vejamos a importância do consumo na vida das pessoas, segundo o artigo publicado no *Le Monde Diplomatique*:

Todos os dias, em algum nível, o consumo atinge nossa vida, modifica nossas relações, gera e rege sentimentos, engendra fantasias, aciona comportamentos, faz sofrer, faz gozar. Às vezes constringendo-nos em nossas ações no mundo, humilhando e aprisionando, às vezes ampliando nossa imaginação e nossa capacidade de desejar, consumimos e somos consumidos.¹

O certo é que cada vez mais pessoas, que antes mal se alimentavam de maneira digna, atualmente ajudam a aquecer a economia com a compra de bens que não são mais considerados supérfluos, e sim essenciais. Partindo de uma premissa evidentemente verdadeira podemos afirmar que a miséria e a pobreza ainda não foram erradicadas completamente em nosso país, o que é lastimável. Porém é visível que parte dessa população, outrora excluída do jogo do consumo, passa a ter vaga, mesmo que esporadicamente, nesse time da lógica capitalista.

O momento é tão propício comercialmente que algumas empresas se especializaram em oferecer serviços a essa parcela com menor poder aquisitivo, por exemplo, podemos destacar o caso das companhias de aviação que atuam no segmento *low cost* (baixo custo). Nesse sentido, a Gol Linhas Aéreas, a pioneira nessa modalidade de transporte aéreo no mercado nacional, trabalha com a idéia de que as viagens de avião são acessíveis, desconstruindo a noção que os aviões de carreira sejam destinados somente as pessoas de maior poder aquisitivo. Em uma de suas peças publicitárias, um desenho animado no estilo *noir* mostra lagartas presas dentro de ônibus, num cenário entediante e congestionado das grandes cidades, e, no momento seguinte, após passarem por um processo de metamorfose, esses insetos libertam-se dos coletivos voando em forma de borboletas. O filme faz

¹ *Le Monde Diplomatique* Brasil. A alma do consumo. São Paulo, Dezembro 2008, p. 6. Capa / Comportamento.

uma sutil analogia entre as pessoas que migraram dos ônibus rodoviários para os aviões comerciais. Pude comprovar tal fenômeno social em fins de 2007, quando tive a oportunidade de “andar” de avião pela primeira vez e observar a quantidade de pessoas, das mais distintas classes sociais, fazendo uso desse meio de transporte. Talvez muitos estivessem em situação semelhante a minha.

O crédito a perder de vista ajuda a reforçar essa tendência de mercado. Essa característica pode ser evidenciada em um trecho de uma reportagem da Folha de São Paulo:

A cozinheira Rute Silva, de 21 anos, tem renda familiar na faixa de R\$ 1 mil por mês. Segundo ela, a vida melhorou no último ano - ela comprou um DVD a prazo, um guarda-roupa, e até viajou para Vitória nas férias. "Está bom, mas pode melhorar mais", diz Rute, que está com casamento marcado para outubro. Ela e o noivo estão construindo uma casa e já começaram a fazer os planos para mobiliá-la. Por enquanto, já compraram o dormitório, a prazo.²

Seria esse estímulo consumista um sinal de bondade por parte daqueles que impõem as regras do jogo? Pelo contrário, esse fenômeno mercadológico é proposital. Faz parte de uma estratégia maior que visa balizar todos pelo consumo, passando uma falsa idéia de equidade entre os diversos estratos da sociedade, em suma, se todos consomem, todos são iguais. Conforme o *modus* operante do capital, essas pessoas fazem parte de um nicho de mercado em franca expansão; a exploração econômica é tão certa como as desigualdades da sociedade brasileira.

Para o escritor Ferréz o capital não respeita as diferenças, as faixas etárias muito menos a situação financeira das pessoas. O importante é a aprovação do crédito, do pretense comprador, e o aumento exponencial do volume de vendas da empresa. Não existem contrapartidas, o objetivo é o lucro. O consumo transforma-se no grande diferencial na vida das pessoas. O sujeito torna-se reflexo daquilo que ele consome. O texto abaixo reflete bem esse ponto de vista:

O fato é que esses grandes comércios não somam nada na quebrada, não têm projeto social, não se adaptam à cultura local, pelo contrário. Nas periferias eles barbarizam os idosos, empurrando todo tipo de mercadoria, exploram os desinformados, com uma calculadora rápida e muitos sorrisos. Prometem relógio de brinde, com a dupla sertaneja de apoio. E o crédito vai sendo aprovado, afinal nosso povo é honesto, sofre, mas não deixa manchar o nome.

² Maiores informações em: <http://www.estado.com.br/editorias/2006/05/28/eco-1.93.4.20060528.28.1.xml> . Acesso em 26 nov. 2008.

Enquanto empresários abrem outra firma, e fecham a antiga pra não pagar as dívidas. Isso é capetalismo (sic), baby! Seja bem-vindo.

A empregada que puxa o celular pra mostrar para a patroa que pode ela pode.

Somos todos iguais, e não tem nada melhor que promover a anti-revolução, afinal todos têm o que perder, todo mundo tem crédito, pode comprar tudo, até carro! Pra quê ficar revoltado?

Aquele cara embaixo da ponte não sou eu. Aquele pedindo esmola também não. Aquela senhora desempregada muito menos. Eu tenho oportunidade, se puder comprar um caminhão passo por cima da Pick-up, se puder comprar uma Pick-up passo por cima do Palio, se puder comprar o Palio passo por cima da moto, se puder...

Mas ainda não posso.

A televisão me disse que eu vou poder, com apenas uma moeda eu tiro um carro, um lindo carro, só 72 prestações.³

Diariamente as pessoas são bombardeadas por uma carga excessiva de mensagens publicitárias incentivando os mais variados tipos de consumo (materiais, imateriais, sexuais, sentimentais...), principalmente de produtos desnecessários. Não importa o local em que ela se encontre. Esse assédio se configura dentro da própria casa (através do rádio, televisão e internet), e, principalmente, no ambiente urbano (outdoors, busdoors, táxis, vitrines, carros de som, folhetos, homens-propagandas, etc). Como se não bastasse, as pessoas ainda são monitoradas silenciosamente por seus pares, amigos ou vizinhos, em razão daquilo que vestem, compram, comem ou usufruem. Poucos são aqueles que não são alvo de comentários maliciosos nesse sentido. O critério de avaliação está atrelado ao poder de compra do indivíduo, logo, quanto maior for a sua disposição para gastar, maior será a sua aceitação no seio deste “universo” contraditório. Sinteticamente falando, podemos chegar a conclusão que o consumo atua diretamente na produção psicológica e subjetiva do indivíduo, uma vez que através desta prática ocorrem mudanças significativas no comportamento das pessoas, contribuindo para que estas se sintam inseridas e aceitas em determinados grupos sociais.

O grande problema se configura quando essa necessidade mercadológica não pode ser satisfeita em sua plenitude. Ocorre que nem todos estão preparados para lidar com esse tipo de frustração. Quantos cometem atos impensados incentivados pela vontade de possuir algo que se encontra além de suas posses? O jovem pobre que se envolve com o tráfico de drogas (ou qualquer outra prática

³ Le Monde Diplomatique Brasil. A alma do consumo. São Paulo. Dezembro 2008, p. 5. Capa / Comportamento.

criminosa) para comprar o *Nike Shox* de “doze molas”⁴ ou o cidadão de “classe média” que se afunda no cheque especial praticamente estão no mesmo patamar. Por quê? A resposta é simples, ambos querem consumir, não importa o preço a ser pago. Ninguém bebe de antemão pensando na ressaca, ela é consequência direta do dia anterior. Um problema para ser resolvido no futuro, jamais no presente. Com o consumo é a mesma coisa.

Para Joel Rufino dos Santos⁵ é o desejo não satisfeito de uma parcela da população que justifica a produção em massa de bens, sejam eles materiais ou imateriais. Segundo o autor, a existência de multidões tolhidas financeiramente, com pouco ou nenhum poder de compra, acaba servindo de estímulo para aqueles que se encontram numa posição mais confortável da pirâmide social. O mercado de produtos luxuosos só alcança valores astronômicos em função da maioria não poder arcar com os preços praticados pelos revendedores dessas mercadorias. Esse segmento de consumo encontra na exclusividade o seu principal fetiche.

A aparente melhora desse quadro é perceptível em alguns lares das regiões menos favorecidas pela atual política econômica. São áreas que, apesar disso, ainda apresentam “condições sociais indesejáveis (privação de renda, dissolução familiar, deterioração das moradias ou crime endêmico e outros desvios comportamentais)”⁶. Para Wacquant, a retração das esferas estatais resulta no colapso das instituições públicas bem como na “substituição gradual da rede de assistência do Estado de bem-estar social pela rede de arrasto da polícia, dos tribunais e das prisões”⁷.

Esse tratamento repressivo dedicado as parcelas pobres (no que diz respeito somente ao poder financeiro, uma vez que essa população “compensa” suas deficiências monetárias com muita criatividade e sabedoria, diante dessas virtudes o capital torna-se letra morta, sua especificidade vira pó) é percebido diariamente em nosso cotidiano social, prova cabal dessa anomalia está no tratamento desigual destinado a “pobres” e “ricos”. Enquanto o favelado é

⁴ A tecnologia Shox usada nos Tênis Nike Shox é desenvolvida pela Nike Inc., e incorporado em diversos dos seus tênis. Os shox's são colunas pequenas que formam a sola central do tênis. São basicamente feitos de borracha redonda, em forma de molas, para uma melhor absorção de impacto. Existem modelos que vão de 4 a 12 shoz's (molas). Quanto maior for o número de molas do tênis, maior será a sua apreciação entre seus usuários. Desta maneira, os modelos TL 1 e TL 3 III (12 shoz's) são os mais cobijados, principalmente entre os jovens..

⁵ SANTOS, Joel Rufino dos. *Épuras do social – como podem os intelectuais trabalhar para os pobres*. São Paulo: Global, 2004, p.30.

⁶ WACQUANT, Loïc. *As duas faces do gueto*. São Paulo. Boitempo, 2008, p.11

⁷ Idem.

condenado impiedosamente por crimes de baixa monta, o “cidadão bem sucedido”, e acima de qualquer suspeita, tem a sua disposição autoridades fazendo lobby a seu favor, uma série de recursos impetrados em primeira, segunda e terceira instâncias, além do famoso e banalizado Habeas Corpus, concedido de maneira não muito criteriosa pelo Supremo Tribunal de Justiça.

Com essas premissas da “lei” o “sujeito influente” pratica os mais diversos crimes, dos financeiros até os considerados hediondos. Para os “pobres”, o rigor excessivo do sistema judiciário. Para os “ricos”, muita cautela e tratamento diferenciado. Os cidadãos só são iguais na parte teórica e escrita da Constituição, já que na prática a justiça “escolhe” quem deve ser punido com maior prioridade e intensidade. É o que os especialistas no direito comumente chamam de “seletividade punitiva”.⁸

O consumo tardio é caracterizado principalmente pelos produtos eletroeletrônicos assim como aqueles de maior valor-agregado (celulares, rádios-comunicadores, desktops e notebooks). A cada data significativa como natal, dia das mães e namorados, o comércio bate recordes de vendas de aparelhos como celulares, câmeras digitais, filmadoras, computadores, dvd's e até mesmo televisores de LCD / Plasma, conforme podemos observar na matéria jornalística abaixo:

O que até pouco tempo atrás não passava de um sonho de consumo já está virando realidade para muitos brasileiros. Às vésperas do Natal, as TVs com tela de cristal líquido, mais conhecidas como LCD, prometem ser a grande vedete deste fim de ano. As vendas são impulsionadas, principalmente, pelos preços, que despencaram nos últimos meses. Já há modelos de 19 polegadas a partir de R\$ 799, em grandes redes varejistas do Rio⁹.

A distribuição desses produtos pelos lares de baixa renda não é mais um fator isolado, e sim uma realidade cada vez mais presente. Vejamos o exemplo dos telefones fixo e móvel (celular). Até a metade dos anos 1990 ter uma linha telefônica em casa configurava status e pujança financeira: poucos dispunham daquele meio cômodo de comunicação. Em função das dificuldades para adquiri-lo, o telefone residencial valorizava-se a ponto de ser considerado um investimento confiável. Em suma, uma ótima moeda de troca e ativo de médio-longo prazo. Quanto mais linhas o cidadão dispusesse, melhor seria a sua situação financeira: assim rezava a lógica

⁸ ZACCONE, Orlando. *Acionistas do nada: quem são os traficantes de drogas*. Rio de Janeiro. Revan, 2007.

⁹ EXTRA. *LCD deixa de ser sonho e vira artigo popular*. Rio de Janeiro, 07 dez. 2008. Economia.

da época. O mesmo acontecia com os primeiros celulares que entraram em operação no país. Com a abertura do mercado de telecomunicações, no final da década de 90, os telefones, tanto fixo quanto móvel, alcançaram a popularização no Brasil, permitindo que os mais diversos estratos sociais os adquirissem.

Os cidadãos das chamadas classes C, D e E (considerando os critérios estatístico-econômicos) querem consumir tanto quanto aqueles que estão num patamar sócio-econômico mais elevado. Torna-se uma prioridade na vida das pessoas assim como as funções vitais do nosso organismo, a máquina do consumo não pode parar, não importa se o bem comprado é um DVD pirata ou um carro financiado. Mano Brown expressa bem essa vontade em diversas composições dos Racionais Mc's, como podemos constatar em alguns trechos de "Da ponte pra cá"¹⁰. Vejamos o que diz a letra:

Um triplex pra coroa é o que malandro quer
 Não só desfilas de Nike no pé...
 E quem não quer chegar de Honda preto em banco de couro,
 E ter a caminhada escrita em letras de ouro...
 Eu nunca tive bicicleta ou vídeo-game
 Agora eu quero o mundo igual a cidadão Kane...

Na verdade essas pessoas são estimuladas pelo próprio governo, que, indistintamente da posição na pirâmide social, enxerga no consumo das famílias um dos principais motivos de crescimento da economia do país. O exemplo mais transparente dessa análise é quando o Banco Central promove a redução do compulsório bancário entre os bancos que atuam no país, dessa maneira a "praça" passa a ter uma maior disponibilidade de recursos para incentivar os setores produtivos, e, principalmente, a população como um todo.

Essa é a lógica de uma política econômica equilibrada, pragmática, mas sobretudo, positiva, sem vícios especulativos. Quando esse movimento é afetado, pelos motivos mais diversos, e a população e as indústrias passam a ter menor acesso ao crédito, automaticamente a economia de um país entra em crise, com possibilidades reais dessa anomalia se transformar em uma recessão desastrosa. Os Estados Unidos passam por situação semelhante no momento, assim como algumas economias do mundo globalizado.

¹⁰ RACIONAIS MC'S. *Nada como um dia após o outro dia*. São Paulo: Cosa Nostra Fonográfica, 2002. 2 CDs.

O consumo acaba tomando lugar de destaque na vida das pessoas, influenciando diretamente no comportamento destas. No intuito de ilustrar melhor esse raciocínio consumista, citarei uma passagem da qual fui testemunha, num desses deslocamentos que sou obrigado a fazer pela cidade no meu dia-a-dia. Encontrava-me dentro do ônibus da linha 206 (Silvestre – Central) quando indiretamente fui “convidado” a participar, como “ouvinte”, da conversa nada discreta realizada por quatro adolescentes posicionados na fileira de bancos ao meu lado. Um dos rapazes mostrava orgulhoso o tênis Nike (aquele das molas) que acabara de comprar por R\$ 80,00 no comércio popular da Rua Uruguaiana, no centro do Rio de Janeiro.

Aparentemente o calçado mostrava as deficiências que o reprovariam em qualquer controle de qualidade, porém, tais falhas não eram o bastante para retirar do comprador a felicidade estampada em seu rosto, assim como a disposição advocatícia em comprovar para os demais amigos que se tratava de um produto legítimo, digno de confiança, apesar de todas as imperfeições apresentadas.

Um dos garotos, após observar inquieto o amigo fazer a propaganda do tênis em pleno coletivo, não quis ficar por baixo e comentou que iria “lançar a camiseta do rinoceronte¹¹, que custa R\$ 30,00”. O jovem comprador após reforçar a sua preferência pelos produtos esportivos da Nike, em detrimento da alemã Adidas, termina seu comentário da seguinte maneira, após ser questionado sobre a cor fluorescente do calçado: “Eu prefiro tênis de cor forte mesmo, assim chama bastante atenção. Você chega no baile e todo mundo olha pro seu pé, geral olha pra você”. Gonçalves¹² reforça essa idéia ao afirmar que:

A vestimenta assume uma feição de status na favela, significa entre outras coisas ter poder, inclusive no que diz respeito às relações mais íntimas. Vestir marca pode ser o objetivo principal de um mês de trabalho, e exibir a indumentária no baile do final de semana é uma forma de conseguir o reconhecimento e aceitação dentro do grupo, assim como saber dançar, atributos de pertença a “galera”.

¹¹ A camiseta em questão é da marca Ecko Unlimited, objeto de desejo de alguns jovens de comunidade do Rio de Janeiro. Esse sucesso repentino é atribuído, em parte, a música de MC Ticão, “Bonde da Ecko”. Maiores informações em: <http://www.ecko.com.br/> ; <http://www.youtube.com/watch?v=DTifcgmXnY4>.

¹² GONÇALVES, Tânia Amara Vilela. *O grito e a poesia do gueto: Rappers e movimento hip-hop no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, IFCS UFRJ, 1997.

A conclusão que se chega é que algumas pessoas tornam-se “reféns” do consumo, uma vez que através dele é possível alcançar status e visibilidade num universo onde a ostentação e a pobreza convivem na mais cristalina contradição.

Na maioria das vezes esse consumo é resultado de um financiamento de longuíssimo prazo, amparado por taxas de juros escorchantes. Em relação a esse viés especulativo Milton Santos alerta que “é lícito falar de tirania do dinheiro” já que “a finança move a economia e a deforma, levando seus tentáculos a todos os aspectos da vida”¹³. O autor também aproveita para alegar que “o consumo, tornado um denominador comum para todos os indivíduos, atribui um papel central ao dinheiro nas suas diferentes manifestações; juntos, o dinheiro e o consumo aparecem como reguladores da vida individual”¹⁴.

Além de reforçar o sentimento de inclusão social dessas pessoas, o consumo desses bens também tem contribuído para a produção de subjetividade nesses espaços urbanos. Trata-se de uma subjetividade favelada, periférica e crua, de uma estética marginal (do ponto de vista daqueles que enxergam o ‘belo’ como algo perfeito, desprovido de vícios, limpo, alvo e oriundo do ‘primeiro mundo’) sem requintes acadêmicos, porém, revestida de uma sinceridade inquietante.

Mas o que contribui para a produção dessa subjetividade? Segundo Félix Guattari, esse processo se alimenta não-hierarquicamente de experiências da família, da educação, do meio ambiente, da religião, do esporte, das artes e da indústria da mídia (cinema, rádio, televisão, publicidade, etc)¹⁵. Essa subjetivação também é reforçada pela transferência de experiências entre indivíduos de realidades distintas. Daí a importância do diálogo, cada vez mais envolvente, entre o “morro” e o “asfalto”, entre o “pobre” e o “rico”, entre o “popular” e o “erudito”.

Zuenir Ventura¹⁶, ao narrar o cotidiano das favelas de Vigário Geral e de Parada de Lucas, no subúrbio do Rio de Janeiro, nos revela uma sociabilidade capenga, alijada pela insanidade do tráfico. Uma “cidade partida”, conforme o olhar “etnográfico” do autor. Na verdade trata-se da conveniente segregação incentivada pelos setores mais favorecidos da sociedade. Discriminação essa impregnada de atitudes lamentáveis, para não dizer fascistas, caracterizada pelo estabelecimento

¹³ SANTOS, Milton. Por uma outra globalização – do pensamento único à consciência universal. Rio de Janeiro: Record, 2008, p.44.

¹⁴ Idem, p.56.

¹⁵ GUATTARI, Félix. Caosmose – um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 2006, p.14.

¹⁶ VENTURA, Zuenir. Cidade partida. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2001.

de rotas e territórios distintos, evitando dessa maneira o encontro desagradável entre o “joio” e o “trigo”.

Ao narrar o cotidiano dos guetos norte-americanos, Loïc Wacquant¹⁷ segue a mesma linha de raciocínio ao constatar que os moradores desse universo espacial são subjugados e empurrados para essas áreas de convivência pela população dominante dos Estados Unidos. Por esse viés, gueto e favela são estruturas sociais análogas. Ao invés de segregar, é necessário incentivar o diálogo entre as diferentes realidades dessa mesma cidade. Através dessa utopia reparadora é bem provável que consigamos rejuntar nossos espaços, ou ao menos evitar que os pontos dessa fissura social se alastrem.

INTERMEZZO

Alguma coisa acompanha este motivo do consumismo, que vimos tratando criticamente e apenas por um de seus lados. A História, como gostam de mostrar Deleuze e Guattari, é um feixe de devires, um mil-folhas, ou mil-platôs, em que frequentemente há camadas contraditórias que parecem seguir em paralelo, fazendo movimentos que se opõem e que seguem tranquilamente, nos mesmos tempos e lugares, embaralhando nossas leituras muito simplificadas, ou simplificantes.

É isto que vai ficar aparente daqui para diante, quando passamos a enfocar os efeitos de mudanças tecnológicas recentes – muitas virando rapidamente produtos de consumo – principalmente na região dos produtos de “informação e comunicação” – e que vão afetar a vida social e cultural, a produção mesmo da cultura – com acesso possível às classes “oprimidas”, aos “desprivilegiados”, no mesmo tempo que esses itens tecnológicos são destinados às classes dominantes, letradas e “bem colocadas”. É a democracia a revelia, a contragosto dos monopolizadores. Onde quem não tem não se inibe, e faz questão de possuir através das oportunidades que o universo digital proporciona. A rede está aí para mudar os paradigmas e as relações entre o “mercado” e o “consumidor”.

Outras formas de produção cultural e/ou o acesso à produção cultural – não só ao consumo – se tornam possíveis para camadas sociais antes excluídas desse jogo. Outras vozes, outros atores sociais vão surgindo (como veremos, sem deixar

¹⁷ WACQUANT, Loïc. As duas faces do gueto. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008.

de carregar, em alguns recantos, a herança das desigualdades de longa história na nossa sociedade). Mas alguma coisa se move, e isso precisa ser pensado.

Há uma “luta política” quase escondida, entre os democratizantes, socializadores, e os “proprietarizantes” conservadores no centro mesmo do universo da produção tecnológica inovadora da “informação e comunicação”: luta cujos atores, dos dois lados, são desde engenheiros, analistas, criadores acadêmicos de sistemas logiciais, aprendizes e criadores espontâneos que se apropriam deste mesmo saber, piratas, invasores, que tem acesso às mesmas tecnologias, frequentemente imateriais.

Esta luta acompanha, no fundo, o campo principal da história que narramos, que é o da criação cultural, da produção de novos territórios culturais, sociais e políticos que são indiscerníveis de seus instrumentos técnicos – instrumentos técnicos sujeitos, igualmente, a invasões e pilhagens (num outro plano ou platô da mesma luta).

CONTINUANDO

Uma máquina ou filmadora digital na mão de um jovem de comunidade torna-se tão interessante ou até mesmo mais importante que o “uniforme” da Osklen¹⁸ ou o fuzil ostentado pelo bandido a serviço do tráfico. Através dum olhar-vídeo¹⁹ novas possibilidades e perspectivas podem ser vislumbradas no horizonte deste indivíduo, assim como existe a chance da sua realidade ganhar visibilidade, ser captada e reproduzida através da singularidade de sua ótica, sem a necessidade de interpretar o papel do eterno “objeto de estudo” (estereotipado) manipulado por *experts* interessados em transformar a pobreza e a miséria em produtos etnográficos geradores de cifrões (livros, filmes, novelas, etc).

Projetos como o “Nós do Morro”²⁰, da Comunidade do Vidigal, ajudam os moradores dessas localidades a reforçarem esse novo paradigma periférico positivo. Iniciativas desse gabarito são bem vindas a qualquer hora e momento, até

¹⁸ Grife carioca de vestuário muito utilizada pela classe média... e principalmente pelos traficantes do Rio de Janeiro. Apesar de seus preços exorbitantes, muitos jovens de comunidade se esforçam para adquirir peças da Osklen, até porque para esse grupo a marca é sinônimo de status e poder.

¹⁹ De acordo com Félix Guattari o olhar-vídeo é fruto das percepções e interações a que o sujeito é submetido, sejam elas externas ou internas, coletivas ou individuais.

²⁰ Projeto cultural que desenvolve atividades cinematográficas, audiovisuais e musicais entre os moradores do Vidigal.

porque a omissão do Estado nesses espaços de “condições sociais indesejáveis” não deve servir como justificativa para que essa população abra mão de sua cidadania. Entretanto, torna-se necessária a devida atenção para aqueles que fazem das ONGs, e do Terceiro Setor em geral, um caminho fraudulento para a obtenção de vantagens pessoais.

A vontade de ajudar ou incentivar pessoas deve ser superior ao brilho dos holofotes da mídia e das alianças passíveis de suspeição. Quando uma determinada organização não governamental aparece exageradamente no vídeo de uma mesma emissora (mostrando sempre a mesma idéia ou projeto), provavelmente algo deve estar errado. É preocupante a união de alguns rappers com conglomerados de comunicação que sempre se alinham com o time que possui o monopólio da bola, em suma, os “donos” da situação. Automaticamente esses sujeitos, oriundos das favelas e regiões periféricas, acabam reproduzindo o discurso daqueles que manipulam a situação e, implicitamente ou não, fazem o trabalho de convencimento e controle social que seria bem mais difícil caso fosse realizado por esse grupo dominante. O que é mais fácil para o Governo do Estado, controlar o povo através do seu braço armado ou delegar essa tarefa para o Afroreggae? O tempo desperdiçado nessa cantilena poderia ser aproveitado em ações realmente voltadas para o benefício dos mais necessitados.

A divulgação da cultura, de forma ética e comprometida, e a conseqüente produção de subjetividade envolvida nesse processo, não estão mais restritas ao circuito tradicional das galerias, mostras e exposições. Ou seja, não é mais exclusividade das “grandes engrenagens”²¹ que orientavam a criação artística segundo seus próprios critérios. Os esquemas elitizados de criação são obrigados a conviver, no âmbito artístico, com os coletivos de artes, caracterizados por suas intervenções nada convencionais. O aparecimento de novas expressões culturais ajuda a romper, e ao mesmo tempo desconstruir, toda uma lógica artística em voga.

As regiões menos favorecidas financeiramente, eternas áreas de “aventuras” (favela-tour, drogas, bailes funks, samba, sexo etc) e prateleiras de mão-de-obra barata para as classes mais abastadas (como se os pobres fossem mercadorias sazonais, importantes somente em determinados períodos da vida), mostram de uma maneira *sui generis* que seus espaços podem ser visíveis também

²¹ SODRÉ, Nelson Werneck. Síntese de história da cultura brasileira. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999, p.65.

por sua subjetividade, sociabilidade, bem como por seu viés cultural. Ivana Bentes²² captou bem esse contexto ao afirmar que:

A cultura das favelas e periferias também é um contraponto para a visão estereotipada das favelas como fábricas de morte e violência, aspecto recorrente na mídia e no cinema que revela apenas a imagem da favela-inferno, território a [sic] pulsão de morte, sem olhos para a cultura de resistência e vitalidade que vem sendo forjada aí e sua relação com novas formas de trabalho e ocupação.

1.1 O impacto da virtualidade nas comunidades cariocas

Além da mudança de hábito das pessoas dessas regiões, no que concerne ao consumo, é importante frisar também o crescimento latente nas comunidades de baixa renda dos pontos de acesso à internet, conhecidos como *lan houses*. Historicamente, os empreendimentos realizados nas favelas, e em suas imediações, estavam restritos a atividades de pequeno e médio vulto comercial, como bares, mercearias e principalmente lojas de materiais de construção (co-responsável pela expansão dessas comunidades, já que o protagonista por essa situação anormal é o poder público, por não apresentar políticas habitacionais efetivas para combater essa mazela social).

Atualmente essa visão empreendedora, conservadora e restrita tem sido alvo dos novos cenários e paradigmas, fato esse explicado pela rapidez com que as tecnologias da informação e da mídia invadem os lares mundo a fora, independente da condição financeira do público a ser atingido. “A cada minuto que passa, novas pessoas passam a acessar a Internet, novos computadores são interconectados, novas informações são injetadas na rede”²³. A globalização (por mais clichê que possa parecer) tem uma parcela importantíssima nesse processo. Entretanto, esse mantra mundial, entoado pelos defensores do capital e dos mercados auto-regulados, é alvo de críticas por parte daqueles que não concordam com as políticas de cunho neoliberal.

Segundo Wacquant²⁴, o neoliberalismo concorre para o enfraquecimento do Estado, uma vez que este passa a ter um papel cada vez mais coadjuvante nas

²² BENTES, Ivana. Redes colaborativas e precariado produtivo. Artigo a ser publicado na Revista Periferia, do Curso de Mestrado em Educação, Comunicação e Cultura em Periferias Urbanas da FEBF / UERJ.

²³ LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999, p.111.

²⁴ WACQUANT, Loïc. *As duas faces do gueto*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2008

ações voltadas para o bem-estar da população como um todo, por outro lado esta mesma instituição estatal substitui os subsídios sociais pelo recrudescimento do aparato de controle e repressão, representado pela tríade polícia, tribunal e prisão. Jameson²⁵ enxerga nesse fenômeno o fortalecimento do desemprego e o empobrecimento de diversas regiões do globo, uma vez que o capital financeiro das grandes corporações transnacionais é atrelado ao viés especulativo dos mercados mundiais. A fuga de capitais torna-se uma constante na realidade dos países dependentes dessa dinheirama virtual.

Diante dos últimos acontecimentos mundiais (queda vertiginosa das bolsas de valores mundo afora, em razão da crise gerada pelo setor imobiliário norte-americano, e a conseqüente operação de resgate impetrada pelas autoridades financeiras dos países mais atingidos pela “quebra” do cassino capitalista), percebe-se nitidamente que esse sistema econômico, de viés extremamente especulativo, está com seus dias contados. Se os mecanismos deletérios adotados pelo mercado financeiro global não forem revistos e os estados não voltarem a ter uma maior influência nessas esferas econômicas (para o desespero dos teóricos neoliberais), provavelmente o mundo mergulhará em uma recessão de efeitos catastróficos.

Depois do breve excuroso acerca da atual crise econômica mundial, voltemos à análise de Lévy sobre os efeitos da crescente digitalização no mundo. Esse fenômeno vai se confirmando à medida que a procura pelo acesso a internet nas favelas explica o crescimento expressivo desse novo nicho do mercado “marginal”.

A demanda é forte. Cobrando geralmente entre R\$ 1 e R\$ 2 por hora, as 'lans' estão sempre cheias - têm clientela cativa -, a despeito da presença de telecentros municipais e estaduais que oferecem uso gratuito nas periferias. Centros de acesso pago são a principal forma de conexão dos brasileiros das classes D e E à rede mundial de computadores: representam 48,08% do total, segundo dados do Comitê Gestor da Internet (CGI)²⁶.

Marcus Tavares, em artigo escrito para o jornal O Dia, vai mais além e amplia o debate ao discutir o impacto das *lan houses* nas comunidades de baixa renda do Rio de Janeiro.

O que isso significa? Que as crianças e os jovens das comunidades carentes estão tendo, cada vez mais, acesso não apenas às informações e

²⁵ JAMESON, Fredric. Globalização e estratégia política. *Novos Estudos*, CEBRAP, n. 61, nov. 2001.

²⁶ http://www.direitoacomunicacao.org.br/novo/content.php?option=com_content&task=view&id=1478. Acesso em 14/08/2008.

aos conhecimentos dos mais variados assuntos, mas também a chance de partilhá-los e construí-los. Os recursos mais utilizados por essas crianças e jovens são o MSN, o Orkut e o Flogão. É a Web 2.0 promovendo o conteúdo colaborativo e as redes sociais. Os pequenos usuários são instigados, então, a produzir vídeos, textos, músicas e games.²⁷

Entretenimento e informação são os principais motivos que levam os jovens das favelas e periferias a freqüentar esses pontos pagos de acesso a internet. Essa mudança de comportamento pode ser verificada no cotidiano dessa juventude: a presença entre eles de aparelhos como tocadores digitais de música (MP3), armazenadores de conteúdo (pen drive) e o uso de palavras e termos específicos da rede virtual em seu vocabulário (esse neologismo e estrangeirismo também é observável na composição de músicas como o rap e o funk) encontra-se num processo franco de expansão.

O processo de apropriação informacional em que esses jovens se inserem os capacitam a multiplicar parte desse conhecimento entre aqueles que não possuem nenhuma noção sobre internet, computadores e suas possibilidades. De usuários virtuais, automaticamente esses sujeitos são alçados a condição de agentes colaboradores a serviço da inclusão digital no âmbito de suas comunidades.

1.2 A colaboração como alternativa

A despeito do sucesso das *lan houses*, nas comunidades menos favorecidas economicamente, é importante frisar que muitos moradores dessas localidades ainda não têm condições financeiras de freqüentarem esses lugares. Para alguns a quantia de R\$1,00 ou R\$1,50 por hora de acesso é irrisória, porém, para outros é significativa. Esses valores podem ser a diferença crucial entre a alimentação mínima e o nada. Qual seria a solução mais adequada? Uma possibilidade é a ampliação, no âmbito das favelas, das Escolas de Informática e Cidadania (EIC) do Comitê para a Democratização da Informática (CDI). Tal medida favoreceria aqueles que não dispõem de recursos para a compra de computadores.

A outra possibilidade advém do Governo do Estado do Rio de Janeiro, que

²⁷ Maiores informações em:
http://odia.terra.com.br/opiniaio/htm/marcus_tavares_efeitos_das_lan_houses_165227.asp. Acesso em 14/08/2008.

após colocar em prática uma rede de acesso Wi-Fi²⁸ gratuita em Copacabana, tem em mente levar essa tecnologia para as favelas de Parada de Lucas e Vigário Geral, em novembro de 2009, e mais adiante a outras regiões, como a Baixada Fluminense²⁹. Parcerias nesse sentido são fundamentais para a consolidação da almejada inclusão digital, além de contribuir para a diminuição do abismo social existente em nosso país. Situação semelhante e pioneira foi colocada em prática nos E.U.A. num passado não muito distante:

O movimento social californiano Computers for the People quis colocar a potência de cálculo dos computadores nas mãos dos indivíduos, liberando-os ao mesmo tempo da tutela dos informatas. Como resultado prático desse movimento “utópico”, a partir do fim dos anos 70 o preço dos computadores estava ao alcance das pessoas físicas, e neófitos podiam aprender a usá-los sem especialização técnica. O significado social da informática foi completamente transformado.³⁰

O objetivo dessas medidas é mostrar “que a inclusão digital vai além das ‘aulas de informática’, ampliando-se para outras iniciativas como atividades culturais, de geração de trabalho e renda e de mobilização comunitária, por exemplo”³¹. Numa segunda etapa, viabilizado o acesso democrático de computadores pessoais, o exemplo de cidades digitais, como Piraí (RJ) e Tiradentes (MG) poderia ser reproduzido nessas localidades de baixa renda.

Num momento em que muito se fala no trabalho baseado na colaboração, não devemos nos esquecer que a estrutura social das favelas sempre foi embasada nessa característica. A título de ilustração podemos citar o caso de vizinhos que se encarregam de tomar conta de crianças para que seus pais possam trabalhar, o rizomático serviço de moto-táxi, que a preços módicos, diminui a via crúcis do trabalhador no trajeto, nem sempre fácil, entre o morro e o asfalto e o mutirão de moradores visando a construção da casa do amigo e / ou parente.

Dos casos citados, talvez o mais emblemático, no que diz respeito a colaboração, seja este último, também conhecido como “virar laje”. Este sem dúvida é o evento que tem a união como ingrediente principal, uma vez que sozinho é praticamente impossível erguer essa estrutura de concreto e vergalhões,

²⁸ Tecnologia que permite acessar a internet sem uso de cabos ou fios.

²⁹ Maiores informações em: <http://g1.globo.com/Noticias/Rio/0,,MUL792454-5606,00.html>. Acesso em 27/10/2008.

³⁰ LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999, p.125.

³¹ Maiores informações ver em: http://www.cdi.org.br/LotusQuickr/cdi_/PageLibrary032572E9006A7464.nsf/h_Toc/09BA0E7A2E9A311B832574860062C347/?OpenDocument. Acesso em 16/07/2008.

indispensável à maioria das casas. Como diz o adágio popular “a união faz a força”.

O processo inicia-se através do convite formalizado pelo futuro proprietário ao seu círculo de parentes e amigos, para tanto, torna-se necessário “dar uma forra” no dia do “evento” (quase sempre realizado nos finais de semana), ou seja, disponibilizar para os trabalhadores envolvidos no processo construtivo alguma compensação em troca do esforço a ser realizado. Geralmente costuma-se oferecer uma feijoada, mocotó ou qualquer outra comida “forte”, já que se trata de um pré-requisito que não deve ser desrespeitado, caso isso ocorra corre-se o risco do “time do cimento” perder a motivação e, conseqüentemente, cancelar a obra. Também é importante não se esquecer das “cachaças” (para abrir o apetite, como dizem os mais velhos) e das cervejas, responsáveis por manterem elevado o moral dos “colaboradores”. Uma roda de samba no fim do processo é sempre bem-vinda.

A “virada da laje” é um momento único e importante no cotidiano das favelas e comunidades pobres, uma vez que tal ato ajuda a reforçar os laços de amizade, companheirismo, cidadania e união. Narro essa situação não como aquele que ouviu falar ou observou de perto esse fenômeno social, mais sim como testemunha braçal, afinal de contas já tive a oportunidade de passar alguns finais de semana em contato permanente com concreto, vergalhão, cachaça e cerveja. Meu sogro, e suas obras intermináveis, é o maior responsável por me iniciar nesse ofício. Quantas vezes tomado pelo cimento me peguei cantando o refrão do “Rap do Pedreiro”³², dos funkeiros Gorila e Preto:

É o bonde, é o bonde, é o bonde...pra virar a laje
Aí, aí, aí, ui, ui, ui
Demorôooooo!

Exemplos são os mais diversos, até porque os moradores dessas comunidades estão sempre procurando alternativas voltadas para a superação dos incontáveis obstáculos cotidianos. Esse tipo de sociabilidade baseada no trabalho colaborativo é definido por Hardt e Negri como produção biopolítica, que é o oposto do biopoder, que se encontra “acima da sociedade, transcendente, como uma autoridade soberana”³³, desprezando os preceitos da democracia.

³² Maiores informações em: <http://www.gorilaepreto.kit.net/realese.htm>

³³ HARDT, Michael & NEGRI, Antonio. *Multidão – guerra e democracia na era do Império*. Rio de Janeiro: Record, 2005, p.135.

Possibilidades de colaboração são várias, basta atentarmos para aquelas que melhor se adaptem a especificidade da problemática apresentada. Como exemplo desta possibilidade é interessante citarmos aqueles que se dedicam a causa do *open source*, ou seja, o *software* livre. O momento é cada vez mais propício para o desenvolvimento de soluções participativas no cerne do espaço virtual, o conceito de Web 2.0³⁴ está aí para corroborar essa análise. Podemos afirmar que estamos diante de uma tendência que só tende a aumentar e a conquistar novos adeptos, conforme palavras de Silveira.

O movimento do software livre é um movimento pelo compartilhamento do conhecimento tecnológico. Começou nos anos 1980 e se espalhou pelo planeta levado pelas teias da rede mundial de computadores. Seus maiores defensores são os hackers, um grande número de acadêmicos, cientistas, os mais diferentes combatentes pela causa da liberdade e, mais recentemente, as forças político-culturais que apóiam a distribuição mais equitativa dos benefícios da chamada era da informação. Seus maiores opositores são megaempresas que vivem exclusivamente de um modelo econômico baseado na exploração de licenças de uso de software e do controle monopolístico dos códigos essenciais dos programas de computadores.³⁵

Talvez o exemplo mais conhecido de *software* livre seja o sistema operacional *Linux*, concorrente direto e alternativa viável à plataforma *Windows*, da *Microsoft*. Esse sistema aberto se caracteriza pela possibilidade de permitir que qualquer pessoa, que tenha conhecimento em informática / programação, possa modificá-lo e melhorá-lo com total autonomia. Essa iniciativa de permitir que um terceiro possa modificar a estrutura de um programa sem atentar contra as regras dos direitos autorais é conhecida como *copyleft*, um trocadilho com o termo *copyright*, que é justamente o inverso, ou seja, protege a obra do autor contra alterações e apropriações indébitas. Richard Stallman é considerado o idealizador dessa prática, ao correlacionar o *copyleft* a licença pública GPL (*General Public License*). Stallman aproveita para nos mostrar as maneiras pelo o qual um software pode ser livre:

A forma mais simples de fazer que um programa seja livre é colocá-lo em domínio público, sem direitos reservados. Isto permite compartilhar o programa e suas melhorias com as pessoas, se assim

³⁴ Considerada a internet de segunda geração. Caracterizada pela interatividade e participação do usuário em seu processo de desenvolvimento. Sites como o Orkut e o My Space representam bem essa nova tendência.

³⁵ SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. *Software livre: a luta pela liberdade de conhecimento*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004, p.5,6.

o desejarem. Mas também permite que pessoas não cooperativas convertam o programa em software privado. Elas podem fazer mudanças, muitas ou poucas, e distribuir o resultado como um produto privado. As pessoas que recebem o programa com essas modificações não tem a liberdade que o autor original lhes deu; o intermediário lhes retirou. No projeto GNU, nosso objetivo é dar a todo usuário a liberdade de redistribuir e modificar o software GNU. Sem que os intermediários pudessem retirar essa liberdade, nós teríamos muitos usuários, mas esses usuários não teriam liberdade. Assim em vez de colocar software GNU no domínio público, nós os protegemos com Copyleft. Copyleft implica que qualquer pessoa que redistribua o software, com ou sem modificações, deve dar a liberdade de copiar e modificá-lo mais. Copyleft garante que cada usuário tenha liberdade.³⁶

Assim como existem pessoas comprometidas em desenvolver programas e apetrechos voltados às tecnologias da informação / comunicação, existem também aquelas que se especializam em “quebrar” ou “enganar” códigos de segurança de alguns produtos ou serviços online como equipamentos eletrônicos, celulares, *softwares*, bem como o acesso a alguns sites pagos. A partir do momento que o código fonte de um programa é “crakeado” ou rompido, automaticamente o conteúdo, antes restrito, é partilhado por uma gama considerável de pessoas que certamente não teriam condições financeiras de arcar com os preços abusivos das grandes corporações criadoras de *softwares* e produtos voltados para o entretenimento ou funções utilitárias.

“Os saberes encontram-se, a partir de agora, codificados em bases de dados acessíveis on-line, em mapas alimentados em tempo real pelos fenômenos do mundo e em simulações interativas”³⁷. Lógico que atitude como essas estão passíveis de sanções penais. É por essa razão que a produção de programas alternativos deve ser estimulada.

Quem sai perdendo nessa história? Sem sombra de dúvidas empresas como a *Microsoft*, que ao invés de praticar um preço justo em seus produtos (o que acabaria ajudando a democratização da tecnologia e gerando retorno financeiro pela quantidade de adquirentes), prefere cobrar o máximo que considera viável e lucrativo. Como não está na pauta desses fabricantes a reconsideração dos valores praticados, até porque a margem de lucros excessiva é o tripé de sustentação dessa indústria, cabe aos *crackers* o ataque aos “anticorpos” encarregados de manter a

³⁶ Maiores informações no site: <http://www.gnu.org/>. Acesso em 16/07/2008.

³⁷ LÉVY, Pierre. *Cibercultura* São Paulo: Editora 34, 1999, p.166

“integridade física” desses programas, lançando-os gratuitamente na *internet* através de sites de busca como *Superdownload*³⁸ e *Baixaki*³⁹.

Bastam alguns cliques no mouse para que o download se complete e o cidadão comum quebre a lógica do mercado. Não foi preciso entrar em confronto com a polícia, nem colocar fogo ou jogar pedras nas sedes *cool* das empresas do Vale do Silício.

1.3 O imaterial como resultado direto da colaboração

Com a crise do fordismo e do taylorismo novas formas de trabalho passaram a predominar. No trabalho pós-moderno o trabalhador está envolvido diretamente, intelectual e afetivamente, no processo de criação. O trabalhador já não é mais avaliado pela quantidade de horas que pode produzir, e sim pelo conhecimento e envolvimento pessoal em determinado projeto. Vivemos o momento do trabalho imaterial. Em relação a suas características é importante frisar que:

O conhecimento se tornou a principal força produtiva, e que, conseqüentemente, os produtos da atividade social não são mais, principalmente, produtos do trabalho cristalizado, mas sim do conhecimento cristalizado. Indica também que o valor de troca das mercadorias, sejam ou não materiais, não é mais determinado em última análise pela quantidade de trabalho social geral que elas contêm, mas, principalmente, pelo seu conteúdo de conhecimentos, informações, de inteligências gerais.⁴⁰

Além do conhecimento, este trabalho também “produz produtos imateriais, como a informação (...) idéias, imagens, relacionamento e afetos”⁴¹. “Encontramos em tempo de vida global, na qual é quase impossível distinguir entre o tempo produtivo e o tempo de lazer”⁴². A colaboração é de suma importância para a efetivação dessa nova fase do capitalismo baseado no conhecimento e na inteligência, ou capitalismo cognitivo, como preferem alguns autores franceses como Yann Moulier-Boutang. Essa inteligência coletiva, ou intelectualidade de massa, tem feito a diferença no cotidiano desse novo processo de produção. Cabe ressaltar que

³⁸ Maiores informações em: <http://superdownloads.uol.com.br/windows/index.html> . Acesso em 20/07/2008.

³⁹ Maiores informações em: <http://baixaki.ig.com.br/> . Acesso em 20/07/2008.

⁴⁰ GORZ, André. *O imaterial* – conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005, p.100.

⁴¹ HARDT, Michael & NEGRI, Antonio. *Multidão* – guerra e democracia na era do Império. Rio de Janeiro: Record, 2005, p.100.

⁴² Idem, p.30.

Marx, em pleno século XIX, já havia atentado para este fato através da teoria do *General Intellect*.

O trabalho imaterial se faz presente nas universidades, nas artes, na publicidade, nas indústrias ou atividades descentralizadas (a *Benetton*⁴³ é um exemplo prático dessa tendência), no cinema, rádio, televisão e principalmente no meio musical. Esse trabalho “desregrado”, no sentido de não se prender as formas tradicionais trabalhistas (horários, remuneração, centralidade ocupacional, relação patrão-empregado, etc.), tem provocado mudanças nos paradigmas tradicionais das “cadeias produtivas”.

Essas transformações já são visíveis na rotina de algumas empresas que resolveram apostar nesse novo modelo de relação trabalhista. Nessa modalidade o sujeito é remunerado para exercer suas tarefas a partir de sua residência ou qualquer outro espaço que não seja o local de trabalho ou o escritório propriamente dito. A relação se dá pelo cumprimento de metas e objetivos estabelecidos, não importa como e quando a tarefa será realizada: o primordial é que o serviço contratado seja elaborado dentro do prazo. Advogados, engenheiros, arquitetos, corretores e uma gama variada de profissionais já se utiliza desta maneira diferenciada de trabalho.

Por outro lado esse desregramento pode ser prejudicial à figura daquele que se encarrega de realizar as tarefas contratadas pela parte majoritária, no caso o capital dominante. Uma vez que não existem dias ou horários pré-estabelecidos para a realização dessas obrigações, a empresa, dependendo do caso, passa a ter um controle maior da vida do sujeito. Nessas condições torna-se difícil distinguir o que é trabalho, hora-extra, descanso, lazer, privacidade (...). A situação fica mais complicada a partir do momento que o profissional conservador, seguidor de rotinas e horários, inicia uma tarefa no ambiente de trabalho, e em função das pressões, deixa para terminar essa atividade em casa. A exploração atinge o seu auge. Esse tipo de situação é muito comum na vida dos profissionais da educação. O trabalho imaterial atrelado as grandes empresas não parece ser uma boa opção para os trabalhadores acostumados às relações de trabalho tradicionais.

A situação muda de figura a partir do momento em que o sujeito tem a possibilidade de usar o talento e o tempo a seu favor, passando a dar as cartas do

⁴³ Maiores informações ver em: LAZZARATO, Maurício; NEGRI, Antonio. *Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

jogo e gerindo o seu próprio negócio. O auto-emprego passa a ser uma ferramenta importante no campo do trabalho imaterial, conforme palavras de Gorz:

A pessoa deve, para si mesma, tornar-se uma empresa; ela deve se tornar, como força de trabalho, um capital fixo que exige ser continuamente reproduzido, modernizado, alargado, valorizado. Nenhum constrangimento lhe deve ser imposto do exterior. Ela deve ser sua própria produtora, sua própria empregadora e sua própria vendedora, obrigando-se a impor a si mesma constrangimentos necessários para assegurar a viabilidade e a competitividade da empresa que ela é.⁴⁴

Esse auto-emprego tem se popularizado entre os membros da cultura hip-hop, em parte graças ao barateamento e a acessibilidade dos meios necessários para a realização desses projetos. A internet, os computadores pessoais e os softwares disponibilizados “gratuitamente” na rede, são os grandes responsáveis por esse boom de novos produtores imateriais. Com essas possibilidades tecnológicas qualquer dj ou rapper que tenha a sua disponibilidade um quarto, garagem ou sótão pode transformar esses espaços em estúdios de gravação da noite para o dia. Basta ter o equipamento mínimo necessário para que a teoria torne-se prática. Mesmo aqueles que não dispõem dos recursos conseguem dar continuidade as suas idéias: inúmeras são as pessoas que se utilizam dos meios do trabalho, da faculdade, do vizinho e da rádio comunitária para produzir. Quanto a mixagem, isso é o de menos. Sempre existe um amigo de plantão nos estúdios tradicionais ou caseiros dispostos a fazer o trabalho “clandestinamente” ou a preços camaradas (alguns o fazem até mesmo no “amor”, ou seja, na consideração, sem retorno financeiro algum). Nessas horas é sempre bom ter um extenso círculo de amizade. “O novo produtor de cultura das favelas e periferias faz parte de um precariado global, são os produtores sem salário nem emprego. São os trabalhadores do imaterial”.⁴⁵

O mais importante em todo esse processo é que a produção resultante dessas experimentações não precisa da mídia tradicional para ser divulgada. Práticas desonestas como o “jabá” perdem o sentido e a “eficácia” no atual modelo “faça você mesmo”. Existe uma multiplicidade de canais para escoar essa subjetividade musical: talvez o mais importante no momento seja a rede mundial de

⁴⁴ GORZ, André. *O imaterial – conhecimento, valor e capital*. São Paulo: Annablume, 2005, p.23.

⁴⁵ BENTES, Ivana. *Redes colaborativas e precariado produtivo*. Artigo a ser publicado na Revista Periferia, do Curso de Mestrado em Educação, Comunicação e Cultura em Periferias Urbanas da FEBF / UERJ.

computadores. A internet, através do conceito participativo conhecido como Web 2.0, disponibiliza gratuitamente sites de relacionamento e divulgação como o *You Tube*, *Orkut* e *My Space*, onde é possível inserir áudio, imagens e textos do artista, banda ou grupo a ser divulgado. Além do mais, como frisou Gorz anteriormente, o “processo produtivo” não necessita mais de representantes, empresários ou atravessadores. O autor-produtor administra suas próprias criações, passando a ter um maior controle sobre a repercussão e o rendimento de sua obra. O caso que mais resume essa tendência é do grupo de rap Racionais MCs: produzem, distribuem e vendem o próprio material artístico sem a interferência de agentes desnecessários. Nessas novas condições a lógica capitalista passa de protagonista à coadjuvante do circuito criativo.

Polêmicas, como a levantada pelo músico Lobão,⁴⁶ referentes ao real número de cópias produzidas e vendidas pela gravadora passam a ter menor importância se medidas como essas forem tomadas pelo artista. Além da preocupação com o controle da sua produção, o músico foi ousado ao utilizar a internet como uma das formas de divulgação do seu trabalho no circuito alternativo: atitude semelhante tem sido utilizada pelos jovens produtores de ritmos como o *funk* e o *rap* (Marechal, Kapella, DJ Saci e Iky Castilho são alguns dos representantes dessa tendência).

Esses *rappers*, *dj's* e produtores não possuem firma constituída, CNPJ, muito menos quadro de funcionários; somente poucos equipamentos, cabendo ao computador pessoal e a internet o mérito de transformar idéias em trabalhos imateriais. A sociedade aqui não é anônima muito menos limitada, graças à rede cibercultural torna-se ilimitada.

Essa produção é viabilizada através de redes colaborativas (sustentadas, sobretudo, pela amizade desses agentes), cabendo a cada indivíduo dessa cadeia uma responsabilidade nos diversos momentos do processo produtivo, como criação, divulgação, distribuição e venda (quando é o caso, já que muitos não estão tão interessados em vender mídias e sim de transformarem a divulgação da internet em shows, o que gera um maior retorno). Comprovando a lógica, tiro como exemplo o ocorrido com o rimador Macarrão que recebeu uma proposta de trabalho na Europa

⁴⁶ Em 1999 o cantor rompe com o universo das grandes gravadoras e lança cd no circuito alternativo, para tanto se utiliza das bancas de jornal, da internet e de algumas lojas para divulgação do seu trabalho. Para um maior controle de sua obra passa a numerar os discos produzidos, atitude inédita no mercado fonográfico brasileiro. Atualmente é diretor artístico da revista-cd OUTRACOISA.

após ter seu endereço no *My Space* visitado por um “gringo”. Já o companheiro Funkero, no documentário L.A.P.A, narra que a dedicação de uma amiga o fez parar na televisão, num programa de auditório dominical. Segundo ele, essa colaboradora produziu diversos DVD’s com suas performances e distribuiu entre os camelôs da região.

A atitude despretensiosa da amiga produtora ajudou a alavancar a sua carreira e a torná-lo mais conhecido tanto localmente quanto regionalmente, conforme suas palavras abaixo.

Essa aí é a mina daqui da área que faz a parada. Tipo, ela ta fazendo o DVD de todas as festas. Mano, tem uns seis para sair: “Essa vai pra tu”, “Prostituto”, esse de ontem (...) muito DVD (...) vai tudo para o camelô! O bagulho fica (...) mano (...) maluco eu fui parar na televisão: apareci no Gugu. Eu nunca fui tão pinchado na minha área quanto agora, só com essa porra do DVD do camelô, eu juro pra você Emílio! Juro pra você, mano! Na moral, brother!⁴⁷

O resultado alcançado pela amiga do “rapeador” é o que André Gorz⁴⁸ costuma chamar de “externalidades positivas”, ou seja, através de interações individuais é possível alcançar resultados positivos que beneficiam toda uma coletividade. O fruto desse processo passa a ser repetido sintomaticamente entre os membros dessa comunidade, assim como um rizoma, uma grande rede de solidariedade. A título de comparação, podemos citar a estrutura social das favelas como exemplo prático dessa realidade.

As batalhas de MC’s⁴⁹, fruto da dedicação e organização em rede de alguns *rappers*, *dj’s* e agitadores culturais, têm trabalhado de maneira semelhante, revelando novos talentos da cena hip-hop. Rimadores como Papo Reto, Marechal, Aori, Don Negrone e o próprio Funkero são expoentes desse circuito que começou alternativo e progressivamente foi ganhando proporções vultosas.

Além de blogs e ferramentas colaborativas / interativas (*You Tube*, *My Space*, *MSN*, *Orkut*, etc.), sites especializados como “Bocada Forte” e “Enraizados” ajudam a disseminar essa subjetividade cultural, produzida, na maioria das vezes, pelas populações oriundas de regiões ditas carentes.

⁴⁷BORGES, Cavi ; DOMINGOS, Emílio. *L.A.P.A* [DVD]. Rio de Janeiro: Cavideo / Virtual Filmes, 2007. Documentário que mostra o bairro da Lapa como celeiro e ponto de encontro de alguns componentes da cena hip-hop carioca.

⁴⁸GORZ, André. *O imaterial* – conhecimento, valor e capital. São Paulo: Annablume, 2005, p.21.

⁴⁹Disputa oral, semelhante ao repente nordestino e ao samba carioca de improviso, praticada entre os rimadores da Lapa, no início dos anos 2000. Em função dos participantes contribuírem com a quantia de R\$ 1,00 o desafio ficou conhecido como “Batalha do Real”.

Fica claro, assim, o quão impactante tem sido a influência das novas tecnologias no âmbito do nosso cotidiano, sobretudo nas camadas menos favorecidas. Esses fatores têm proporcionado novos devires, perspectivas e modalidades de subjetivação (força motriz do trabalho imaterial). Como coloca Pierre Lévy:

Não quero de forma alguma dar a impressão de que tudo o que é feito com as redes digitais seja “bom”. Isso seria tão absurdo quanto supor que todos os filmes sejam excelentes. Peço apenas que permaneçamos abertos, benevolentes, receptivos em relação à novidade. Que tentemos compreendê-la, pois a verdadeira questão não é ser contra ou a favor, mas sim reconhecer as mudanças qualitativas na ecologia dos signos, o ambiente inédito que resulta da extensão das novas redes de comunicação para a vida social e cultural. Apenas dessa forma seremos capazes de desenvolver estas novas tecnologias dentro de uma perspectiva humanista.⁵⁰

⁵⁰ GORZ, André. *O imaterial – conhecimento, valor e capital*. São Paulo: Annablume, 2005, p.14.

2 AS ORIGENS DO RAP: CONEXÕES ENTRE ÁFRICA, JAMAICA E NOVA YORK

O *rap*⁵¹, assim como o samba, o *jazz* e o *reggae*, possui raízes na tradição oral africana, nos contadores de histórias conhecidos como *griots*. Essa tradição se espalhou mundo afora em função da diáspora a que os diversos povos do continente negro foram submetidos⁵². Em cada canto que se estabeleceu, essa característica contribuiu expressivamente para a formação das culturas musicais locais.

O *rap* desenvolveu-se e ganhou projeção internacional a partir do território estadunidense, isto é fato, não há o que se questionar a esse respeito, entretanto, engana-se quem pensa que este estilo musical urbano seja uma invenção genuinamente norte-americana. De posse dos ingredientes em estado bruto, tal qual um diamante antes da lapidação, a indústria cultural americana transformaria, como veremos a seguir, a sonoridade jamaicana num sucesso fonográfico mundial.

Apesar da importante contribuição de grupos de poetas e músicos americanos como *Watts Prophets* e *Last Poets*⁵³, amparados em temáticas oriundas das ruas, as origens do rap, genealogicamente falando, remontam ao *toast*, ou seja, as falas ou cantos improvisados em cima de bases instrumentais entoados pelos jovens jamaicanos dos anos 60⁵⁴. Assim como o *rap*, o *toast* narra o cotidiano das ruas, caracterizada por sua realidade impactante, suas derrotas e vitórias. Mas para entendermos melhor essa história é necessário fazer uma breve conexão na geopolítica jamaicana do século passado.

Em 1962 a Jamaica conquista a sua independência deixando de obedecer aos desígnios da ex-metrópole inglesa, porém, em virtude das velhas políticas voltadas para o benefício de uma minoria oligárquica, a situação econômica e as desigualdades sociais agravam-se, apesar dos expressivos investimentos estrangeiros realizados naquele país. A situação torna-se ainda mais complicada na década seguinte quando os Estados Unidos resolvem aplicar um boicote econômico à ilha caribenha, por esta contrariar os interesses americanos aproximando-se do

⁵¹ Rap é a forma reduzida para o termo em inglês “rhythm and poetry” (ritmo e poesia).

⁵² CONTADOR, Antonio Concorda; FERREIRA, Emanuel Lemos. *Ritmo & Poesia – Os caminhos do Rap*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996, p.15.

⁵³ *Ibid*, p.20-21.

⁵⁴ SALLES, *Ecio*. Poesia revoltada. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007, p.26.

bloco soviético⁵⁵. Em função do quadro social-econômico desfavorável muitos jamaicanos migram para a América do Norte, levando consigo suas técnicas e tradições musicais.

2.1 A sonoridade jamaicana na terra do Tio Sam

No meio desta caravana migratória encontrava-se o *DJ Kool Herc*, indubitavelmente um dos mestres da manipulação sonora entre discos e rimas improvisadas. É o início da era do *sound system*, ou seja, da aparelhagem sonora utilizada pelos dj's para animar as festas de rua, conhecidas como *block parties*. De acordo com as palavras de Carvalho, “foi o *DJ Kool Herc* que levou o sistema de som dos jamaicanos para as periferias de Nova York. Nos Estados Unidos, uniu-se ao *soul*, ao *funk*, ao *jazz* e à *black music* em geral.”⁵⁶. Esse equipamento consistia basicamente em dois toca-discos (*pick-ups*), um par de amplificadores e um microfone, algo parecido, considerando as devidas proporções, com as equipes de som do *funk* carioca. Em função do seu equipamento poderosíssimo, denominado *Herculords*⁵⁷, *Herc* se destacava entre seus pares, o que de certa forma contribuía para reforçar a sua fama.

Este DJ é um dos responsáveis pelo transbordo dessas colagens musicais diretamente de Kingston para o bairro nova-iorquino do Bronx, bem como do processo evolutivo da cultura *hip-hop*, conforme palavras de Juny Kp⁵⁸:

No Hip Hop foi de novo Kool Herc um dos principais ‘culpados’. Ele convidou um camarada seu para apresentar e comentar as seleções que ele tocava nos bailes. Coke La Rock era o Mestre de Cerimônia (MC) de Kool Herc, sempre agitando com frases que se tornaram clássicas como *Ya rock and ya don't stop!*, *Rock on my mellow!* e *To the beat y'all!*. Alguns afirmam Coke La Rock como o primeiro rapper dentro do Hip Hop.

O interessante no exemplo acima é que a figura do *Disc-Jockey* encontra-se presente e diretamente responsável pela evolução do gênero musical, o que me leva

⁵⁵ BORGES, Eder. *A Questão agrária na Jamaica*. Disponível em: <<http://www.artigos.com/artigos/humanas/geografia/a-questao-agraria-na-jamaica-2480/artigo/>>. Acesso em: 25 mai. 2008.

⁵⁶ CARVALHO, João Batista Soares de. *A constituição de identidades, representações e violência de gênero nas letras de rap* (São Paulo na década de 1990). 2006. 201 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2006.

⁵⁷ CONTADOR, Antonio Concorde; FERREIRA, Emanuel Lemos. *Ritmo & Poesia – Os caminhos do Rap*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996, p.32.

⁵⁸ Artista visual, produtor, B-Boy e pesquisador da Cultura Hip-Hop. Disponível em: <<http://www.realhiphop.com.br/institucional/historia.htm>>. Acesso em 25/05/2008.

a crer que a figura do *rapper* / rimador não seria possível sem a existência desse elemento criador essencial. Com a contribuição desses DJs, ressaltando sempre o papel vanguardista exercido por *Kool Herc*, o rap passa a fazer parte do imaginário da juventude negra e latina moradora dos bairros pobres nova-iorquinos.

Ainda no tocante a figura do DJ é importante citarmos aqueles que contribuíram de maneira significativa para o desenvolvimento do rap como: *Afrika Bambaatta* (criador da célebre faixa “*Planet Rock*”), *Grand Wizard Theodor* (inventor do *scratch*⁵⁹), *Breakout* e *Grandmaster Flash* (aprimorou a técnica inventada por *Theodor*). Graças à repercussão de suas performances, em meio às diversas *block parties* que fervilhavam nos guetos de Nova York, o rap iniciou um processo de visibilidade que o tornou conhecido mundialmente, passando a ser mais uma opção no “cardápio” do gosto popular, assim como mais uma “vítima” das “impiedosas garras” da indústria cultural⁶⁰.

2.2 Rap ou hip-hop?

O termo *hip-hop* foi cunhado em 1978 pelo fundador da *Zulu Nation*⁶¹, *Afrika Bambaataa*, e estava associado, a princípio, ao tipo de dança caracterizada pelos movimentos dos quadris (*hip*) bem como os saltos (*hop*) resultantes dessa prática: sinteticamente falando a expressão significa saltar e mexer os quadris⁶². Entretanto, como veremos mais a frente o *hip-hop* é bem mais rico e complexo, muito mais que uma série de passos cadenciados.

Constantemente a expressão é confundida e apresentada na mídia predominante como uma “novidade” musical oriunda das boates freqüentadas pelos jovens de classe média: o *hit* da estação como já fora a lambada, o axé, o pagode e mais recentemente o *funk*. Informação imprecisa, uma vez que a cultura *hip-hop* encontra-se presente no Brasil a mais de vinte anos (portanto, não se trata de uma

⁵⁹ Técnica pelo o qual o DJ ao retornar o disco em sentido horário e anti-horário acaba gerando um ruído, fruto do arranhar entre a agulha e o vinil.

⁶⁰ ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

⁶¹ Ong dedicada a difundir os princípios básicos do hip-hop, que seriam, segundo Bambaataa, o amor, a paz, a união e o conhecimento. Através de campanhas pelo mundo costuma arrecadar fundos para suas causas sociais. Disponível em: < <http://www.zulunationbrasil.com.br> >. Acesso em 03/06/2008.

⁶² SALLES, Ecio. *Poesia revoltada*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007, p.29.

moda passageira) cabendo às periferias da região sudeste o seu primeiro ponto de fixação.

Na prática o termo serve para designar a junção de quatro elementos de uma cultura permeada por uma estética essencialmente urbana. Esses elementos são representados pelo mc ou mestre de cerimônia (*rapper*), o *graffiti*, o dj e o *break*.

O *mc*⁶³ ou *rapper* é o sujeito que fala de forma rimada e cadenciada (algumas vezes de improviso, como o “repente” nordestino, num estilo conhecido como *free style*) enquanto uma base instrumental, ou até mesmo improvisada como o *beat box*⁶⁴, é executada. Autores como Salles⁶⁵ preferem utilizar o termo *rapper* em detrimento do análogo *mc*, pelo fato deste último ter sido apropriado pelos *funkeiros* das comunidades cariocas.

Há cerca de quinze anos as músicas oriundas dos bailes *funk* não eram bem vistas pelos integrantes da cultura *hip-hop*. Para estes, o som produzido pelos adeptos do *funk* não era digno de ser designado rap, em função de suas letras não apresentarem “conteúdo” ou “mensagem política”, além de não utilizar a cadência métrica usada pelo ritmo “tradicional”.

O mesmo raciocínio valia para aqueles que interpretavam essas composições nos bailes de fim de semana. Percebe-se ainda hoje que esse ranço ideológico não foi totalmente superado entre alguns *rappers*: muitos ainda utilizam o termo de maneira desmerecedora, principalmente quando o objetivo é a desqualificação do trabalho apresentado pelo “desafeto”, nesse caso costuma-se colocar entre seus versos a frase “falso mc” ou “super mc” (em um tom bastante irônico). Artistas como Marcelo D2, MV Bill e Marechal (entre diversos outros) costumam utilizar-se deste artifício em suas composições. Graças a essa situação desconfortável alguns amigos, no intuito de alterar o meu status humorístico, fazem questão de me confundir com o MC Buiú⁶⁶: que a bem da verdade não possui nenhuma semelhança (nem física, muito menos artística) com a minha pessoa.

⁶³ Mc é a abreviação da palavra em inglês “master of ceremony”.

⁶⁴ Alguns membros da cultura hip hop tem o talento de reproduzir com a boca sons parecidos com aqueles produzidos por baterias eletrônicas ou qualquer outro apetrecho sonoro. Essa técnica é conhecida como beat box. O paulista Fernandinho Beat Box é uma referência nacional (quem sabe até internacional) nessa modalidade de produção sonora. Seu trabalho pode ser conferido em peças publicitárias e em participações em cd's de alguns rapper's, como Marcelo D2.

⁶⁵ SALLES, Ecio. *Poesia revoltada*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007, p.29.

⁶⁶ Artista da “nova geração” do universo funk carioca. Cabe ressaltar que não existe nenhuma correlação nos trabalhos desenvolvidos entre Buiudadoze (algunha utilizada por este autor no meio hip hop nacional) e o referido MC Buiú.

Prefiro utilizar as palavras rimador ou “rapeador”, por achar que essas sejam mais objetivas em suas finalidades, além de contribuir para a fixação de opções locais para o vocábulo em inglês. Se nossas letras são escritas em português, que mal teria adaptar algumas expressões para a nossa língua?

A aparição do *rapper* é fruto da necessidade do *disc-jockey* em manter seu público entretido, cabendo ao rimador o papel de auxiliar enquanto o dj realizava suas performances. Segundo Contador e Ferreira⁶⁷, *Grandmaster Flash* foi o primeiro a utilizar esse artifício ao convidar os amigos *Cowboy* e *Melle Mel* para rimarem por cima de suas colagens sonoras. Quem teria sido o primeiro *rapper* em solo americano, *Coke La Rock*, *Cowboy* ou *Melle Mel*? Independente da ordem, o que deve ser levado em consideração é a importância da colaboração dessas figuras no desenvolvimento deste canto rimado.

O graffiti⁶⁸ é a parte plástica do hip-hop, cabendo ao espaço urbano a função de galeria a céu aberto. Segundo Luis Cancel⁶⁹, a arte baseada nas latas de spray alcança a sua popularidade no final dos anos 70, no *Bronx*. Os jovens dessa comunidade encontram no graffiti uma forma de expressar o descontentamento em relação ao abandono relegado ao bairro. Logo surgem pinturas e mensagens de protestos em muros, prédios e vagões de metrô. A juventude negra e latina encontra uma maneira criativa de chamar a atenção para os problemas de sua localidade. Basicamente, o graffiti é o resultado de pinturas feitas com tinta *spray*, assumindo diversos estilos como *wild style* (característico por suas letras quase ilegíveis, um dos primeiros a surgir), *throw-up* (geralmente realizado de forma rápida, sem preenchimento de cor, valorizando os contornos), *characters* (baseado em personagens, caricaturas, retratos...), *whole train* (intervenção artística realizada em trens e metrô, devido a sua mobilidade é um dos estilos mais conhecidos de graffiti), 3D (estilo tridimensional), entre outros.

O artista de graffiti ou *writer* é conhecido por seu *tag*, ou seja, a assinatura ou identificação que costuma imprimir em seus trabalhos. Recentemente a concessionária de trens urbanos do Rio de Janeiro, Supervia, disponibilizou algumas composições para que alguns *writers* divulgassem suas obras: o resultado pode ser conferido diariamente nos vagões que partem da Central do Brasil.

⁶⁷ CONTADOR, Antonio Concorde; FERREIRA, Emanuel Lemos. *Ritmo & Poesia – Os caminhos do Rap*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996, p.39.

⁶⁸ Disponível em: <<http://www.artgraffiti.net/dic.html>>. Acesso em 02/06/2008.

⁶⁹ Artista nova-iorquino de origem porto-riquenho. Em entrevista ao Profº Dr Mauro Sá Rego Costa, em 2002.

“Os DJs, que espontaneamente iniciaram as festas nas ruas ao adaptar mesas de som e alto-falantes provisórios nos postes de luz, revisaram o uso central das vias públicas ao transformá-las em centros comunitários livres”.⁷⁰. No início desempenhava a função de protagonista contagiando e entretendo os presentes, atualmente exerce um papel secundário, porém, não menos importante, cabendo a esta figura o suporte sonoro necessário para que o artista ou grupo realize suas tarefas.

Do intervalo entre uma música e outra, os famosos *break beats*, o DJ criou elementos para um novo tipo de dança, caracterizada pelos passos, robóticos, cadenciados e complexos, ou seja, o *break*. Segundo um grupo de pesquisadores e membros da cultura *hip-hop* alguns passos dessa expressão corporal representavam protestos contra a Guerra do Vietnã, como aqueles que simulavam os soldados que regressavam mutilados do conflito. Outros faziam referências aos equipamentos utilizados pela tropa, como é o caso do giro de cabeça, apoiada no chão com as pernas voltadas para cima, que mimetiza a hélice dos helicópteros⁷¹. Em relação a esta última hipótese, prefiro acreditar que se trata de um delírio de uma mente um tanto criativa, que acabou ganhando terreno entre muitos comentaristas e críticos que trabalham com a questão do hip-hop. Salles (2007, p.32), apesar do bom trabalho dedicado ao tema, peca ao defender tal possibilidade.

É mais plausível correlacionar alguns movimentos do *break* com os golpes de chão da Capoeira de Angola. Cabe ressaltar que a capoeira começa a ser praticada em Nova York justamente nesse período, ou seja, entre os anos de 1970 a 1980. O dançarino de *break* é conhecido como *B-Boy* e sua congênere feminina de *B-Girl*. O grande mérito do *break*, como ficou conhecido mundialmente, consistiu em promover a troca das ações violentas promovidas entre as gangues de rua pela disputa pacífica motivada pela dança. Assim, os jovens moradores de bairros pobres, principalmente os de Nova York, se organizaram em *crews*⁷² e passaram a resolver suas diferenças em desafios e concursos específicos. Tal prática perdura até hoje no universo do *break*, independente do local que ele esteja sendo praticado.

⁷⁰ HERSCHMANN, Michael (Org). *Abalando os anos 90: funk e hip-hop: globalização, violência e estilo cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p.193.

⁷¹ SALLES, Ecio. *Poesia revoltada*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007, p.32.

⁷² Grupos ou equipes de dançarinos de break. O termo também é utilizado para designar aqueles que se juntam para divulgar o graffiti.

Não importa se a roda de *b'boys* ocorre em Paris, Tóquio, São Paulo, Los Angeles, Nova York, etc.

Após essa breve introdução podemos ver que o *hip-hop* é o somatório de uma série de expressões advindas da rua, e não um tipo musical em voga nas boates de classe média. Da mesma forma que o carnaval é composto de uma série de fatores como os blocos carnavalescos, as escolas de samba, seus componentes, seus sambas-enredos e seu período de realização.

Até hoje não tomei conhecimento de pessoas que “escutassem” carnaval e sim aquelas que ouvem e apreciam o samba em sua plenitude. O mesmo raciocínio deve ser aplicado ao *hip-hop*. O que nós ouvimos é rap e não o somatório dessa cultura urbana.

2.3 Dos bailes da pesada ao *break*: o rap chega ao Brasil

Pesquisando os diversos trabalhos acadêmicos dedicados ao rap ou ao *hip-hop*, constata-se que seus autores, ao traçarem uma perspectiva histórica desta cultura no Brasil, deixam de mencionar o grau de participação do Rio de Janeiro neste processo. Apesar da aparente amnésia, o fato é que a Cidade Maravilhosa também possui a sua parcela de contribuição na expansão desse fenômeno, tão bem aceito entre os jovens de periferia e também de classe média.

Na década de 70 eram realizados nos subúrbios cariocas diversos bailes dedicados ao *soul* e ao *funk*: a dupla Ademir e Big Boy, com os “Bailes da Pesada” (realizados aos domingos na casa de shows “Canecão”, no Rio de Janeiro) são os responsáveis por essa genealogia sonora. Artistas e grupos como *James Brown*, *Chic*, *Kool & The Gang* e *Earth Wind & Fire* eram executados constantemente nesses espaços. Era a época dos chamados bailes “*black*”. Clubes como o Renascença, no bairro do Andaraí, e Minerva (atual Helênico), no Rio Comprido, figuravam na relação dos mais freqüentados desse período. Bia Abramo⁷³, amparada por raciocínio semelhante, apresenta o seu ponto de vista acerca da genealogia do *funk* carioca:

Os bailes funk têm raízes mais fundas na paisagem cultural do Rio de Janeiro. Surgidos nos anos 60, os primeiros exclusivamente de som

⁷³ O artigo “Cultura: O funk e a juventude pobre carioca”, de Bia Abramo, pode ser encontrado em: <http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=1602>. Acesso em 23/11/2007.

mecânico eram promovidos pelo lendário DJ Big Boy, realizados no Canecão, na Zona Sul do Rio de Janeiro, e tocavam rock e soul. Nos anos 70, quando os bailes passaram a ser levados também para os subúrbios, ocorreu uma separação socioétnica-musical: os bailes do subúrbio especializaram-se em ritmos negros (funk, soul) e tornaram-se bailes Black, os da Zona Sul continuavam tocando rock. Nesse caldo de cultura foi que nasceu o Black Rio, um dos primeiros movimentos de afirmação cultural da juventude negra, que não só deu origem à importante Banda Black Rio (cujo suingue funk foi “descoberto” por Gilberto Gil em seu disco Refavela, de 1974), como abrigou outros compositores importantes do soul-funk brasileiro (Cassiano, Hyldon e Gerson King Combo). Os bailes Black também deram guarida para músicos como Tim Maia e Jorge Ben que, embora de inserção mais antiga na música brasileira, amargaram, durante os anos 70, uma espécie de ostracismo.

O *funk* naquele momento caracterizava-se por seus *beats* dançantes, por seus refrões fáceis e repetitivos, e pela presença de metais como trompete, trombone e saxofone. Músicas como “*Sex Machine*” e “*I Got You (I Feel Good)*”, de *James Brown*, representam bem esse momento e estilo. Segundo *Luke*⁷⁴, esses encontros dançantes tinham uma aceitação muito forte no Rio de Janeiro (a ponto de alguns DJs paulistas virem para cá a fim de obter vinis e ficar a par do que acontecia nesta cidade) e acabaram servindo de base para implantação da cultura *hip-hop*, que se instalaria mais adiante.

No Brasil o *rap* desembarca no começo dos anos 80 em função do *break*, que começara a contagiar a juventude brasileira, assim como fizera com os jovens norte-americanos, posto que o estilo inusitado daquela dança encontrava-se em evidência naquele momento (a mídia foi a principal difusora, utilizando-o em peças publicitárias, programas de auditório, abertura de novelas, etc). O *break* alcança uma grande receptividade em São Paulo, não demorando muito para surgirem pontos de encontro como a Rua 24 de Maio, a Praça Roosevelt e a estação do metrô São Bento. O *rap* é uma consequência direta desses movimentos, visto que muitos passaram a ensaiar os seus primeiros versos a partir do momento que tiveram contato com o *break*. Corroborando esse raciocínio, aproveito-me mais uma vez do depoimento de *Luke*⁷⁵:

⁷⁴ Um dos mais antigos b'boys do Rio de Janeiro e também um dos fundadores do Grupo de Break Consciente da Rocinha (GBCR)

⁷⁵ Em depoimento na mesa sobre o Break e Dança de Rua, no evento Hip Hop e Política – UERJ, novembro/2002, evento organizado pelo Prof^o Mauro Sá Rego Costa, o DJ Tamempi e a musicóloga Cecília Conde (Conservatório Brasileiro de Música).

No início o break chegou no Brasil através de vídeos, [programa] “Som na Caixa”⁷⁶. Começou a chegar através de pedacinhos curtos. O pessoal via o pessoal dançando e começou a imitar. E dali começou, o pessoal dançando na rua, nos bailes (...). Porque o Hip Hop chegou através da dança. No Brasil todo, ele começou através da dança. Muitos caras hoje que cantam rap, estão aí Thaíde, alguns componentes dos Racionais MC’s, já dançaram break.

São nesses espaços urbanos e através de reproduções advindas da mídia que os jovens, em sua maioria negros e pobres, passam a cultuar os elementos da cultura *hip-hop*, outrora restritos aos guetos estadunidenses.

Simultaneamente no mesmo período, a mistura entre o *break* e o rap toma conta das ruas do Rio de Janeiro. Rapidamente o Largo da Carioca, no centro da cidade, transforma-se no principal ponto de encontro desta nova forma de expressão, conforme fica latente no trecho da composição “Idade da Pedra”, do *rapper* Tito⁷⁷.

O relógio parou, vamos voltar no tempo
Rio de Janeiro anos 80, ainda me lembro
83 pra 84, o ano do rato
O break chegou no Brasil é isso é fato
Eu te relato que com ele uma cultura surgiu
O Hip Hop, estilo, filosofia ideologia
A minha vida, consciência e atitude reconhecida
Dançando com a galera no Largo da Carioca
Não havia panela, não havia fofoca
Hoje em dia é diferente
É cada um por si, e Deus pela gente
Esse é o meu grito, meu nome é Tito
Eu me dedico as causas em que acredito
Uma década de Hip Hop vindo ao pico
Subindo aos poucos para chegar ao topo como um alpinista
Eu tô na pista, em busca dos meus ideais
Às vezes eu pensava em parar e não voltar jamais
Mas não parei, e aqui estou eu produzindo grooves pesados na MPC
Rimas e batidas de TNT
Eu me orgulho de ser parte desse movimento tão criativo
E na Idade da Pedra eu ainda vivo.

Em meados de 1984 o *break* alcança o auge no Rio, conforme os versos de Tito. Essa febre foi reforçada pela exibição em circuito nacional do filme “*Beat Street*”⁷⁸, pelas campanhas publicitárias (que enxergavam naquela novidade uma

⁷⁶ Programa musical apresentado na antiga TV Corcovado entre 1987 e 1990. Sua programação refletia a cena funk carioca desse período. Seus primeiros apresentadores foram Cidinho Cambalhota e Eloy Decarlo.

⁷⁷ TITO. Idade da pedra. Rio de Janeiro: Modo Operante, 2000. 1 CD.

⁷⁸ “Beat Street” foi lançado em 1984 nas Américas e Europa. O filme narra a origem do hip-hop, bem como a história de jovens que tentam enveredar para o mundo musical. Essa produção influenciou jovens em todo mundo, sendo fundamental para que esses se envolvessem nesta cultura urbana.

oportunidade), por programas de auditório como “O Cassino do Chacrinha” e principalmente pela novela global “Partido Alto”, ambientada em pleno subúrbio carioca, que mostrava em sua abertura um *crew* de *break*⁷⁹ dançando.

Nesta época, aos 10 anos de idade e enclausurado na antiga Funabem⁸⁰ pude dançar (confesso que não era um exímio dançarino, mas conseguia, à minha maneira, realizar alguns movimentos robóticos). Além dos citados exemplos, seria injusto não mencionar a importância do extinto programa “Som na Caixa”, apresentado pelo falecido Cidinho Cambalhota, na extinta TV Corcovado. O programa funcionava como uma vitrine divulgadora da cultura *black*, onde era possível ficar a par das novidades relacionadas aos artistas da época como *Ice-T*, *JJ Fad*, *Too Short*, *Run DMC*, etc.

Também era possível se atualizar em relação a roupas e coreografias utilizadas, graças a exibição dos videoclipes estrangeiros voltados para a divulgação da cultura *hip-hop*. Num momento em que não existiam facilidades como DVD, TV a cabo, computadores pessoais, internet e muitos menos “cibercamelôs” na Rua Uruguaiana, o “Som na Caixa” permitia que a parcela da juventude dos subúrbios cariocas tivesse acesso a essas informações através de sua programação. Idéia semelhante só desembarcaria três anos mais tarde, em 1990, com o lançamento da MTV Brasil e mais adiante do “*Yo MTV Raps*”.

Equipes de som, como *Soul Grand Prix* e *Cash Box*, executavam em seus bailes raps como “*Supersonic*”, do grupo feminino *JJ Fad*, que no Rio eram conhecidos como “melôs”. Praticamente não se falava em rap nesses locais, apesar de ser esse estilo de música que vigorava nos clubes suburbanos. Com o tempo, os DJs cariocas começaram a dar prioridade aos raps de cunho sexista e erotizado que chegavam do estado americano da Flórida, conhecidos como “*Miami Bass*”, em detrimento daqueles feitos em outras regiões americanas, como a costa leste e oeste. Bruce Batista⁸¹ faz uma análise sintética, porém, interessante desse gênero do rap.

⁷⁹ Essa equipe de b’boys era capitaneada por Nelson Triunfo, segundo entrevista concedida a este autor por Luke, do GBCR.

⁸⁰ Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, sucessora do Serviço de Assistência ao Menor (SAM). Foi utilizada pelo regime militar como mecanismo de controle de menores em situação irregular. Seu *modus operandi* estava atrelado à Doutrina de Segurança Nacional. Ver em BATISTA, Vera Malaguti. Dífceis ganhos fáceis – drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

⁸¹ Disponível em: < http://carosamigos.terra.com.br/nova/ed122/so_no_site_reportagem_funk.asp >. Acesso em 10/06/2008

Caracterizado por um estilo de batidas pesadas, aceleradas, com graves de frequência muito baixa, marcados por uma certa semelhança com o surdo do samba e com versos mais curtos, o “*miami bass*” surge na Flórida, com uma batida hipnotizante. Com músicas erotizadas e batidas eletrônicas rápidas, ele se tornou um fenômeno nos bailes. O sucesso alcançado foi tamanho, que este estilo musical foi fundamental para uma nova conceituação do *funk*. O “*miami Bass*”, embora tenha [sic] sido criado nos EUA, estourou e se tornou realmente conhecido no Brasil. Este gênero de *funk*, adaptado, recriado e abasileirado pelos DJs cariocas, até os dias atuais serve de base para uma boa parte das músicas que explodem no cenário *funk* do Rio de Janeiro.

O “*Miami Bass*” contribuiu de forma significativa para a fixação desta nova cultura *funk* no Rio de Janeiro. Apesar do seu ritmo hipnotizante e sua aceitação pela juventude carioca, nada se comparou a campanha desenvolvida pelos órgãos de comunicação com o intuito de desqualificar o *funk* e seus adeptos, principalmente aqueles que se encaixavam com maior facilidade no estereótipo do “funkeiro, morador de favela, próximo do tráfico de drogas, vestido com tênis, boné, cordões”⁸². O ápice dessa campanha se deu em 1992 quando um tumulto entre “galeras” rivais, na praia do Arpoador, resultou no célebre e propalado “arrastão”. “O incidente foi noticiado histericamente pelos telejornais e jornais de todo o Brasil, como se fosse uma reprise dos distúrbios de Los Angeles”⁸³.

Em função da popularização do *funk*, capaz de atrair tanto os filhos de favelados como os da classe média, e a conseqüente repercussão descontrolada, por parte da mídia, de uma violência clinicamente incentivada por alguns “organizadores” e / ou “empresários” dos bailes, a cena *hip-hop* carioca foi bastante ofuscada e equivocadamente (às vezes até mesmo de maneira maliciosa) relacionada a esses atos violentos, gerando descrédito no que era produzido pelos artistas locais.

São Paulo, pelo contrário, trilhou o caminho inverso fazendo da cultura *hip-hop* a principal expressão de sua periferia. Enquanto no Rio os donos de equipes de som apostavam suas fichas nos bailes *funk* “*pós-modernos*” e nas versões locais de *raps*⁸⁴, baseados em *Miami Bass* e rasteiros⁸⁵, sem se preocuparem com os demais

⁸² BATISTA, Vera Malaguti. *Diffíceis ganhos fáceis* – drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Revan, 2003, p.36.

⁸³ HERSCHMANN, Michael (Org). *Abalando os anos 90: funk e hip-hop: globalização, violência e estilo cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997, p.33.

⁸⁴ Com a massificação do funk carioca, os adeptos desses bailes foram estimulados pelos Djs e donos de equipes a escreverem suas próprias músicas, utilizando as versões instrumentais de artistas como Ice-T, Too Short e MC Ade. Essas composições serviam para exaltar a coragem e os feitos dos grupos freqüentadores

elementos do *hip-hop*. Os produtores paulistas priorizavam *rappers* e grupos que abordavam uma temática mais crítica, como *Ice-T*, *2 Pac*, *NWA* e *Public Enemy*. Em função dessa postura mais “consciente”⁸⁶, e também pelo fato da cena hip-hop encontrar-se num nível mais estruturado, coube a São Paulo o reconhecimento pelo trabalho desenvolvido e a fama de ser a nascente da cultura que desaguou o rap, o grafitti, o break e a arte da discotecagem nas demais cidades brasileiras.

Entretanto, há de se considerar o poder de “proliferação” do *funk* carioca. São Paulo conhecido por ser o “berço do rap nacional”, conforme afirmou o rapper paulista Cabal na réplica “Foda-se o chinelo”, dedicada ao “rapeador” carioca Marechal, ultimamente tem sido alvo do ritmo preferido das comunidades e alguns domicílios de classe média do Rio de Janeiro.

Na Baixada Santista, em alguns momentos, tem-se a impressão de estarmos na Cidade Maravilhosa em função da quantidade de *funk* que é executado naquele pedaço do litoral paulista. Bailes e composições locais dedicados a este estilo musical também são bem freqüentes em cidades como Santos. Na capital não é muito diferente já que é perceptível a expansão do ritmo carioca em território outrora dedicado, único e exclusivamente, ao rap.

Ao sintonizarmos a televisão nos finais de semana em programas de auditório de canais como Rede TV, SBT e Bandeirantes (canais com forte aceitação no estado de São Paulo) podemos perceber a presença de alguns ícones do *funk* fluminense como Bochecha e os MC's Leozinho e Marcinho reproduzindo seus repertórios nas atrações dominicais da “Terra da Garoa”. Apesar de toda carga preconceituosa que ainda o afeta, o funk tem mostrado a sua capacidade de reinvenção e adaptação nos locais mais improváveis.

dos bailes. Os campeonatos de galera serviam para divulgar essas obras. Apesar de não respeitar a métrica e o jeito ímpar de rimar, essas músicas ficaram conhecidas no Rio como “raps” ou “raps de galeras”.

⁸⁵ O rasteiro é o tipo de rap que preza pela batidas mais graves e o ritmo mais lento. Rodney O & Joe Cooley com as faixas “DJ's and MC's” e “Let's have some fun” (Melô do Barroso) representam bem esse estilo de rap. O rasteiro ainda é muito cultuado pelos freqüentadores mais antigos dos bailes funks. A música “Dopeman”, do NWA, também é um exemplo dessa tendência musical.

⁸⁶ “Consciência” era a palavra de ordem do momento, assim como “sistema”. O que não se encaixava dentro dos parâmetros desse vocábulo, era tido como “alienado”. Da mesma forma que aqueles que se opunham a ditadura eram tidos como comunistas, os que não rezavam pela cartilha do hip-hop, com fortes influências marxistas e de partidos de esquerda mais radicais, eram taxados como “alienados”, vendidos ao “sistema”. Era o caso dos funkeiros, dos rappers cariocas, do axé, do pagode, da televisão etc.

3 ACAUTELADO⁸⁷ À REVELIA

Minha mãe sempre foi conhecida por suas atitudes impensadas. Aos seis anos de idade foi deixada por minha avó numa casa de classe média no bairro do Rio Comprido, onde era tratada como filha pela enfermeira Marieta e pelo ex-combatente da FEB⁸⁸, Erudilio Barreto da Silva (conhecido no seio familiar como Barreto, e na cena política carioca e no PDT como “Didi Chapéu de Couro”). Segundo seus relatos, não lhe faltavam “jóias, roupas bonitas e passeios numa Vemaguet⁸⁹ do ano”. Eram privilégios que certamente não estariam disponíveis no Morro do Dezoito, em Quintino, onde esta residia antes de se transferir para o Rio Comprido. Seus outros seis irmãos de sangue não foram agraciados com tal sorte, todos dependiam do serviço de lavadeira de minha avó para sobreviverem. Apesar de possuir algumas casas no morro, nada recebia em troca do aluguel destes imóveis. Dona Helena acreditava que o futuro de sua filha estaria garantido, uma vez que as condições financeiras do casal adotante eram superiores as suas: alimentação, vestimentas e educação não faltariam à pequena Rosa Maria.

Quando tudo parecia caminhar na mais perfeita ordem, uma reviravolta no destino colocou de ponta cabeça a vida da lavadeira de Quintino. Por volta dos dezesseis anos de idade minha mãe resolveu abandonar a vida regrada que levava no Rio Comprido, decidindo voltar para a responsabilidade de Helena. Minha avó jamais perdoou a atitude emotiva de sua filha. Até hoje não sabemos os motivos concretos que levaram Rosa Maria a cometer tal ato. Sempre que ambas começavam algum tipo de discussão a mais velha não perdia a oportunidade de alfinetar a mais nova. Seus insucessos e infortúnios eram consequência direta da

⁸⁷ No período que vigorou o Código de Menores utilizava-se o termo “acautelado” quando a criança e o adolescente era privado de sua liberdade, com a implantação do ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente), em 1990, passou-se a utilizar o termo “apreendido” para situações análogas.

⁸⁸ Força Expedicionária Brasileira. Força militar enviada pelo Brasil à Europa para lutar ao lado dos Aliados, contra os países do Eixo (Itália, Alemanha e Japão), na Segunda Guerra Mundial. Maiores informações em: http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos37-45/ev_brnaguerra_feb.htm. Acesso em 17/12/2008.

⁸⁹ “A Vemaguet foi lançada em 1956 e é considerada o primeiro automóvel brasileiro, e permaneceu em produção por 11 anos, até a desativação da Vemag. Esse veículo tinha motor de dois tempos de 900 Cm3 e 38 HP, de três cilindros”. Fonte: http://www.autosantigosbrasileiros.hpg.ig.com.br/Vemag_Vemaguete1.htm. Acesso em 05/02/2009.

sua atitude precipitada de se afastar do conforto e da segurança que aquele lar de classe média proporcionava.

Se minha avó estava certa ou não eu não sei, só sei que minha mãe é a única que não prosperou materialmente nessa vida: todos os seus irmãos postigos estão realizados profissionalmente, enquanto ela até hoje é obrigada a viver de seu baixíssimo salário de copeira, de algumas faxinas e da caridade de parentes e amigos. Até hoje minha mãe se lamenta pelo ato que cometeu há quase meio século atrás.

Após a experiência frustrante no Rio Comprido minha mãe ainda ficou cerca de um ano convivendo com minha avó, antes de se mudar para a casa que sua irmã mais velha, Suely, trabalhava no bairro de Vila Isabel. Rosa chegou à casa de Dona Edimê com 17 anos, passando a auxiliar minha tia nas tarefas domésticas. Na mesma época engravidou e deu a luz à Ricardo, seu primeiro filho. Outros viriam em seguida, assim como os aborrecimentos inerentes as gestações indesejadas. Não podia imaginar, mas a postura imprudente de Rosa Maria iria influenciar consideravelmente o meu futuro.

Assim como minha avó minha mãe também teve vários filhos, seis no total (cinco pais diferentes, a saga familiar se repete). De todos só conheci três, Ana Cristina (minha irmã de pai e mãe, dada aos 2 anos e meio), Paulo Roberto (dado aos 4 anos) e Rômulo, o único com quem tive a oportunidade de conviver. Bem verdade que sazonalmente, já que este último gostou da idéia de ficar enclausurado. Depois do primeiro estágio na FEEM⁹⁰, (localizada na Ladeira do Ascurra, no bairro do Cosme Velho), ficou um tempo na rua e depois voltou para o “internato”. Atualmente faz “pós-graduação”, com ênfase em confinamento, no Complexo de Bangú. “Perfume”, como é conhecido entre seus “amigos” e na VEP⁹¹, poderia ter um futuro diferenciado caso não fosse mais um a se iludir com o tráfico de drogas. A facção que ele fez tanta apologia (e defendeu com unhas e dentes), é a mesma que o mantém abandonado no sistema carcerário. Mais um “soldado” descartável apodrecendo no “cadeado”.

Tirando eu e Rômulo, os outros quatro foram “doados” Brasil afora. Rafael: Brasília. Paulo Roberto: Morro dos Macacos, em Vila Isabel. Ana: Duque de Caxias, município do Rio. Quanto a Ricardo, o mais velho, infelizmente eu não sei sobre o

⁹⁰ Maiores informações em : <http://www.fia.rj.gov.br/Historia.htm> . Acesso em 03/01/2009.

⁹¹ Vara de Execuções Penais.

seu destino ou paradeiro. Um dia, quem sabe, o destino permita a reunião de todos. É complicado criar uma quantidade expressiva de filhos quando não se tem condições financeiras, estrutura familiar, companheiro, teto próprio e nenhuma perspectiva de mudança. Não quero com esse raciocínio extremamente simplista abonar a conduta errante de minha mãe, porém, também é compreensível que a pessoa nessas condições esteja mais suscetível a erros, tornando-se, conseqüentemente, refém da caridade alheia. Foi o que aconteceu com Rosa Maria.

Em função das gestações constantes minha mãe foi obrigada a deixar a casa de Vila Isabel, mesmo se “livrando” da maioria das crianças. “A requerente não tem residência fixa, ficando dia na casa de sua irmã, outro, na casa da filha da senhora que a criou, sendo rejeitada em ambas, por causa de seus filhos”.⁹² Eu e Rômulo passamos a peregrinar por diversos lares. Morar de favor na casa de parentes, amigos e vizinhos torna-se uma alternativa desagradável. A humilhação é um risco constante na vida daqueles que vivem na casa “dos outros”: o jogo é assim, quem está por cima, na maioria das vezes, se acha no direito de menosprezar aquele que se encontra em posição desfavorável. Parece que algumas pessoas têm o prazer de proferir a célebre frase: “A porta da rua é a serventia da casa!” Eu sei muito bem o que é isso. Ao longo da minha infância eu trocava de casa assim como quem troca de roupa.

Minha avó não gostava muito de sua filha em função do acontecido no Rio Comprido e também pelo fato de ambas serem parecidas no aspecto comportamento. Essa vida de nômade que nós levávamos era herança de Dona Helena. Além de não receber o aluguel dos imóveis, minha avó acabou perdendo o direito sobre as casas que possuía em Quintino. Foi subjugada por seus inquilinos e expulsa do próprio patrimônio. A solução que achou para abrigar o restante dos filhos foi deixá-los na casa de duas irmãs, conhecidas por Totó e Naná (Suely e Rosa já se encontravam na casa de Edimê, filha de Totó). Ambas moravam no mesmo prédio localizado na Rua de Santana 124, Totó no apartamento 411, “assessorada” por meus tios Tataco e Totoca, e Naná no 401, acompanhada de Luis Sérgio e Ely. Como empregados domésticos meus parentes passaram por maus bocados nas casas dessas senhoras. Até hoje me lembro das histórias que minha

⁹² Caso social nº 208/83, de 05/03/1983, referente à internação dos menores Alexandre de Castro e Rômulo de Castro.

mãe contava acerca da temida “espada de brinquedo” que Tia Totó usava para castigar seus irmãos.

Além dessa vida de incertezas, os agregados transformam-se em corpos sem soberania: todos se acham no direito de violá-los fisicamente. O castigo físico torna-se um expediente covarde nas mãos de pessoas ignorantes: um prato de comida e um teto são justificativas para as práticas animais e absurdas dos “senhorios” e “senhorias”. Jamais me esquecerei da surra que levei de uma dessas “benfeitoras” por assistir um filme na casa da vizinha. Faz lembrar a época da “soldada”⁹³, quando, no início dos anos de 1900, algumas famílias assumiam a responsabilidade da guarda de jovens, com idade entre 12 e 18 anos, comprometendo-se com suas vestimentas, calçados e alimentação. No ato da assinatura do termo de compromisso, o juiz de menores estipulava que a família responsável deveria depositar mensalmente “quantias que variavam de 5 a 10 mil réis”⁹⁴. Raramente as quantias eram depositadas em favor desses menores tutelados, só lhes restando trabalho e violência como pagamento de suas condutas⁹⁵.

Dormia sem saber se no dia seguinte o mesmo local estaria disponível para mais um pernoite. Às vezes não era possível permanecermos unidos na mesma casa, era necessário nos separarmos por razões geográficas e também econômicas. Nem sempre a pessoa ou a família dispunham de espaço suficiente em suas residências ou condições financeiras de abrigar a todos nós; quando isso acontecia minha mãe era obrigada a pedir ajuda a outros conhecidos para que não ficássemos na rua. Apesar de tudo, a solidariedade quase sempre estava ao nosso lado. Pobre tem isso de bom, mesmo sem condições alguns estão sempre dispostos a ajudar o próximo, até porque nunca se sabe o que está por vir no dia seguinte: ajuda-se hoje para ser ajudado amanhã, essa é a lógica que impera no cotidiano do povo menos favorecido economicamente.

Melhor a desunião, e a conseqüente fragmentação da unidade familiar, que ser vítima do sereno e do desespero causado pelo desamparo. Esse tipo de situação não é desejável nem mesmo para o nosso pior inimigo, a realidade nessas condições se revela extremamente cruel. Quando a separação era inevitável, eu me

⁹³ BATISTA, Vera Malaguti. Díficeis ganhos fáceis – drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Revan, 2003, p.66.

⁹⁴ Idem

⁹⁵ Ibidem.

sentia um presidiário. Minha mãe costumava nos visitar nos finais de semana (assim como nos presídios), sempre acompanhada de uma sacola de compras amenizadora de sofrimento (não sei por que, mas aqueles iogurtes, biscoitos e frutas pareciam anestesiar a dor provocada pela ausência materna). A analogia com os detentos do sistema prisional faz algum sentido.

Algumas vezes ficávamos tanto tempo agregados na casa alheia que praticamente éramos convidados a nos retirar. As pessoas sutilmente, na maioria dos casos, nos davam a entender que a nossa estadia já havia chegado ao fim. O “Bolsa Guarida” havia expirado!

Foi num desses contratempos que a minha mãe resolveu agir. Era uma tarde de quinta-feira, mais precisamente 04/03/1983⁹⁶, quando Dona Rosa me levou para um “passeio”. Meu irmão foi levado para passear dias antes, com uma antecedência providencial. O clima belo e ameno daquele entardecer não permitia adivinhações. A beleza tem dessas coisas, parece que a sua função é nos entorpecer e nos deixar o mais longe possível da realidade. Só comecei a desconfiar do plano materno quando nos aproximamos do antigo Juizado de Menores⁹⁷, na Praça Onze. Chegando ao referido local minha mãe se dirigiu a uma sala, daquele corredor meio sombrio e frio, e trancou-se por um tempo considerável. Talvez estivesse conversando com um juiz ou assistente social. Enquanto isso, impacientemente eu aguardava do lado de fora, sentado no banco do corredor. Confesso que aos nove anos de idade eu era um menino bem inocente, um tanto diferente dos garotos da mesma faixa etária que eu costumo observar pelos becos e vielas do Fallet⁹⁸.

Os tempos eram outros. Época de uma única facção criminosa (Falange Vermelha⁹⁹), do predomínio da maconha no comércio varejista, de armas menos sofisticadas nas mãos dos traficantes (fuzil era coisa rara, prevalecia o “bagulhão”, as famosas espingardas de cano serrado utilizada pelo pessoal do “movimento”), de uma política de segurança diferenciada, em suma, uma mentalidade mais racional e menos suicida (de ambos os lados). “Vagabundo” que se prezava fazia questão de

⁹⁶ Conforme o exposto no Ofício nº 81, de 03/08/1983, emitido pelo Juizado de Menores da Cidade do Rio de Janeiro. “O menor deverá ser apresentado no Juizado no dia 04/03/1983, às 15:00hs”.

⁹⁷ Antes da implantação do Estatuto da Criança e do Adolescente, em 1990, as Varas da Infância e Juventude eram conhecidas como Juizados de Menores. O Código de Menores era instrumento legal utilizado para lidar com as crianças e adolescente da época.

⁹⁸ Comunidade localizada entre os bairros do Catumbi e Santa Teresa, no Rio de Janeiro.

⁹⁹ LIMA, Willian da Silva. Quatrocentos contra um: uma história do Comando Vermelho. São Paulo: Labortexto Editorial, 2001.

não aparecer armado na frente da molecada e das senhoras, quando calhava de acontecer era somente no período noturno. O caráter ostensivo do tráfico, comum nos dias de hoje, só se observava nos momentos críticos, principalmente quando o clima de “guerra” pairava no ar. Meu olhar empírico é comprovado pelas observações de Dowdney¹⁰⁰ acerca desse período do tráfico de drogas na cidade do Rio de Janeiro:

Sendo parte da comunidade local, os revendedores locais respeitavam os padrões da comunidade, muitas vezes proibindo que fumassem maconha diante das crianças (...).Embora andassem armados, os traficantes usavam, no máximo, revólveres calibre 38, escondidos sob a camisa, fora da vista. Armavam-se para se protegerem mas não tinham patrulhas organizadas de defesa de território da favela, nem sistema de vigilância sofisticado como as facções de hoje em dia.

Naquela época era inadmissível menor “entrar” na “boca” (salvo raras exceções, “Brasileirinho”¹⁰¹ é a confirmação da ruptura desse paradigma), quem tentava se aproximar do local era expulso imediatamente, a base de cascudos, para casa ou para escola, com o risco do pessoal do “movimento” contar para os pais a ousadia do moleque destemido. Engraçado, mas naquele momento traficante ainda mandava a molecada ir para escola: conservadorismo marginal da época! Até a polícia agia de maneira mais cautelosa e menos embrutecida com o povo das favelas. Mais como eu disse anteriormente, os tempos eram outros.

A molecada de hoje em dia vive num outro ritmo, são crianças que, contraditoriamente, não agem como crianças: suas atitudes e modos são avançados demais, mais parecem adultos travestidos de meninos. Não quero parecer nostálgico, mas ao comparar a minha infância com a atual acabo chegando a essa conclusão, como se o meu passado fosse melhor que o tempo atual. Seus ídolos são traficantes e 157's¹⁰², que através de suas armas e histórias violentas alimentam um tipo de fascínio marginal na imaginação dessa molecada.

¹⁰⁰ DOWDNEY, Luke. *Crianças do tráfico* – Um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, p.29.

¹⁰¹ “Brasileirinho” ficou famoso na década de 80, quando, aos 14 anos, integrava juntamente com “Naldo” e “Buzunga” a quadrilha de traficantes que gerenciavam o tráfico de drogas na favela da Rocinha. Maiores informações em: <http://oglobo.globo.com/rio/mat/2006/08/13/285245618.asp>. Acesso em 18/02/2009.

¹⁰² Parte do Código Penal Brasileiro. Art.157: “Subtrair coisa móvel alheia, para si ou para outrem, mediante grave ameaça ou violência a pessoa, ou depois de havê-la, por qualquer meio, reduzido à impossibilidade de resistência”. Nas comunidades e na gíria policial esse artigo costuma ser vinculado ao sujeito que pratica crimes, contra os demais cidadãos, utilizando-se, predominantemente, de armas de fogo.

O status gerado pelo crime é a meta a ser alcançada. Infelizmente, da porta minha casa ou do alto da minha laje eu visualizo, em tempo real, o desenrolar desse roteiro nada romântico. Vejo os filhos da vizinhança serem aliciados por jovens traficantes que eu vi crescer, e que agora desempenham papéis coadjuvantes em um roteiro tragicamente anunciado. Em trechos da música “Soldado morto”¹⁰³, MV Bill descreve bem a vida atribulada e intensa dos jovens envolvidos com o tráfico de drogas:

Vinte e quatro horas de tensão
 Ligado na policia bolado com os alemão
 Disposição cem por cento até o osso
 Tem mais um pente lotado no meu bolso
 Qualquer roupa agora eu posso comprar
 Tem um monte de cachorra querendo me dar
 De olho grande no dinheiro esquecem do perigo
 A moda por aqui é ser mulher de bandido...
 De jovens como eu que desconhessem o medo
 Seduzidos pelo crime desde muito cedo
 Mesmo sabendo que não há futuro
 Eu não queria ta nesse bagulho

A violência policial contra os moradores dos morros e favelas também ajuda a entender a opção pelo tráfico feita por algumas crianças e adolescentes, de modo que o comércio varejista funcionaria como um meio de vingança e “justiça” para essas pessoas que perderam a credibilidade no sistema penal constituído. Em estudo sobre a juventude envolvida com o tráfico de drogas no Rio de Janeiro, Dowdney capta a conclusão de um morador, de uma determinada favela, acerca desse assunto:

A violência policial agride muito a criança e o adolescente...porque no horários da criança vir pra escola a polícia tá dando tiro [...] A criança ta descendo pra escola e vê o pai sendo morto por um policial fardado ou vê sua mãe ganhar tapa na cara por um policial fardado. Essa criança cresce como? Vendo a boca de fumo como recurso de se vingar.¹⁰⁴

Lógico que ainda existem garotos “ingênuos”, “otários” (no entender de alguns “malandros”) e menos propensos às atividades criminosas no Fallet e noutras comunidades do Rio, porém, a impressão que se tem é que esses caminham para a extinção.

¹⁰³ BILL, MV. *Traficando informação*. Rio de Janeiro: Natacha Records / BMG, 1999. 1 CD.

¹⁰⁴ DOWDNEY, Luke. *Crianças do tráfico* – Um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, p.93.

A experiência tem me mostrado que a “otarice” é estimuladora do aumento da expectativa de vida. Meu vizinho André, que sempre foi “otário”, não teve tempo de curtir sua malandragem a contento: como menos de um mês de “malandro” foi agraciado com uma vaga cativa no “120”.¹⁰⁵

O surgimento da cocaína¹⁰⁶ sulamericana nas favelas cariocas contribuiu consideravelmente para o fortalecimento das facções paramilitares do tráfico de drogas que atuam nesses espaços urbanos. Com a alta rentabilidade dessa substância ilícita, tornou-se possível o contrabando de armas mais letais como fuzis e submetralhadoras (que a mídia apresenta em seus telejornais e periódicos, equivocadamente, como “armas pesadas”, desconhecendo totalmente os critérios técnicos utilizados para classificar armas desse porte), além, é claro, de permitir a criação e o recrutamento de verdadeiros exércitos paralelos que agem nos limites dessas comunidades utilizadas como moradia pela parcela mais pobre da população.

Outro fator que ajuda a explicar a transformação do *modus operandis* do tráfico carioca é resultado direto da atuação militarizada e extremamente violenta dos agentes estatais da segurança pública, assim como a colaboração/conivência criminosa destes (policiais) com os atores do comércio varejista de drogas.

Táticas militares de policiamento nas favelas, excessos da polícia e tratamento violento contra os moradores, inclusive com execuções, sem dúvida colaboraram para estimular a militarização das facções e a maior utilização da violência armada desde os anos 70. Além disso, o envolvimento da polícia na venda de armas de uso militar aos traficantes tem ajudado diretamente na militarização das facções e na dominação das comunidades de favela, com o conseqüente aumento dos níveis de mortalidade na cidade.¹⁰⁷

Minha mãe saiu e nada falou. Olhou-me nos olhos, como que arrependida, e, pegando-me pelo braço, continuou a sua marcha em direção ao estacionamento do Juizado. Tudo fora tramado com antecedência. Meus pressentimentos estavam se confirmando, minhas pernas gelando, a Kombi branca se aproximando (...). Lutei com o funcionário da unidade para não entrar no veículo, assim como os outros

¹⁰⁵ Cemitério São Francisco de Paula, mais conhecido como Cemitério do Catumbi ou 120, em razão do número do seu endereço: Rua do Catumbi, 120.

¹⁰⁶ DOWDNEY, Luke. *Crianças do tráfico* – Um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003, p.32.

¹⁰⁷ Idem, p.93.

garotos que se encontravam em situação semelhante a minha, mas não teve jeito: os caras eram pós-graduados em colocar “infratores” e “necessitados”¹⁰⁸ (meu caso) pra dentro de caçapa, camburão, opala, van (...). O transporte alternativo Praça Onze – Quintino completara-se naquele momento: a minha passagem dava direito a um tour indesejado à famigerada Funabem¹⁰⁹, conforme parecer do Caso Social nº 208/83:

Após estudo social realizado, tendo em vista a situação irregular dos menores em tela, conforme artigo 2º, inciso b, sugerimos a internação dos menores, até que a mãe apresente melhores condições para assisti-los.

A Funabem nada mais era que a continuação do arbitrário e violento sistema de confinamento, destinado aos jovens pobres, conhecido como S.A. M (Serviço de Assistência ao Menor, idealizado em 1942 pelo Estado Novo)¹¹⁰. Com a implantação do regime totalitário em 1964, a nova classe dirigente se vê obrigada a criar ou reformular antigos mecanismos para conter os opositores do sistema ou “inimigos internos”, segundo a visão dos “estrategistas”. Nesse mesmo período é idealizada a Doutrina de Segurança Nacional¹¹¹, que resultou em ramificações destinadas ao controle sistemático da sociedade brasileira. A parcela indesejável da sociedade (constituída principalmente por desempregados, pedintes, sem tetos, deficientes físicos e praticantes de pequenos delitos), contestadora em função da não participação nos resultados positivos da ordem vigente, torna-se alvo preferencial dessa política separatista, conforme o raciocínio desenvolvido por Wacquant:

O encarceramento serve para neutralizar e estocar fisicamente as frações excedentes da classe operária, notadamente os membros despossuídos dos grupos estigmatizados que insistem em se manter “em rebelião aberta contra seu ambiente social”.¹¹²

¹⁰⁸ Assim como em outras épocas, o Juizado de Menores costumava encaminhar os menores para os internatos em virtude de “infração” ou “necessidade”.

¹⁰⁹ Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor, órgão federal vinculado ao Ministério da Previdência e Assistência Social – MPAS. Criada durante o regime militar em substituição ao S.A.M (Serviço de Amparo ao Menor). A entidade foi extinta no final dos anos 80. <http://www.senado.gov.br/legislacao/ListaPublicacoes.action?id=211688>. Acesso em 26/01/2007.

¹¹⁰ Para maiores informação acerca do S.A.M é desejável consultar “Difíceis ganhos fáceis: drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro”, de Vera Malaguti Batista. Nessa obra a autora faz uma análise dos processos de natureza coercitiva *envolvendo* menores (em sua maioria negros e pobres), de 1907 a 1988, e relata as arbitrariedades cometidas contra essa juventude.

¹¹¹ MIGLIARI, Maria de Fátima. Infância e adolescência pobres no Brasil. Rio de Janeiro, PUC, 1993. Apud BATISTA, Vera Malaguti. *Difíceis ganhos fáceis* – drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Revan, 2003, p.78.

¹¹² WACQUANT, Loïc. *Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos [A onda punitiva]*. Rio de Janeiro: Revan, 2007, p.16.

Para Vera Malaguti Batista¹¹³ essas transformações são responsáveis por novos desdobramentos no sistema, acarretando na Lei 4513/64 que cria a Política Nacional de Bem Estar do Menor e a Lei 6697/79 que origina o novo Código de Menores, destinado aos jovens em situação irregular. Concomitantemente são criadas a Funabem (responsabilidade da união) e as Febem (vinculada aos governos estaduais). “A Funabem faz o marketing das políticas sociais da ditadura, no contexto dos ‘fatores psicossociais’ da política da Segurança Nacional”¹¹⁴. A instituição federal, responsável pela tutela dos menores, cumpriu bem esse papel controlador até 1989, quando esta veio abaixo, em definitivo, juntamente com o muro de Berlim.

3.1 Triagem

Cheguei em Quintino em 04/08/1983 e automaticamente fui encaminhado ao Centro de Recepção e Triagem (CRT), ou simplesmente Triagem. Casa 4 foi a minha primeira parada. Independente da idade apresentada, todos tinham como destino este centro de acolhida inicial. Posteriormente, após as especificidades de cada caso, éramos destinados as casas das faixas etárias correlatas. Transitei pelas Casas 1 e 2, antes de ser Depois de cinco longos meses sofrendo dos males da saudade e do castigo físico (fato absolutamente normal naquele período de transição entre o regime militar e a recente redemocratização que se instalava no país, afinal de contas éramos o passivo social indesejado: para muitos não havia mal nenhum em aplicar alguns corretivos num monte de crianças pobres tuteladas pelo Estado) imposto pelo padre diretor do colégio, voltei para Quintino em definitivo, para a Escola Eduardo Bartlet James.

Em nome de Deus e da “santa” madre igreja o referido “religioso” se sentia no direito de humilhar e castigar fisicamente os alunos do colégio, assim como colocar em prática suas manias e tiques nervosos. Uma dessas aberrações consistia na “paralisação” das pessoas com o intermédio de um apito. Esse artifício era utilizado sempre que havia a necessidade desta criatura se comunicar com os internos. A “divindade” apitava estrondosamente e todos eram obrigados a parar na

¹¹³ BATISTA, Vera Malaguti. *Díficeis ganhos fáceis* – drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Revan, 2003, p.78.

¹¹⁴ Idem.

posição que estivessem no melhor estilo estátua. Imagine um monte de crianças e adolescentes “congelados” nas mais inusitadas posições. Cena esdrúxula, desnecessária e ridícula! Acabava o comunicado, mais um apito e todos voltavam ao normal.

Quem desobedecesse ao apito ou fizesse algum comentário considerado inadequado tornava-se alvo da fúria insana do padre-diretor: beliscões e outras covardias eram distribuídos gratuitamente. Lembro-me da vez que o indaguei com minhas dúvidas: o que deveríamos fazer se na hora do apito estivéssemos pulando ou saltando? A “resposta” foi rápida e objetiva: o religioso me aplicou um belo puxão de orelhas! Deve ser por essas razões que eu até hoje não encare com seriedade e bons olhos os “ensinamentos” e atitudes da igreja católica.

De volta a FUNABEM, em março de 1984, pude perceber que havia parado num “campo de concentração de gente pobre”. Conseqüentemente a lógica me ensinou a conviver com a realidade apresentada. A fim de sobreviver e de amenizar o meu sofrimento, rapidamente fui obrigado a aprender os códigos e condutas utilizados naquele lugar adverso. Pra ser sincero, tratava-se dum aprendizado rápido e forçado. Nesses espaços a coragem (no momento certo), humildade, amizade e lealdade têm uma importância significativa na vida das pessoas: vi muitos serem subjugados, tanto fisicamente quanto sexualmente, por não levarem à risca esses itens primordiais. Esses presídios infanto-juvenis não admitem nenhum tipo de fraqueza. São locais onde os fracos não têm vez, assim como no filme dos irmãos Coen.¹¹⁵

Com o tempo eu acabei conhecendo o complexo de Quintino detalhadamente, assim como suas rotinas, falhas e acertos. Basicamente era composta por Triagem (Casas 4,3,2 e 1), Escola XV, Escola Mário Altenfelder (mais conhecida como E.M.A, destinada àqueles com distúrbios mentais), Escola Bartlet James, Escola João Luiz Alves (na verdade um Instituto Padre Severino menos conhecido), Escola José de Anchieta (escola destinada à meninas), garagem, área rural, UP1(unidades profissionalizantes), complexo esportivo, o corpo de segurança (e suas temidas Toyotas verdes) teatro (...) enfim, um mundo a parte. Foi nesse universo que passei parte da minha infância e tive o meu primeiro contato com o universo musical.

¹¹⁵ COEN, Ethan ; COEN, Joel. *Onde os fracos não têm vez*. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2007.

A animosidade entre os monitores e internos era uma constante no cotidiano das escolas. Benito, não bastasse ser o chefe da disciplina, era também o mais temido dos monitores, sua aparência sinistra, reforçada principalmente pelo exagero de suas sobrancelhas, aliada ao fato de ter sido transferido do Padre Severino para a nossa escola o fazia merecer tal “honraria”. Seu olhar assustador causava mais estragos que uma pancada bem dada. Tinha “pinta” de torturador do DOI-CODI. Esse distanciamento provocado fazia parte de uma estratégia utilizada pelos funcionários para não se perder o respeito, bem como não permitir nenhum envolvimento emocional entre o vigia e o vigiado. A hierarquia não deveria ser quebrada em hipótese alguma. Mas toda regra tem exceção, graças a Deus! E essas exceções atendiam pelos nomes de Remington e Mustafá. Por incrível que pareça, contrariando toda a lógica, também existiam pessoas legais que se relacionavam com a gente.

Tanto Remington quanto Mustafá faziam questão de nos colocar a par das novidades musicais que fervilhavam além dos muros do internato. Mesmo sem o apoio da direção, eles traziam de casa seus discos de vinis e se esforçavam para transformar a pequena sala de guarda de material escolar em uma espécie de rádio-baile improvisado, onde se tocava os sucessos do momento. Graças aos dois monitores, contrários a lógica, ninguém deixou de curtir os sambas de partido-alto, as músicas de Sandra Sá (esse era o seu nome na época), James Brown, Michael Jackson e muito menos os passos do *break*, verdadeira febre dos anos 80.

Por volta dos 12 anos de idade o interno era incentivado a praticar algum tipo de atividade extracurricular. Não se admitia tempo ocioso em Quintino. Após o término das aulas o aluno precisava se dedicar aos esportes e também às oficinas profissionalizantes. A ladainha que diz “que o trabalho dignifica o homem” (tão bem utilizado pelos donos do capital e pelos governos autoritários) servia de justificativa para endossar o lado laborioso-juvenil, proposto pelos dirigentes pedagógicos. O trabalho era visto como “agente reabilitador”¹¹⁶ dentro daquele complexo destinado a menores tutelados pelo Estado. Tal raciocínio transparece, ao longo dos anos, a preocupação da sociedade em manter sob controle as parcelas consideradas indesejáveis e passíveis de se corromper, como se somente a ocupação com o trabalho fosse a solução para os problemas dessa envergadura.

¹¹⁶ BATISTA, Vera Malaguti. *Difíceis ganhos fáceis* – drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Revan, 2003, p.72.

Em função desse pensamento predominante entende-se o porquê da fortíssima oferta de atividades profissionalizantes aos confinados daquele lugar: mecânica, marcenaria, carpintaria, pintura, eletricidade, eletrônica, padaria, banda de música, desenho industrial, lanternagem, oficina de fabricação e reparo de violões e violinos, refrigeração (...). No início de 1985, aos 10 anos de idade, escolhi a banda de música como atividade a ser desenvolvida na parte da tarde, graças à influência sonora dos inspetores Remington e Mustafá.

Após dois anos de comprometimento musical com a requinta, clarinete e saxofone alto fui obrigado a abandonar a banda de música (muito semelhante àquelas oriundas dos quartéis, em função do seu repertório ser composto exclusivamente por hinos e canções militares), comandada pelo ex-fuzileiro naval Samir. Época de mudanças, afinal de contas um novo código dedicado à criança e ao adolescente estava sendo gestado pelo poder legislativo, razão pelo qual não havia mais motivos para uma instituição arcaica e arbitrária como a Funabem continuar exercendo suas atividades. Finalmente em 25/05/1988¹¹⁷ o Juiz de Menores, Dr Liborni Siqueira, autorizou o meu desligamento da Funabem. O Estatuto da Criança e do Adolescente prometia mudanças significativas (...).

Ao ser desligado da instituição, em 1988, pensei que nunca mais iria colocar os pés naquele local. Uma página da minha vida havia ficado para trás. Estava redondamente enganado, o destino reservara uma surpresa. Meu companheiro de mestrado, Paulo Melgaço, me convidara por diversas vezes para dar uma palestra, na verdade contar um pouco da minha trajetória, aos seus alunos da Faetec de Quintino, proposta que sempre adiei. Depois de alguns contratempos acabei aceitando o convite.

Após passarmos a tarde na FEBF nos encaminhamos para uma viagem ao passado. Apesar de minha insegurança, não havia mais como cancelar o meu embarque no túnel do tempo. Ao entrar na antiga Escola XV de Novembro um filme começou a ser rodado na minha mente, mantive-me forte e não chorei. Entretanto, não tive a mesma postura quando cheguei em frente a antiga lavanderia e pude avistar as instalações daquilo que havia sido a antiga Escola Eduardo Bartlet James, minha residência por cinco longos anos: comecei a chorar intensamente. Paulo, constrangido, não sabia o que fazer: amparava ou não o amigo que se esvaia em

¹¹⁷ De acordo com o Ofício nº 254/88 KM, do Juizado de Menores da Cidade do Rio de Janeiro.

lágrimas? Achou melhor que eu ficasse a sós com as minhas lembranças. Não sei se chorei pelos fatos do passado ou pelo abandono e subutilização da estrutura herdada da União. Lamentável. Para meu espanto e surpresa, sua sala de aula fica localizada no mesmo alojamento em que eu dormia com cerca de outras quinze crianças, maior coincidência impossível. Ao ver aquele monte de adolescente ouvindo atentamente o que eu dizia, me fez lembrar dos tempos que, enfileirados no chão, assistíamos alguém nos contar uma história ou nos proporcionar um momento lúdico que prendessem a nossa atenção. Somente o Paulo para me fazer chorar!

3.2 Depois do “Grande encarceramento”¹¹⁸: Ciep, Rua de Santana, skate, rap e Catumbi

No final dos anos 1980, quando se configurou o desmonte da Funabem, o governo procedeu da seguinte maneira: aqueles que se encontravam em idade de alistamento militar foram encaminhados às forças armadas (aqui, assim como na época do S.A.M, coube as entidades militares o papel de receptora de parte desse “espólio social”). Os que não possuíam idade suficiente para o militarismo foram matriculados nos Ciep's,¹¹⁹ que Leonel Brizola e Darcy Ribeiro construíam com a urgência devida, uma vez que a educação e essas escolas pré-moldadas eram a base de seus programas de governo.

Ao ser desligado da Funabem, acabei voltando para a mesma casa em que alguns parentes foram agregados quando mais jovens. Após passar um período de “mucamo” nesse local a minha permanência começou a ficar insustentável. Ao entrar na adolescência o sujeito começa a questionar as contradições da vida, e comigo não foi diferente. Não entendia o porquê de ter que trabalhar em troca de um prato de comida e de uma estadia, e no final das contas ainda ser mal tratado fisicamente. Precisava de um canto para poder viver com mais dignidade. Após alguns contatos

¹¹⁸ O subtítulo faz referência ao Seminário “Depois do grande encarceramento”, realizado entre os dias 28 e 29 de agosto de 2008, no Hotel Glória, no Rio de Janeiro. O evento contou com a participação de autoridades do universo jurídico que problematizaram o poder punitivo do Estado Brasileiro.

¹¹⁹ Centro Integrado de Educação Pública. Projeto educacional que priorizava o ensino no horário integral. Além de todo o suporte material e alimentar oferecido, os alunos dessas unidades contavam também com atendimento médico e odontológico. Oscar Niemayer foi o arquiteto responsável em dar forma aos Ciep's. Foi um dos principais programas dos dois governos de Leonel de Moura Brizola (1983-1987 e 1991-1994).

mudei-me para a mesma Rua de Santana, só que agora para o número 178, saí da casa da Naná e fui para a casa de minha tia de sangue Ely.

Fiquei no CIEP José Pedro Varela, no Centro do Rio, por dois anos. Pra ser sincero, apesar de todo o falatório sobre o temido diretor Nilson, não tive maiores problemas no Pedro Varela, nem mesmo quando “Boquinha”, filho do traficante Sérgio Ratazana entrou no meu caminho, após uma “guerra” de frutas na saída da escola. Ao me acertar com uma laranja podre, revidei com outra no seu peito, foi o suficiente para o “filho de vagabundo” avançar para cima de mim e tentar me acertar com uma sonora tapa na cara. Antes que ele tentasse me desmoralizar com a vexatória “tapa”, o derrubei ao chão e fiz questão de lhe apresentar o meu “cartão de visitas”: não quis humilhá-lo com uma tapa, mas fiz questão de lhe aplicar diversos socos na cara. Só parei quando o “fusquinha” azul e branco da P.M interveio no caso. Para muitos eu acabara de decretar a minha sentença de morte, afinal de contas eu havia batido no filho do “Sérgio Ratazana”, o “dono” do Cerro- Corá.

Após certo tempo, “Boquinha” se dedicou exclusivamente ao mundo do crime, assim como seu pai, e após alcançar certa notoriedade, principalmente depois que matou um adolescente na saída de um baile no Clube América, na Tijuca, por volta de 1991, fez questão de proferir bem alto na Rua Irineu Marinho: “A partir de agora irei acabar com todos os meus inimigos”. “Boquinha” seguiu a risca o ditado que diz que “quem bate esquece, quem apanha jamais”, a fama alcançada em suas ações criminosas o incentivou a fazer tal ameaça. Eu, Mário (meu irmão por parte de pai) e “Gegê” estávamos incluídos nesse rol ameaçador, afinal de contas havíamos “amaciado” o couro do jovem delinqüente.

Por coincidência a Irineu Marinho é paralela a Santana, sendo esta última a rua em que eu (morava de favor na casa de tia Naná, a mesma que abrigou parte de meus parentes no passado) e Mário residíamos. Gegê morava mais a frente, na Salvador de Sá, próximo ao Largo do Estácio. A esquina entre as ruas Irineu e Santana era o principal ponto de encontro dos ladrões das áreas que compreendiam o Centro, Cidade Nova, Bairro de Fátima, Catumbi e Santa Teresa, nas décadas de 80 e 90.

Figuras como “Ted” (certa vez no carnaval, ao avistar a presença de policiais, pediu para eu carregar um pequeno pacote em troca de um pedaço de cuscuz. Inocentemente acabei aceitando fazer o papel de “mula”), “Paulistinha”, “Paulinho Português”, “Bocão”, “Roní”, “Rogerinho”, “Ronaldinho” (seu irmão foi

morto acidentalmente no dia 25/12/1991, na porta dos Classificados “O Globo”, ao pegar o revólver de “Ted”, no momento que este se preparava para mais uma rodada de “roleta russa”: ao mostrar valentia ao amigo que vacilava em puxar o gatilho, acabou morrendo em seu lugar), “Marcelão” (neto de Naná e eterno procurado da polícia carioca, quiçá, de outros estados do Brasil) e “Camú”, freqüentavam assiduamente o local.

Por volta de 1992 minha mãe alugou um quarto para morarmos na Lapa, na Rua Joaquim Silva. Foi nessa região que pude comprovar *in loco* que a profecia não se realizaria: “Boquinha” foi morto na garupa da RDZ 135¹²⁰ de “Paulinho Português”, após uma tentativa de assalto frustrada por agentes da polícia civil. Por obra do destino, o desfecho trágico dos fatos ocorreu na rua em que eu morava naquele momento. No dia seguinte o jovem assaltante estava “estampado” em letras garrafais nos principais jornais da cidade, algo do tipo: “Jovem é morto pelas costas na Lapa”.

Após uma breve parada na Lapa, fui morar no Horto, no ponto final do ônibus da linha 409. Minha mãe havia conhecido Antônio, e este aceitou a nossa presença em sua residência

Passado o período de “lua de mel”, o casal começou a externar os seus problemas pessoais. Minha mãe começou a ser vítima das agressões de Antônio. Drogas e bebidas em excesso terminavam em socos e pontapés, aquilo era demais para mim. Não achava certo que uma pessoa descontasse na outra o resultado de seus atos. A mistura explosiva de cocaína, cachaça e cerveja motivavam Antônio em suas agressões. Ao intervir pela integridade física de Dona Rosa, a animosidade entre eu e ele piorou: após uma noite conturbada, fomos todos parar na 15ª Delegacia de Polícia, na Gávea. Minha mãe, apesar das agressões, continuou no Horto com meu irmão Rômulo, eu acabei voltando para a casa de Ely.

Na Rua do Lavradio tive a oportunidade de conhecer aquele que se tornaria o meu melhor amigo, parceiro de skate e microfone, Alexandre, ou simplesmente Xandy. Alexandre, e sua mãe Judite, foram fundamentais na minha vida, pois, me ajudaram num momento de muita necessidade.

Ao retornar para a Rua de Santana acabei não ficando muito tempo com minha Tia, a convivência minou o nosso relacionamento. Precisava mais uma vez

¹²⁰ Moto de pequeno porte da Yamaha muito apreciada pelos ladrões de toca-fitas e assaltantes da época.

de um canto para morar. Nessa época já havia deixado o Ciep e começado a trabalhar de contínuo na Eletrobrás, através do projeto “Bom Menino”. Graças ao salário da Eletrobrás pude comprar o meu primeiro skate, assim como os vinis do “Public Enemy”, “BDP” e “Thaide e DJ Hum”.

Andar de skate pela cidade passou a ser uma terapia para mim, nada melhor que deixar os problemas em casa e sair sem rumo, no melhor estilo *easy rider*, por ruas e avenidas. Pode parecer estranho, mas o skate tem uma importância fundamental na minha vida, pois, através dele consegui um teto para morar, além da consideração e respeito que sempre estiveram em falta na minha vida.

Após me enturmar com o pessoal do centro da cidade, acabei sendo levado para o Catumbi por obra e força do destino. Nesse bairro cercado de comunidades, reencontrei Xandy e fiz amizade com os moleques que andavam de skate na saída do túnel Santa Bárbara. Não demorou muito para eu me tornar membro da “The Ladróns Brigade”, ou simplesmente T.L.B, especializada em roubos de compensados e tapumes de obras, que na área de lazer do bairro (local conhecido como “Redondo”) se transformavam em rampas de skate. De tanto ir à casa de Xandy, acabei ganhando a simpatia de sua mãe Judite, o que acabou contribuindo para a minha estada futura naquela residência. Quando a minha permanência na Rua de Santana expirou, fui acolhido prontamente por minha mãe postiça do Catumbi. Dona Judite merece um lugar de destaque no meu coração, pois, sempre me tratou com carinho e respeito, assim como um filho, algo que minha mãe biológica nunca conseguiu em sua plenitude.

Xandy passou a ser um irmão para mim, em todos os sentidos, o que acabou gerando um certo desconforto entre eu e o seu irmão legítimo André. Enquanto André e seus parceiros se divertiam com as brigas de galeras rivais nos bailes funk, eu, Xandy e o restante dos TLBoys nos divertíamos rodando a cidade fazendo *street*¹²¹ e roubando compensados das obras. Esses universos paralelos criavam involuntariamente distanciamentos entre os dois irmãos de sangue. Skate e funk eram tão heterogêneos naquela época quanto a mistura entre óleo e água.

¹²¹ Modalidade de skate que se caracteriza por utilizar as ruas e obstáculos urbanos como suporte das manobras. Diferentemente do estilo vertical, caracterizado pelo uso de pistas de concretos ou de madeira para a realização das manobras.

3.3 A influência dos esportes radicais na consolidação do rap no Rio de Janeiro

O ser humano ao entrar na adolescência passa por um processo de transformação intenso, no qual as alterações físicas são as mais aparentes: mudanças na tonalidade de voz, ganho de massa muscular, acne, crescimento de pelos, etc. Além dessas metamorfoses inerentes ao corpo, há de se destacar, principalmente, àquelas que dizem respeito ao lado subjetivo, ou seja, sua maneira de enxergar e compreender o mundo. Nesse sentido, como “objeto direto” das próprias experiências, eu posso dizer que a prática do skate me ajudou a compreender e a desenvolver parte desse espaço temporal ímpar da juventude, caracterizado por mudanças bruscas e atitudes vivenciadas em sua intensidade e complexidade. “Chorão”, vocalista da banda “Charlie Brown Jr”, cristaliza parte desse período nos versos de “O preço”,¹²² composição que flerta tanto com o sentimento de desabafo emotivo, como também a percepção de realização pessoal, de auge, de algo que foi alcançado após demasiado esforço:

Como era difícil acreditar
 Que eu ia chegar onde estou
 Que minha vida iria mudar, e mudou
 Dificuldade então
 Passava eu, meu pai, minha família e meus irmãos
 Sem perceber larguei a escola
 E fui pra rua aprender
 Andar de skate, tocar, é
 Corri pra ver o mar
 Fui atrás do que quis
 Sabia só assim, podia ser feliz
 Eu quero ser feliz
 Quem não quer ser feliz, me diz?
 Então é preciso chegar em algum lugar
 Ter algo bom pra comer e algum
 Lugar pra se morar
 Satisfeito então, Eu faço a preza pros irmãos
 Consciente, pé no chão
 Daqui nada se leva,
 De coração eu faço a preza

Era assim que eu me sentia ao percorrer a cidade durante horas a fio a bordo dum skate. Nesse período da vida, a pessoa começa a analisar os acontecimentos a sua volta, dando início a um processo crítico que influenciará suas atitudes ao longo de sua existência. Conseqüentemente, o seu poder de

¹²² CHARLIE BROWN JR. *Preço curto, prazo longo*. São Paulo: Virgin, 1999. 1 CD.

contestação aumenta consideravelmente. Como reflexo dessa tendência, podemos observar que a maioria dos movimentos contestatórios é capitaneada pela parcela mais jovem da população. As revoltas populares, que insuflaram os subúrbios parisienses em outubro de 2005¹²³, foram organizadas por jovens descendentes de africanos indignados com o desemprego e o tratamento preconceituoso dispensado por parte da sociedade francesa. Esse lado rebelde da juventude costuma estar associado, e até mesmo incentivado, por práticas esportivas não convencionais, também conhecidas por “radicais”. É o caso do surf, do skate e do BMX¹²⁴.

Em relação ao skate e ao BMX/Bicicross, é necessário destacar a importância desses esportes na consolidação do rap na cidade do Rio de Janeiro, bem como em outros cantos do país. Esses esportes radicais sempre tiveram como pano de fundo musical, estilos como rap, hardcore, punk rock e reggae. Nos campeonatos de skate a trilha sonora era composta principalmente por grupos de rap como “Public Enemy”, “N.W.A”, “Onix”, “Das EFX”, “Naughty By Nature”, e bandas de hardcore como “Suicidal Tendencies”, “Dead Kennedys” e “Body Count” (liderada pelo rapper Ice-T e fortemente influenciada pela temática dos guetos de Los Angeles).

Nos campeonatos de skate era comum alguns skatistas escolherem músicas desses grupos e bandas para servirem de inspiração em suas baterias eliminatórias. A simbiose entre skate e rap era tamanha que nos shows e nos eventos de hip hop os skatistas sempre compareciam em quantidade significativa: estes foram os primeiros incentivadores daqueles que começaram a narrar, através de rimas, o cotidiano das regiões periféricas do Rio de Janeiro.

Em função dessa onipresente influencia musical, alguns skatistas e praticantes de BMX migraram das ruas e pistas para os palcos e locais improvisados onde pudessem apresentar o conteúdo de suas composições. Foi o caso do rapper Gas-Pa, que, após conhecer o rap em função do seu envolvimento com o BMX, acabou se dedicando com maior afinco ao rap, em detrimento das atividades desenvolvidas com a bicicleta. Gas-PA e Edu formaram, no fim da década de 1980,

¹²³ Maiores informações em : <http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u47771.shtml> . Acesso em 31/01/2009.

¹²⁴ O BMX (Bycycle moto cross), também conhecido por bicicross, é uma modalidade esportiva praticada , na maioria das vezes em bicicletas aro 20, e que mescla técnicas do motocross e do ciclismo. As pistas podem ser de barro ou de terra, com diversas ondulações que privilegiam os saltos, assim como nas competições realizadas por motos. Maiores informações consultar o site da Federação Catarinense de Ciclismo: http://www.ciclismosc.com.br/index.php?cod_local=5&id_sub_modalidade=BMX . Acesso em 02/02/2009.

um dos principais grupos de rap do Rio de Janeiro, o “Filhos do Gueto”. Gas-PA, apesar da descontinuidade do grupo, continua militando ativamente na cena hip-hop carioca. Os integrantes do “Poesias Sobre Ruínas”, R1 e R2, e MC Eltosh também foram influenciados pelo skate antes de se comprometerem com a cultura hip-hop.

O vínculo entre skate e rap, no início nos anos 1990, era tão forte que praticamente todos os rappers cariocas desse período possuíam alguma experiência nessa modalidade esportiva urbana. Alguns conseguiam administrar as duas modalidades sem maiores problemas, em certos casos, ambas se confundiam. Foi o meu caso. Assim como os outros rimadores, fui influenciado drasticamente pela rotina do skate antes de migrar, da condição de simples ouvinte, para a posição de “rapeador”.

De tanto ouvir rap com os integrantes da “T.L.B”, e demais participantes desse universo de quatro rodinhas apoiadas em uma prancha de madeira, me senti encorajado a montar um grupo de rap. Auxiliado por Xandy e Ghandy, resolvemos dar vida a nossa primeira experiência musical coletiva, o “N.A.T”, ou “Negros Acima de Tudo”.

3.3.1 Uma época marcada pelo minimalismo

Com a disseminação e o gradual barateamento das novas tecnologias destinadas à informação, percebemos uma mudança de comportamento no cotidiano das pessoas, que passam a usufruir da mobilidade e objetividade que esses novos meios proporcionam. Vejamos o caso dos computadores pessoais, através dele é possível se comunicar, monitorar, vigiar, fazer compras, efetuar pagamentos, se relacionar afetivamente, fazer sexo (mesmo que virtual!), além de servir como ótimo instrumento de produção (material ou imaterial).

O computador se inseriu de tal maneira na vida dos indivíduos, a ponto deste se apresentar como um acessório indispensável na rotina de algumas pessoas, assim como uma roupa, sapato ou relógio. Na maioria das vezes, costumamos ficar incrédulos quando um amigo, ou até mesmo um desconhecido, alega não possuir um simples endereço de correio eletrônico. Não importa se este indivíduo mora nos condomínios luxuosos da Barra da Tijuca, ou numa favela de

baixíssimo I.D.H.¹²⁵. Acompanhar o fluxo informático tornou-se uma necessidade no cotidiano das pessoas, tanto é verdade que atualmente a maioria das rotinas estão “linkadas”, direta ou indiretamente, ao universo virtual. Reflexo dos novos tempos.

Como meio de produção, o computador tem servido plenamente aos desígnios dos produtores da cultura hip-hop. Mas nem sempre foi assim. Quando externamos as idéias que tínhamos em mente para o “N.A.T”, percebemos o quanto era complicado transformar a teoria em prática. Além de não existir meios autônomos de produção, como os existentes hoje, também não havia a disponibilidade de produtores especializados em rap no Rio de Janeiro. Os mais próximos disso eram aqueles que produziam para os bailes funk, porém, óticas diferenciadas nos afastavam de contatos mais promissores.

Outro fator que contribuiu negativamente para a expansão desse ritmo peculiar foi o alto preço cobrado pelos estúdios de gravação da época. Na maioria desses lugares o aluguel da hora era taxado em dólares, suscetível as incontáveis variações cambiais. Gravação em estúdio era um luxo destinado a poucos, ou seja, ou se realizava pela força do dinheiro, ou pela força de um contrato de gravadora.

Como reflexo dessa situação, a única coisa que nos cabia era a improvisação. Improvisamos o quarto de Xandy como estúdio para nossos ensaios. Além de servir como local de reunião, esse espaço tinha algo que muito nos interessava: o velho armário de madeira e sua acústica cativante. Tínhamos o local, um armário que servia de bateria eletrônica, mas nos faltava o equipamento do DJ e o meio de gravação para que nós pudéssemos gravar a nossa primeira fita “demo”. Como iríamos fazer “scratch’s” sem uma pick-up? Não demorou muito e Ghandy apareceu com uma solução pra lá de inusitada: com uma mochila velha nosso intrépido integrante arrancava sonoros “ruídos”, ao abrir e fechar repetidamente o zíper dessa surrada bolsa. Xandy apareceu com um rádio-gravador que estava à deriva pela casa de Dona Judite. Quanto a mim, coube a confecção da letra. Apesar de todos os percalços, conseguimos reunir todos os elementos para a gravação de nosso primeiro e único hit, “N.A.T contra os porcos no poder”.

¹²⁵ O I.D.H, ou Índice de Desenvolvimento Humano, é utilizado para medir o bem-estar de uma população. Esse índice leva em consideração critérios como educação, riqueza e expectativa de vida. Quanto maior for o percentual de I.D.H, maior será as condições de vida dessa população. De acordo com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, o Brasil possui 0,807 de I.D.H, ocupando a 70ª posição no ranking mundial. Maiores informações em: <http://www.pnud.org.br/idh/> . Acesso em 05/02/2009.

4 DO CATUMBI À LAPA: NOVOS PERSONAGENS ENTRAM NO CIRCUITO

Com a crescente popularização da cultura hip-hop no Rio de Janeiro, a ponto do tema ter caído no gosto popular de pesquisadores, jornalistas e documentaristas, muitos que passaram a “consumir”, de modo superficial essas demandas de cunho popular e urbano, acreditam que esse fenômeno seja recente. Ao conversar com alguns “incautos”, e até mesmo com uma nova geração de rimadores, acerca do rap produzido por cariocas, sou constantemente surpreendido por suas constatações precipitadas. Alguns alegam que “tudo começou na Zoeira”, em sentenças inconsistentes embasadas pelo imediatismo tão característico das respostas prontas.

Tais convicções ignoram solenemente os espaços e os precursores que se dedicaram forçosamente para a consolidação desta cultura no estado fluminense. O rap parece trilhar o mesmo caminho seguido pelo samba, ou seja, preconceito inicial, aceitação a doses homeopáticas, e por fim, a pasteurização promovida pela indústria cultural que o transformou num “produto” de grande aceitabilidade¹²⁶ fora e dentro do país. A aceitação popular do rap entre as diversas camadas da população gerou, em alguns rimadores, um sentimento misto de indignação e revolta. Os mais conservadores não admitem que o ritmo seja “usurpado” por aqueles que não se encaixam no perfil pré-estabelecido de rapper, ou seja, preto, pobre e favelado. Essa crítica é direcionada, principalmente, a figura mítica do “playboy”, caracterizado por apresentar melhor condição financeira, morar em condomínios ou áreas nobres e possuir alguns hábitos diferentes daqueles que sobrevivem em regiões menos favorecidas. Macarrão reforça bem essa análise na música “O que aconteceu”¹²⁷, vejamos:

Não me leve a mal, o bagulho desandou
Quero o som que vem do nosso quintal, sem cão!
Tá distante de ser como era antes
O verdadeiro som do gueto e seus fiéis representantes
Hoje a playboyzada dita a moda “pa” “rente”
O baile não é baile se não toca o 50 Cent
Figuras deprimentes aparecem no bagulho

¹²⁶ Em relação a esta aceitabilidade, podemos citar o bairro da Lapa como exemplo: após longos períodos de abandono, o local encontra-se hoje extremamente valorizado graças a reurbanização/revitalização sofrida, que acabou atraindo novos empreendimentos para a região. Das recentes realizações, as que mais chamam a atenção são as casas especializadas em samba, que, em função da proliferação constante, transformaram o local em um pólo dedicado ao ritmo.

¹²⁷ Maiores informações em: <http://www.myspace.com/macarrao>

Pra parar perto da “rente” e ouvir o nosso barulho
 Bandana, boné, cartola, colorido
 Com as cores da bandeira dos Estados Unidos
 Muito comédia fudido, boy embutido no cão
 O gueto abriu a guarda e não fechou....lombrou
 Agora pra tocar o nosso som o DJ treme
 Virou o nosso quintal filial das rádios FMs
 Segregação, o som da playboyzada rola o favela não
 Isso dá bolação irmão
 Vacilação, mais quando chega o jornal
 Todo mundo jura que é do rap nacional...normal
 Só se for pra vc
 Pra mim não é assim que tem que ser, pode crê!
 Que tal tomar o funk como exemplo
 A festa tá lotada com o som que é feito aqui dentro
 Funk erótico, psicótico, neurótico
 Se representa o gueto, eu tô dentro é lógico!
 Sem simpatia, vivo o dia-a-dia
 Blim-blim vai na flecha, tô legal de fantasia
 O quê aconteceu? O quê aconteceu?

Nessa música, percebemos a preocupação do rimador com o envolvimento dos “playboys” na cena hip-hop. Para o rapper, o fato do “gueto ter aberto a guarda” aos novos ouvintes contribuiu para que o rap “tradicional”, de origens locais e com um forte viés crítico, fosse suplantado pelos modismos e rimas produzidas em terras estrangeiras, mais precisamente no território norte-americano. Mas não seria contraditório pregar esse tipo de posicionamento puritano fora de hora? Acredito que tal raciocínio não deve ser atrelado ao rap, um ritmo totalmente globalizado (e também local, tendo em vista que esse “ritornelo”, como diria Guattari¹²⁸, é capaz de se adaptar as condições culturais das mais distintas localidades), mutante, desprovido de “fórmulas prontas”, e, sobretudo, democrático. Sua simplicidade estrutural o faz único no que diz respeito a produção e disseminação. Sua riqueza está na praticidade.

A música, não importa o estilo, é um bem imaterial a serviço de todos, e como tal deve ser consumida, produzida e expandida sem exceções. Não devemos cair na besteira de dividir a música por classes sociais: “playboy” escuta som de “playboy”, e “favelado” escuta som de “favelado”, pronto e acabou. Quem disse que tem que ser assim? Ao agirmos dessa maneira estamos simplesmente atirando no próprio espelho. Não é com a seletividade que iremos resolver nossas diferenças. Hipoteticamente falando, é como se quiséssemos combater o racismo com atitudes racistas. Atitudes essas que alguns amigos não negros têm se queixado junto a mim.

¹²⁸ GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético* – tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Editora 34, 1992.

Alguns me confessam que são discriminados em locais como o Viaduto Negrão de Lima, ou simplesmente Viaduto de Madureira, onde se realiza um dos melhores bailes de música negra do Rio de Janeiro. Seria agora a melanina um passaporte para freqüentar determinados lugares? Qual a necessidade desse racismo às avessas? Há espaço para todos, para “playboys”, “favelados”, pretos, brancos, índios, nordestinos, etc. Deixemos a análise crítica “puritana”, no que diz respeito a parte musical, para o senhor José Ramos Tinhorão¹²⁹.

Essa discussão faz lembrar o embate entre algumas gerações de sambistas, mais precisamente entre a “nova” e a “velha” escola do samba. Os sambistas mais antigos, defensores do “samba de raiz”, com fortes influências do cotidiano das comunidades cariocas, parece desdenhar a produção musical de novos nomes que surgem neste universo musical. Essa “nova geração” é conhecida por fazer um som diferenciado, com a predominância de melodias fáceis e romantismo excessivo. Assim como instrumentos não característicos do samba mais tradicional como bateria, teclado e até mesmo guitarra. Essa nova composição instrumental parece não agradar a ala mais conservadora do samba, conforme podemos observar nos versos de “Argumento”¹³⁰, de Paulinho da Viola:

Tá legal, eu aceito o argumento
 Mais não me altere o samba tanto assim
 Olha que a rapaziada está sentindo a falta
 De um cavaco, de um pandeiro, e de um tamborim

Esse “protecionismo” desnecessário acaba enfraquecendo o rap enquanto expressão cultural, pois, ao revelar essa faceta preconceituosa, esses “rapeadores” acabam fazendo uso das mesmas ferramentas que procuram sustentar um pseudo puritanismo, tão comum em alguns setores das artes e do universo musical.

Se o problema está no fato de não tocar rap nacional em alguns lugares, que os descontentes se mobilizem para que esse tipo de som possa ser inserido em outros locais. Ao invés da estagnação e reclamação (situação bem cômoda, diga-se de passagem), é muito mais interessante e produtivo correr atrás de soluções que possam dar fim as insatisfações. A música é universal, é um bem a disposição de todos, não importa a matriz ou suas origens. O fortalecimento de uma cultura se dá

¹²⁹ Maiores informações sobre José Ramos Tinhorão ver em: <http://www.revistadobrasil.net/rdb32/perfil.htm> . Acesso em 21/03/2009.

¹³⁰ VIOLA, Paulinho da. *Bis*. Rio de Janeiro: EMI Music, 2000. 2 CDs.

através da liberdade de criação, ou seja, quando mais livre ela for, mais rica ela será.

Essa percepção “equivocada” é incentivada principalmente por aqueles que se comprometem a retratar a realidade exposta por vieses ora estereotipados, ora superficiais. É o caso de “documentários” ou “porta-vozes” auto empossados que procuram “contar” a história do hip-hop carioca através de um ponto de vista ensaiado e superficial, ou seja, no início dos anos 2000, período coincidente com a implementação da “Festa Zoeira” e da revitalização do bairro carioca da Lapa, que acabou atraindo para o local um público freqüentador de outras áreas. Talvez a explicação para essa tendência encontre embasamento no fato de que é a partir desse momento em diante que o rap carioca passa a ter uma maior visibilidade e aceitabilidade entre as pessoas, caindo no gosto popular e no da mídia também. Desse modo acaba-se passando ao expectador, a falsa noção de improdutividade em épocas anteriores ao ano 2000, além de mostrar também a Lapa como pólo exclusivo de criação de rap. Como que o rap fosse exclusividade de galera “X”, em detrimento da galera “Y”. O rap não pertence ao grupo “X”, muito menos ao grupo “Y”, o que existe é uma linha temporal e evolucionar, como veremos mais frente.

Costumo defender que o rap na cidade do Rio de Janeiro encontra-se dividido em três períodos distintos: 1º) Momento dedicado aos MC’s e dançarinos de break (B-Boys), que no início dos anos 1980, fizeram do Largo da Carioca o palco de suas reuniões e performances iniciais; 2º) Esse segundo espaço temporal é dedicado aos grupos como “N.A.T”, “Filhos do Gueto”, “Geração Futura”, “Consciência Urbana”, “Poesias Sobre Ruínas”, “Damas do Rap”, que em meados de 1993, foram responsáveis pela primeira compilação fonográfica dedicada ao rap no Rio de Janeiro, o “Tiro Inicial”. Esse mesmo período evidenciou nomes como “Ryo Radical Reps”, “Xhackal”, “C.C.R”, “Nêgo Véio”, “Artigo 288”, “Zezé”, “Ponto 50”, “Nocaute”, “Gabriel Pensador”, “Perigo Zona Sul”, “Bolt”, “Vinny Max”, “Disciplina Urbana” etc., 3º) O período mais recente inicia-se a partir dos anos 2000, com a implantação da “Festa Zoeira”, idealizada por Elza Cohen. Nomes como “Marechal”, “Aori” e “Don Negrone” ganharam repercussão graças aos concursos de rima, conhecidos como “Batalha do Real”, disputados na antiga casa de bilhar, na Lapa, local onde se realizava a festa promovida por aquela promoter.

4.1 Das andanças de skate chegamos ao Ceap

De tanto fazer “street”¹³¹ pelas ruas da cidade, acabamos descobrindo um grupo que se reunia aos sábados na Lapa, na sede do CEAP (Centro de Articulação das Populações Marginalizadas). A princípio pensamos que se tratava de mais uma “galera” de skatistas, em função de alguns portarem skates, camisas com estampas de grupos de rap (Public Enemy e N.W.A em sua maioria), bonés com a mesma temática, além de bermudas e tênis apropriados para a prática dessa modalidade esportivas. Sim, eram skatistas; mais também eram rappers!

Fomos convidados e na semana seguinte estávamos participando das reuniões promovidas por esse grupo de rimadores de diversas áreas do Rio. Nós que pensávamos que éramos absolutos no que dizia respeito à prática do rap, estávamos redondamente enganados: havia participantes de Realengo (“Filhos do Gueto” e “Poesias Sobre Ruínas”), da Tijuca (“Consciência Urbana” e “Ryo Radikal Repz”), da Cidade de Deus (“Geração Futura”, grupo que revelou “MV Bill”) e Pilares (“Damas do Rap”). Havia rap fora do Catumbi, a pólvora não fora descoberta por nós. Depois de nos entrosarmos com os demais grupos, fiquei sabendo que a origem da aproximação dos rimadores com o CEAP se deu após apresentação do “Geração Futura”, em evento cultural em maio de 1992, na Merck, umas das diversas localidades do bairro de Jacarepaguá, na Zona Oeste do Rio de Janeiro.

Nessas reuniões discutíamos de tudo um pouco, porém, os assuntos com maior ênfase eram aqueles destinados ao racismo, a truculência policial e a política de um modo geral. A troca de experiência revelou-se de suma importância, uma vez que os saberes se compartilhavam: um assunto que não era dominado com exatidão tornava-se mais acessível graças à colaboração da coletividade. Também fazíamos proveitosas sugestões de leitura nessas reuniões, sempre que possível com temáticas que procuravam valorizar a questão do negro em nossa sociedade.

Numa dessas reuniões aproveitamos e criamos a Associação Atitude Consciente, ou simplesmente ATCON, pioneira e ambiciosa em seus objetivos, porém, em virtude dos desentendimentos internos, acabou tornando-se uma entidade figurativa aos moldes da rainha da Inglaterra, ou seja, cheia de pompa e circunstância, mas sem nenhum efeito prático. Gabriel Pensador, assíduo

¹³¹ Modalidade de skate praticada nas ruas, onde suas rampas, calçadas, escadas e demais mobiliários urbanos são seus principais obstáculos e fontes de criação de novas manobras.

freqüentador de nossas reuniões, descreve o início de nossas atividades na Rua da Lapa:

Apesar de eu já fazer rap desde 90-91, eu fazia na minha, sozinho, com o meu irmão me ajudando a fazer as coisas em termos de música, de base...E fazia mais letras...Talvez em 91, mas já quase em 92, eu conheci outros rappers no cinema, assistindo Boyz 'n the hood, e pelas roupas a gente se identificou como fãs de rap. Na verdade eles faziam rap também: o Leandro, acho que tava começando, o Yuri já fazia, e aí eles me apresentaram ao Tito, que tinha uma bateria eletrônica e começou a me ajudar nas minhas letras programando umas bases...Cada um conhecia mais um. De repente se reuniu um grupo de 10 e 15 pessoas, incluindo o Bill, você, o pessoal do Artigo 288, filhos do gueto, NAT...Essa galera não sei se todos foram das primeiras idas, mas foi daí que surgiu a associação, que na verdade era uma maneira de a gente ter um encontro semanal pra trocar idéias. Aliás, depois lembrei que acho que fui eu quem deu o nome Atitude Consciente para a associação, que era um nome que eu achava que demonstrava atitude. Não adiantava ter um papo só de marra e não ter consciência, ou ter consciência e não agir... E a gente tava tentando juntar as duas coisas mesmo e quando tinha a oportunidade, a gente fazia a nossa parte, cantava duas músicas cada um nos shows do movimento negro, do movimento estudantil, na UERJ (Universidade do Estado do Rio de Janeiro). Na Praia de Botafogo rolou um que eu me lembro que foi bem interessante, acho que foi no Dia da Consciência Negra, o palco era grande e o público também, e a gente teve a chance de cantar, mesmo que fosse à capela às vezes, a gente não tinha nem base instrumental. A galera do AfroReggae também, não posso esquecer, começou junto, ralando na mesma época, e a galera do CEAP, é lógico, que foi quem cedeu o espaço pra gente se reunir lá...Então, era um pessoal muito interessante. É claro que a gente era muito novo, alguns ainda tavam desenvolvendo mais a postura e aprendendo a lidar uns com os outros, mas era uma época interessante. (LEAL, 2007, p. 174-175).

Gabriel narrou de forma concisa, temporal, e até mesmo com um certo romantismo, parte da história do rap carioca. Entretanto, ao descrever a passagem na Praia de Botafogo o autor de “Lavagem Cerebral” esqueceu de comentar que a oportunidade de subir ao palco só foi reservada a ele, e não aos demais integrantes da ATCON. Apesar de ser um evento dedicado ao Dia da Consciência Negra, nenhum rapper negro teve a oportunidade de se apresentar na ocasião. Além de ser o único a ter oportunidade, Gabriel ainda teve parte de sua obra veiculada em um flash do “Fantástico”. Logicamente algum lobby ou jogo de interesses interferiu na decisão final dos organizadores do evento, pois, se não fosse por tal motivo todos teriam a oportunidade de subir ao palco naquela tarde. Será que em função de Gabriel ser filho de uma jornalista famosa (Beliza Ribeiro), aliado a fato deste encontrar-se em conversações com a Chaos / Sony, não acabou contribuindo decisivamente na escolha dos organizadores? É uma possibilidade que não merece ser descartada.

O CEAP cedeu o espaço para a realização de nossas reuniões, porém, logo estávamos servindo aos interesses da entidade. No universo das “organizações” e

dos “movimentos” tem dessas coisas, ninguém dá ponto sem nó, ainda mais quando se trata de militantes calejados e experientes da cena cultural e política da cidade. Alguns desses militantes são vistos até hoje empossados em secretarias, ministérios ou cargos de alguma visibilidade política, num fisiologismo viciado e com origens no “social”. Nos telejornais, e na mídia de uma maneira geral, essas figuras parecem verdadeiros “papagaios de pirata”, sempre na retaguarda de governadores, prefeitos e demais autoridades. Teria Jaime Dias Sabino, o “Jaiminho”¹³², “papagaio de pirata” oficial do RJTV, aprendido seu ofício com essas personalidades da política carioca?

Nós éramos uma moeda de troca interessante, afinal de contas representávamos a ONG em diversas oportunidades, passando para o público externo uma sensação de competência no que dizia respeito à articulação de alianças de diversos setores e movimentos. Obra dos coordenadores Arcélio Farias e Jorge Damião.

Essa aliança entre organizações não governamentais e o pessoal do rap não era um artifício novo, já havia acontecido em São Paulo. O pessoal do Geledés¹³³, através do “Projeto Rappers”, viu nos rimadores a possibilidade de ampliar o discurso contra o racismo, a violência policial e as injustiças sociais através das letras desses atores sociais. O CEAP procurou seguir a mesma fórmula adotada por aquela ONG de São Paulo. “Faltava apenas orientação e sentido de organização, atributos facilmente adquiríveis, dada a vontade política dos garotos do RAP”.¹³⁴

Começamos a participar de uma série de eventos e manifestações organizadas por setores da esquerda e do movimento negro e estudantil, como também aqueles organizados pelas universidades públicas, mais precisamente a Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ora fazíamos apresentações na Concha Acústica, ora nos apresentávamos no teatro localizado nos fundos dessa estrutura).

Com o tempo começamos a perceber que só éramos chamados para os eventos de menor importância, ou aqueles que não eram do interesse dos blocos afros. Quando, porventura, acontecia de sermos convidados para eventos de maior

¹³² Figurante “efetivo” do noticiário local RJTV. Diariamente “Jaiminho” disputa espaço com os entrevistados desse telejornal local, aparecendo sempre ao fundo das filmagens com seu inseparável celular no ouvido e trajando, na maioria das vezes, seu terno azul claro. Maiores informações em: <http://puc-riodigital.com.puc-rio.br/media/3%20-%20arroz%20de%20funeral.pdf>. Acesso em 02/03/2009.

¹³³ Geledés – Instituto da Mulher Negra: Organização política formada por mulheres negras, fundada em 1988 e que tem como objetivo o combate ao racismo, o sexismo, valorizar e promover as mulheres negras, bem como a comunidade negra em geral.

¹³⁴ Depoimento do militante do CEAP, Arcélio Farias, à pesquisadora Tânia Amara Vilela Gonçalves. Esse trecho faz parte da dissertação de mestrado “O grito e a poesia do gueto – Rappers e movimento Hip-Hop no Rio de Janeiro”.

envergadura, só nos apresentávamos depois que esses blocos esgotavam seus respectivos repertórios nos palcos. Nas vezes que nos apresentamos na UERJ, o roteiro dos “quase preteridos” foi seguido à risca, sem a mínima alteração e preocupação da ONG que aparentemente nos representava.

Além de não receber nenhuma ajuda de custo para nos deslocarmos para esses eventos, ainda éramos obrigados a conviver com a falta de equipamentos básicos como microfone e fone de ouvidos. Sendo o rap um estilo totalmente dependente desses recursos fica fácil perceber o quanto constrangedor era a situação para nós.

A vontade de participar dos eventos superava a fome, a sede e a falta de dinheiro, porém, a ausência de um simples microfone, instrumento primordial para o desempenho de qualquer “rapeador”, acabava acirrando nossos ânimos. Conseqüentemente acabávamos protestando veementemente contra situações dessa natureza, o que não agradava aqueles que perfaziam o universo dos “movimentos” e organizações não governamentais comprometidos com a causa negra. Em razão desses protestos, ficamos conhecidos pejorativamente como “moleques revoltados”.

Graças às influências de alguns setores do Movimento Negro, como a Febarj¹³⁵ e do próprio CEAP, o Òrúnmilà¹³⁶ e outros grupos do gênero sempre tiveram prioridade e algumas regalias nas apresentações e eventos, em detrimento ao pessoal do rap. Como toda regra parecer ter suas exceções, no nosso caso não era diferente, o rapper “Big Richards”, apesar de não pertencer a nenhum bloco afro, também fazia jus a um leque de privilégios, conforme veremos mais a frente. Nos eventos considerados importantes ou de grande visibilidade, lá estava o rapper se fazendo presente e atuante. Vivíamos em eterna queda de braço com os componentes da Febarj e do movimento negro, afinal de contas lutávamos por nosso espaço na cena cultural da cidade e isso parecia incomodar algumas pessoas. Além de sermos vistos com desconfiança pela mídia, pelo pessoal do funk e pela parte mais conservadora da sociedade, também tínhamos que disputar espaço com pessoas e coletivos que aparentemente estavam no nosso lado: um verdadeiro “fogo

¹³⁵ Federação dos Blocos Afros da Cidade do Rio de Janeiro.

¹³⁶ Um dos principais blocos afros do Rio de Janeiro.

amigo”. Gonçalves¹³⁷ retrata parte dessa realidade em seu trabalho de pesquisa dedicado ao rap carioca, ao afirmar que:

Na luta pela sua afirmação, os rappers deparam-se com outras questões. A saber, sua própria legitimidade perante outras lideranças e entidades do movimento negro do Rio de Janeiro. Fatores como antiguidade entraram na discussão da autoridade do discurso, na disputa entre os mais velhos e os mais jovens do movimento.

Apesar de todas as divergências geradas em torno das questões que envolviam representatividade, legitimidade e respeito, externamente éramos vistos como um movimento homogêneo, onde o convívio entre os segmentos se apresentava de forma saudável. Constantemente, nós do rap éramos designados para representar o CEAP em eventos desprestigiados, e até mesmo perigosos. Afinal de contas éramos, jovens, destemidos e baluartes dum movimento contestador conhecido como hip-hop, nada podia nos deter! Talvez esse fosse o pensamento dos ativistas do movimento negro, mas não o nosso!

4.2 Aonde os blocos não iam, a ATCON se fazia presente

Certa vez, Damião (um dos principais militantes do CEAP) convidou a mim e os integrantes do grupo “Poesias Sobre Ruínas”, “R1” e “R2”, para nos apresentarmos na longínqua localidade de Jardim Leal, no município de Duque de Caxias. De início não achamos nada demais e aceitamos de imediato o convite, como era de praxe, mais o pior ainda estaria por vir.

Depois de longos sacolejos pelas ruas não pavimentadas de alguns distritos de Caxias, finalmente chegamos no bairro de Jardim Leal. Descemos do ônibus e saímos à procura do local onde iria ocorrer o evento para qual fomos convidados. Após passar por alguns locais, onde a sensação de estar sendo observado era evidente, finalmente chegamos ao nosso destino. Tratava-se de um colégio municipal bem cuidado e simpático, provavelmente fruto de alguma equipe pedagógica que resolveu não encampar o discurso pessimista que ultimamente tem contaminado o cotidiano dos profissionais da educação. Para alguns é mais cômodo reclamar do que arregaçar as mangas. Apesar do esforço aparente do corpo laboral daquela escola, podíamos perceber um clima de desconforto no ar, como que se a

¹³⁷ GONÇALVES, Tânia Amara Vilela. *O grito e a poesia do gueto: Rappers e movimento hip-hop no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, IFCS UFRJ, 1997, p.29-30.

liberdade e a soberania não contemplassem os funcionários e os moradores daquele local.

Minha desconfiança se confirmaria mais a frente quanto, ao pegar o microfone para me apresentar, fui aconselhado por um senhor, que tudo observava, a não cantar nenhuma música que tivesse conteúdo contestador ou que fizesse referência ao universo das favelas. Entrei em pânico, afinal de contas o meu repertório só tratava desses assuntos. Paralisei com o microfone na mão, o povo não. As pessoas me questionavam se eu não iria cantar, uma vez que elas estavam esperando pacientemente a apresentação. Ao tomar coragem e iniciar a minha “ladainha” urbana, fui sabotado prontamente pelo senhor com cara de poucos amigos: num lance de extrema habilidade e falta de consideração, essa figura, nada amistosa, meteu a mão na fiação e desligou o frágil instrumento que tentava dar um pouco mais de potência à minha voz.

Fiquei atônito, o povo também. Logo em seguida fui tomado por uma onda de protestos, como que se a culpa por tal falha fosse minha. Apesar do desconforto, parei por alguns segundos e imaginei algo inusitado para a ocasião, comecei a cantar “Parabéns pra você” em forma de rap. Apesar do surrealismo inicial, todos gostaram da maneira não tradicional de cantar aquela canção destinada aos momentos de comemoração. O “Rap do Parabéns” salvara a minha vida!

Situações como essas se repetiram por diversas vezes em nossa trajetória. Enquanto éramos designados para representar o CEAP em locais de segurança duvidosa, sem direito a nenhum tipo de privilégio e entregues a própria sorte, por outro lado, percebia-se a manutenção de regalias e tratamento diferenciado à uma outra parcela tida metaforicamente como mais “nobre”, algo como um sistema de castas dentro de um movimento criado justamente para combater as diferenças entre os indivíduos de uma mesma sociedade. Algo um tanto contraditório, não?

Como o primo pobre, e “agregado” na casa alheia, só nos cabia frustrações e lamentações repetidas. Por mais que muitos não revelassem o sentimento desconfortável, a sensação de desprestígio, resto, migalhas, rondava o nosso imaginário, assim como o personagem alvo das críticas do rapper novaorquino “D Nice” na música, “Crumbs on the table”.

Apesar de sermos jovens, ousados e inexperientes, tínhamos a esperança de que um dia os nossos “padrinhos” pudessem nos tratar com mais equidade e profissionalismo, afinal de contas a igualdade de direitos era uma das principais

reivindicações de nossa agenda. Não custava nada acreditar em tal possibilidade, uma vez que a utopia, tão presente no imaginário da juventude mundo afora, era o foco principal de nossas aspirações e composições.

4.3 O Tiro Inicial

Apesar do clima não ser o mesmo de antes, resolvemos continuar nos encontrando aos sábados na Lapa, no prédio do CEAP. Os integrantes da ATCON passavam por um momento conturbado, em função da entidade principal ter indicado “Big Richard” para a presidência daquela associação. O problema se agravou em função da escolha ter se efetuado através dum processo pra lá de antidemocrático, sem direito aos trâmites tradicionais que uma situação como essa exige, tais como alianças, propostas, candidaturas, etc. O que se viu foi totalmente o oposto, no final prevaleceu a imposição dos articuladores do CEAP: Richard foi feito “presidente”.

Apesar de “Big” ter sido empossado à revelia no cargo comissionado, jamais me senti representado pelo mesmo, assim como a grande maioria dos “associados”. Situação semelhante repete-se nos dias atuais, apesar da CUFA¹³⁸ se apresentar como representante do hip-hop e das favelas, não conheço nenhum rimador de renome ou morador dessas comunidades que se sintam representados por tal organização não governamental, a não ser aqueles que estão prestando no momento algum tipo de serviço (na maioria das vezes não remunerados) a referida entidade.

Esses colaboradores, não sei por qual motivo, fiéis defensores da doutrina “cufariana” num passado não muito distante, são os mesmos que, após um certo período, deixam de colaborar com a organização e passam a demonstrar um grande ressentimento por esta. O que tem de “ex-cufariano” insatisfeito com as posturas da ONG daria para montar várias equipes de basquete. Por que será?

Além da falta de lisura na escolha de “nosso” representante, regalias como acesso a informações privilegiadas, viagens, ajuda de custo, e prioridades nos eventos eram concedidas ao escolhido. Segundo apurado na época, a escolha por “Big Richard” ocorreu em razão deste possuir um “melhor” nível socioeconômico (Big

¹³⁸ Central Única das Favelas.

era proveniente de uma família de classe média do Rio Comprido) e cultural, afinal de contas seu avô apresentava um histórico de militância política no PMDB. “Eu sou de uma família política do Rio. Tem o meu avô que foi perseguido na época da ditadura, enfim, tô querendo dizer que eu sempre tive esse envolvimento de montar grupos, organização política, formar estratégias” (LEAL,2007,p.171).

Com essa fala o rapper tenta justificar sua indicação atípica à presidência da ATCON, utilizando como estratégia redentora o passado político de seu avô. Observa-se no discurso do entrevistado uma atitude que avança sobre o território da bazófia, com traços de arrogância. Em nenhum momento o pronome pessoal é utilizado no plural, este somente se faz perceber no singular, cabendo ao “eu” a responsabilidade de toda ação: “eu fiz”, “eu tive”, “eu sou”, “eu faço” (...). Tratando-se de uma coletividade, seria mais correto permear o discurso com “nós fizemos”, “nós faremos”, “nós somos”, entretanto, não é o que se observa. Com um mínimo de visão crítica é possível perceber que dentro dessa estrutura organizacional as vitórias são particulares e as derrotas coletivas. Há de se mencionar também que o alvo do pesquisador não consegue (ou não quer) se desvencilhar de uma trajetória que lhe parece valiosa e interessante, mas que não lhe pertence. São histórias distintas, e como tal, devem ser encaradas separadamente.

Ao que tudo indica, o passado familiar de Richard foi preponderante para sua indicação política. Mais uma vez acho oportuno recorrer ao estudo de Gonçalves para reforçar e talvez tentar elucidar essa situação. Vejamos o ponto de vista de MV Bill captado pela autora:

Bill afirma que a na época da fundação sentiu uma certa manipulação, para indicação de Big Richard, pois para ele, Richard fora empossado apenas porque falava bonito e havia estudado mais que os outros. Embora soubesse muito pouco das experiências da favela, material sobre o qual os rappers constroem a sua criação. Apenas a cor da pele os aproximava e para Bill, Big Richard embora fosse um rapper estava fora do contexto da grande maioria destes. (GONÇALVES,1997,p.55)

Essa postura antiética do CEAP não foi bem vista pelos demais membros da ATCON, muitos ameaçaram deixar a representação em função desse ato antidemocrático. Entretanto, a promessa de gravação, por parte do CEAP, de um vinil (que se viabilizou graças ao aporte de verbas das Fundações Ford e Mitterrand em 1993) com as músicas dos componentes desse grupo arrefeceu um pouco o clima que se encontrava em ponto de fervura.

Apesar do “Tiro Inicial” ser fruto direto do trabalho desenvolvido pelo coletivo de “revoltados” (uma vez que sem a presença dos representantes dos grupos de rap “afiliados” ao CEAP a prensagem do *long play* não seria possível), Richard até hoje propaga a idéia de que a gravação de nossas composições foi resultado de sua influência junto aos articuladores daquela ONG, conforme podemos observar em seu depoimento ao DJ TR:

Eles estavam preparando um orçamento pro ano de 1993. Eu lá, fingindo que não tava ouvindo, mas tava, eles discutindo no que iriam investir o dinheiro no de 1993. O CEAP recebia verba das fundações Ford e Mitterrand, eu meti o meu bedelho e disse: “já que vocês estão decidindo o que vão fazer com o dinheiro, bota uma verbinha pra gente fazer um disco? Uma coletânea de hip-hop! (LEAL, 2007, p.172)

Embora na visão de “Big Richard” nosso grupo (do qual ele também era parte integrante) fosse “egoísta e vaidoso” (LEAL, 2007, p.173), nós nunca nos preocupamos efetivamente com questões relacionadas ao egoísmo e a vaidade, pelo contrário, simplesmente tentávamos nos impor perante alguns obstáculos (às vezes barreiras provenientes do nosso próprio meio, já que a disputa de espaço ou poder atinge a todos, até mesmo nos movimentos que trabalham em prol de uma sociedade mais justa, ou próximo disso). Acontece que existe uma cadeia hierárquica invisível dentro desses organismos de cunho reivindicatório, e quando alguém ousa quebrar essa cadeia, por mais justa que seja a demanda, é logo tachado pejorativamente. Jamais fizemos de nossa representação um estilingue para alçar voos mais altos, bem como obter ganhos políticos e vantagens pessoais a médio, longo prazo. O CEAP na nossa concepção nunca foi visto como uma “boquinha”, sempre o enxergamos como um espaço destinado às discussões voltadas à violência policial, ao racismo, ao preconceito, as desigualdades sociais, etc. Jamais fizemos dessas mazelas um passaporte para colocar o nosso “boi na sombra”. Tanto é verdade (considerando as exceções de praxe) que a grande maioria dos remanescentes da ATCON não estão envolvidos com ONG’s, emissoras de TV de caráter duvidoso e muito menos responsáveis por “projetinhos sociais” de araque, exploradores da desgraça alheia. Não é de hoje que a miséria tem servido de base para o enriquecimento de muitos nesse país, inclusive no “nosso” próprio meio.

A gravação do vinil fez que alguns rimadores mudassem de idéia e permanecessem na associação, ao menos até a finalização do trabalho. Quanto a

Richard, o pivô da situação desagradável entre os membros da ATCON, só posso dizer que sua situação entre nós ficou delicadíssima, a ponto de acabar forçando a sua ida em definitivo para o “exílio” em São Paulo, após o término da gravação do “Tiro Inicial”.

Após as conversações e os trâmites legais, os articuladores do CEAP nos informaram que o disco seria gravado pela “Radical Records”, do ex-produtor da banda brasiliense “Legião Urbana”, Mayrton Bahia. Logo estaríamos assinando contrato com este selo, algo inédito em nossas vidas. Em função desse pacto comercial passamos a alimentar uma série de sonhos que acabaram não se concretizando.

Gravar o “Tiro Inicial” não foi tarefa das mais fáceis. Uma série de fatores contribuíram para o insucesso da empreitada. De início tínhamos o problema da nossa falta de experiência em estúdio, afinal de contas estávamos acostumados a cantar em cima de bases instrumentais de grupos estrangeiros, o que de certa forma era mais fácil, pois nos adaptávamos ao B.P.M¹³⁹ e as divisões de tempo desses vinis; no estúdio seria diferente, teríamos que começar do zero. A questão do tempo de gravação era um dos problemas que tínhamos que contornar constantemente, pois, o local ficava a nossa disposição durante um determinado período, caso esse limite fosse extrapolado tornava-se necessário efetuar um novo pagamento para que gravação continuasse. Às vezes nem o pagamento de um novo período é possível, uma vez que a maioria dos estúdios costumam alocar, num mesmo dia, o espaço para outras bandas e grupos em diferentes horários. Diante dessa situação limite, a pressão para que as tomadas de gravação fossem realizadas de maneira precisa transformou-se praticamente numa obsessão.

Desses contratempos, talvez o pior que enfrentamos foi a falta de um profissional com conhecimento em rap. Atualmente esse estilo musical encontra-se bem difundido no país, o que de certa forma facilita, juntamente com a proliferação da informática e o seu pragmático e característico modo “faça você mesmo”, o surgimento de novos profissionais especialistas no gênero. Mais nem sempre foi assim. Quando da gravação do “Tiro”, passamos por diversos momentos de incompreensão musical, que de certa forma acabou influenciando no resultado final do trabalho. Queríamos um tom, e nos apresentavam um outro totalmente diferente,

¹³⁹ Batidas por minuto. Quanto maior for o B.P.M, maior será a velocidade e o andamento da música.

escolhíamos uma batida e o pessoal do estúdio aparecia com outra. Também pudera, nosso produtor, Renato Corrêa Jr, ganhara dinheiro produzindo para o universo pop, e querer que o mesmo, da noite para o dia, produzisse uma coletânea inteira de rap seria uma tarefa hercúlea. Mayrton Bahia não foi feliz ao delegar tamanha responsabilidade ao seu onipresente assistente da época de Renato Russo e companhia. Seria o mesmo que pedir que Rildo Hora, produtor de diversos artistas consagrados do samba, produzisse um disco para a banda de *heavy metal* Sepultura!

O ano de 1993 foi importantíssimo para a cena hip-hop desenvolvida no Rio de Janeiro. Praticamente um divisor de águas, já que muita coisa mudou após esse período. Foi a partir da insistência de alguns rimadores, grafiteiros e b-boys que uma nova expressão cultural urbana teve oportunidades de construir bases sólidas, e se transformar nessa estrutura rizomática que atualmente muitos conhecem e admiram. Depois de idas e vindas, permeadas por contratemplos que pareciam não ter fim, finalmente o “Tiro Inicial” foi disparado. O local para o lançamento não poderia ser melhor: Circo Voador. Por algumas horas nos sentimos felizes e realizados: nosso trabalho estava pronto. A MTV Brasil se encarregou de fazer a cobertura do evento, Marcelo D2, e seu incipiente Planet Hemp, fizeram a abertura do show de lançamento da coletânea, e como se não bastasse, o público compareceu e prestigiou o nosso esforço! Quem disse que pobre não tem seus momentos de felicidade? Ao menos naquela noite, tudo transcorreu na mais perfeita harmonia.

4.4 Apesar da mira, o tiro saiu pela culatra

Ao assinarmos com a Radical Records pensávamos que nossa vida iria mudar da água para o vinho: estávamos enganados. O contrato estipulava critérios de remuneração vinculados ao número de cópias vendidas, o que, num primeiro momento, parecia algo simples e objetivo. Assinamos com gana aquele pedaço de papel sem questionar as demais letras miúdas que compunham os diversos parágrafos seguintes. O único que quis submeter o documento a uma análise técnica foi o DJ Leandro, até porque seu pai era advogado e já estava acostumado a lidar com demandas do universo jurídico. Após a submissão do contrato ao profissional competente, Leandro se juntou a nós e acabou assinando o documento.

Passada essa etapa, não nos preocupamos mais com esses detalhes de cunho burocrático, partimos para o lado prático das coisas, afinal de contas já nos considerávamos artistas, e como tais, estávamos prontos para dar conta de uma série de shows que estariam por vir. O tempo foi passando e os prometidos eventos não aconteciam, o que nos deixava perplexos. A inocência nos fazia crer que a simples gravação de um vinil iria abrir as portas do *mainstream* para nós. Apesar dos esforços do pessoal do CEAP e do próprio Mayrton Bahia, principal interessado em nosso sucesso, o “Tiro Inicial” não emplacou, mesmo com a gravação do vídeo “Filhos do Brasil”, que contava com a participação de Gabriel Pensador . Nosso entusiasmo inicial virou pó.

Passados quase vinte anos do nosso feito, a conclusão que tiro hoje é que tentamos dar vida a um movimento de vanguarda num momento inapropriado. Não tínhamos bases sólidas para implementar tamanha ousadia, já que naquele período todas as atenções estavam voltadas para o funk carioca (alguns tentaram desestabilizar nosso frágil movimento, nos associando aos eventos de repercussão negativa oriundos dos bailes funk, inclusive uma parcela de entusiastas de rap em São Paulo, o que acabava nos deixando mais confusos e inseguros com os nossos próprios trabalhos).

O público que considerávamos alvo (das comunidades) estava totalmente comprometido com a cultura dos bailes, e não enxergava na nossa proposta algo mais interessante que a adrenalina e o ritmo contagiante oferecido, quase que gratuitamente, pelo funk. Além disso, a cultura hip-hop não era capaz de despertar na mídia um interesse capaz de transformar nossas aspirações “revolucionárias” em matérias que ajudassem a divulgar, de maneira positiva, a nossa agenda. Em parte, nós éramos os principais culpados por esse desinteresse midiático. Achávamos que os meios de comunicação eram os principais responsáveis por tudo que acontecia de ruim no país, por essa razão tínhamos um comportamento radical, às vezes beirando o extremismo, em relação à mídia. Se existia de fato um Leviatã, esse monstro se personificava através dos órgãos de comunicação.

Nosso radicalismo era fruto das influências sofridas pelo paradigmático rap paulista, assim como o pensamento esquerdista-marxista tão em voga no seio dos movimentos de cunho popular.

O fracasso do “Tiro Inicial” caiu como um balde de água fria em nossas cabeças. O baque foi grande, ao menos foi assim que eu analisei na época.

Alimentamos Ilusões com contrato, gravadora, produtor famoso, estúdio, festas (...) e no final não deu em nada. O tiro saiu, literalmente, pela culatra. Só nos restava tentar correr atrás do prejuízo para tentar receber alguma coisa de participação em vendas do vinil. O caminho mais curto para alcançar o nosso objetivo seria ir atrás de Mayrton Bahia.

Após termos a certeza que o nosso trabalho não iria mais render o que nós esperávamos, resolvemos procurar o pessoal da Radical Records para ficarmos a par da quantidade de cópias vendidas e o provável percentual que teríamos direito naquela transação. Ocorre que estávamos sozinhos naquela empreitada. No momento de questionamentos todos sumiram, nem CEAP, nem Radical estavam a postos para prestar os devidos esclarecimentos. Resolvemos agir por conta própria, já que os canais competentes simplesmente se omitiam, quando não, agiam de maneira protelatória e evasiva. De tanto persistimos conseguimos o endereço de Mayrton Bahia em Niterói, e logo em seguida estávamos na porta do seu apartamento tentando dialogar. O produtor se isolou e não abriu a porta, apesar de nossa insistência. Moral da história, a maioria jamais recebeu um tostão pelas vendas do “Tiro Inicial”.

Passados alguns anos, acabei encontrando com Rodrigo R1 no meio da rua. Indaguei se ainda continuava com as performances de rap, e, para minha surpresa, ele respondeu que não. Confesso que fiquei entristecido com a notícia de imediato, já que suas rimas prezavam pela coerência. Disse-me também que no momento estava se dedicando a sua carreira de advogado, e, que inclusive, ganhara uma ação contra Mayrton Bahia. Fiquei pasmo na hora, mas depois com mais calma vi que a situação era totalmente condizente com seu caráter contestador.

Na época que resolvemos cobrar explicações ao produtor do nosso vinil, R1 se destacava por ser um dos mais ativos do nosso grupo, sempre disposto a encontrar meios para que nossa demanda fosse atendida. Continuou a me contar que tentou fazer contato com os demais membros da ATCON para tentar propor uma ação coletiva, que na sua visão seria muito mais eficaz, porém, sua procura não surtiu efeito. Muitos acreditaram (inclusive eu) que não seria possível vencer a parte ré, com maior poder financeiro, em uma briga que aparentava ser desproporcional.

Diante da impossibilidade de juntar os demais participantes da produção, acabou por conta própria entrando com uma ação contra Mayrton. Até onde ele me narrou, o juiz havia decretado o arresto de uma mansão da ré, a fim de garantir o

pagamento da causa. Certamente a ação não parou nessa instância, o poder financeiro permite vários recursos.

Apesar desse viés negativo, é necessário que se considere o lado positivo de toda essa experiência. Nesse sentido podemos considerar o caráter vanguardista do “Tiro Inicial”, uma vez que ele foi proposto numa época em que quase ninguém pensava, ou ousava, colocar em prática a música rap no Rio de Janeiro. Além disso, devemos considerar também a paciência e a coragem daqueles que, em pleno momento de ebulição dos bailes funk carioca, ousaram nadar contra a maré e propor uma temática diferenciada, mesmo correndo o risco de serem mal interpretados e até hostilizados em determinados momentos.

Hoje quando vejo o espetáculo que se tornou o rap, e o hip-hop em geral, e a atitude de alguns jovens rimadores mais preocupados em fazer rap de embate visando a glória e a fama (mesma que momentânea), como se o mc ao seu lado fosse um inimigo a ser combatido, confesso que fico um pouco receoso. Primeiro pelo fato desses jovens, na maioria das vezes, desconhecerem a história da cultura (hip-hop) que praticam, bem como daqueles que batalharam para que essa expressão se consolidasse.

O ar arrogante de algumas figuras da “nova geração” é lastimável! A proposta desse raciocínio não é a de criar uma relação hierárquica entre a “nova” e a “velha” escola, e sim de propor o intercâmbio de saberes e experiências entre esses dois universos distintos. A academia propõe esse caminho, assim como outros setores do nosso cotidiano. Queiramos ou não, a sociedade só se perpetua graças ao acúmulo de experiências passadas entre as gerações.

Imagine uma figura que se faz passar por especialista ou comentarista de samba, mas que não domina a matéria carnavalesca em sua essência, a ponto de fazer vários comentários equivocados. Complicado, não? É assim que eu, disfarçado no meio da multidão, tenho observado alguns “fast rappers”, que só se preocupam em encontrar rimas que se encaixem com maconha e cachaça. Quando eu era mais novo, figuras desse porte eram conhecidas no meio como “sucker mc”, aquele rapper estúpido que pega o microfone, instrumento esse tão poderoso, para falar um monte de asneiras. O “pelassaco”, ou “fanfarrão”, é um ser típico em qualquer classe social, não importa se ele é preto, branco, playboy ou favelado. Como diria Bezerra da Silva, “malandro é malandro, mané é mané”.

E o segundo fato que tem me preocupado bastante é o tom consumista e pedante que certos “personagens” têm demonstrado em suas letras e atitudes. Tendo como base os videoclipes norteamericanos, cria-se um mundo de faz de contas, onde joga-se champagne para o ar como nas vitórias de fórmula 1, onde mulheres bonitas desfilam com a mesma desenvoltura de carros importados e potentes, e jóias são exibidas de maneira tão artificial que chega a irritar. E o mais grave de toda essa história é que na maioria das vezes toda essa “fartura” é alugada, inclusive as mulheres. No fim da produção os carros voltam para suas concessionárias, as jóias para as joalherias e as modelos para suas agências. Querer mimetizar um modelo contraditório de produção, que é aquele produzido nos Estados Unidos, é muita falta de criatividade e originalidade. Pensemos algo local, que a tenha a ver com a nossa realidade.

4.5 Contradições da nossa época

O cruzamento entre as histórias heróicas da esquerda (contadas principalmente por Def Yuri, o especialista em hip-hop a serviço do Viva Rio), as ações de Malcom X e Zumbi dos Palmares, mais os discursos marxistas e aqueles originários do movimento negro, despertaram em nós um pensamento tendenciosamente radical. Nossas identidades, influenciadas por fatores internos e externos, mais precisamente entre o “mundo pessoal e o mundo público” segundo a visão de Stuart Hall¹⁴⁰, eram nutridas por situações, que ao nosso entender, iam de encontro com as contradições e arbitrariedades da sociedade. O que fosse diferente desse entendimento merecia ser contestado e combatido por nós, os “novos cavalheiros do iluminismo pós-moderno”.

Na verdade estávamos mais para talibãs do que para donos da verdade ou da razão. Como exemplo dessa época, acho interessante citar uma passagem de MV Bill (as iniciais “mv”, ou “mensageiro da verdade”, foi criada por Bill nesse mesmo período “iluminista”) narrada pelo rapper Tito, ex-parceiro musical de Gabriel Pensador. Segundo Tito, o filho célebre da Cidade de Deus foi convidado para uma festa à fantasia na zona sul do Rio de Janeiro pelo autor de “Retrato de um playboy”. Acontece que ao chegar à referida reunião festiva Gabriel quis saber o

¹⁴⁰ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006, p.11.

porquê de Bill não estar fantasiado. Eis que o interrogado responde: “Estou fantasiado de mim mesmo, de pobre!”. Meio sem graça o rapeador de São Conrado ofereceu uma Coca-Cola para MV, que de imediato respondeu: “Não bebo Coca-Cola, Coca é coisa de branco!”. O engraçado é que na época Bill não bebia Coca, porém, usava Nike, empresa acusada de praticar trabalho escravo no continente asiático. Façamos uma analogia simplista aos moldes do raciocínio desenvolvido pelo rapeador na época. Bill era segregador, e de certa forma anti-imperialista, por não beber Coca-Cola. Por outro viés dessa mesma sentença, podemos acusá-lo de incentivar o trabalho escravo, já que era usuário de Nike. Hoje em dia Bill não só bebe Coca-Cola, e os demais sabores da companhia de Atlanta, como é bem capaz de fazer uma peça publicitária para a gigante de refrigerantes caso seja convidado. Reflexo dos novos tempos.

Pensamentos como os proferidos por MV Bill demonstrava o quanto o nosso discurso estava impregnado de radicalismos desnecessários. Amparados pelas idéias da banda nova-iorquina Public Enemy e por sua filial em solo brasileiro, os Racionais MCs, seguíamos em nossa “cruzada” contra as mazelas da nossa sociedade. O bom senso não prevalecia em nossa cartilha. Queríamos passar uma imagem de politizados e conscientes, e para tanto precisávamos encontrar objetos para nossa crítica. Não foi muito difícil desempenhar a tarefa pretendida, uma vez que tínhamos o funk, o axé, o pagode meloso e a mídia diariamente nos concedendo subsídios para continuarmos em nossa empreitada entre o “bem” e o “mal”, ou mais precisamente entre os “conscientes” e os “alienados”.

Criticávamos o funk impiedosamente. Achávamos que os funkeiros eram jovens manipulados por estruturas muito bem arquitetadas, e que mereciam ser combatidas e criticadas. Como bons pastores, pregávamos que somente o hip-hop seria capaz de mudar a realidade daqueles que se enfrentavam nos bailes e nas suas imediações a troco de nada, por puro lazer e adrenalina. Concedíamos um poder exagerado e hiperbólico ao hip-hop, como se ele fosse a solução de todos os problemas que afligiam a sociedade. Fazíamos duras críticas a Igreja Universal por manipular e doutrinar a vida das pessoas que freqüentam seus espaços de orações, mas no fundo cometíamos o mesmo erro ao tentar doutrinar as pessoas segundo os nossos próprios critérios.

Certa vez na entrada do shopping Rio Sul acabei protagonizando uma situação desconfortável para o dono da equipe de som Furacão 2000. Passava em

frente ao posto de gasolina que existia ao lado do shopping, quando Rômulo Costa me avistou. Automaticamente o empresário do funk saltou da sua caminhonete Pajero, meteu a mão num papel e numa caneta e veio em minha direção com a finalidade de me dar um autógrafo. Não entendi nada na hora, não havia pedido autógrafo nenhum para ele. De onde ele tirara aquela idéia? Até hoje eu não sei. Só sei que eu fui tão rápido quanto ele no momento da reação, agi meio que no instinto. Virei para Rômulo e falei: “Não fode, não te pedi porra nenhuma, pra quê que eu vou querer o teu autógrafo?” A reação dele foi de espanto e decepção, não lhe restando outra alternativa a não ser entrar no seu carro e ir embora. A mim, só restou a felicidade, afinal de contas eu insultara um dos grandes responsáveis pela violência e alienação que vigorava nos bailes funk. Ao menos era assim que nós entendíamos naquele tempo. Orgulhoso do meu ato, contei o incidente para um número considerável de pessoas.

Apesar de não gostar do modo de vida dos funkeiros e nem dos bailes que aconteciam fora das comunidades controladas pelo tráfico, eu frequentava diversos bailes “organizados” pelas associações de moradores (muitas dessas entidades não possuem autonomia alguma, servindo de fachada para representar os desígnios do tráfico, como a contratação de equipes de som para animar bailes funk em algumas comunidades) de favelas do Rio. Mineira, Providência, Chapéu Mangueira, Fogueteiro, Coroa e Cidade de Deus eram os locais que eu costumava frequentar em busca de mulheres, diversão e alguns raps (conhecidos como “rasteiros” no universo funk) que eu curtia e que também tocava nos bailes.

Além desses fatores enumerados, outra coisa que chamava a atenção era a contraditória “tranqüilidade” que os eventos realizados em comunidades ofereciam. Nesses bailes não havia nenhum tipo de confusão, o tráfico não deixava. Uma vez na Mineira, dois funkeiros de galeras opostas ameaçaram se estranhar no meio do baile. Rapidamente o “gerente” do tráfico, Fofão, armado de fuzil, fez questão de se meter no meio do desentendimento e deixar bem claro que aquele tipo de postura não era aceito ali. Automaticamente o acordo de paz foi selado pelas partes que se ameaçavam.

A única coisa que poderia acabar com o clima de tranqüilidade seria a invasão da favela pela polícia ou por uma quadrilha rival. A polícia só perturbava

quando os traficantes deixavam de pagar o “arrego”¹⁴¹, fora isso o baile acontecia normalmente. Caso a comunidade estivesse a ponto de ser invadida por um grupo desafeto, a reunião festiva não ocorria por precaução. A rede de informações desses lugares costuma ser bem efetiva. Policiais corruptos, viciados, X-9 (alcagüete) e até mesmo alguns moradores em visita a parentes ou amigos em favelas controladas por facção rival, se encarregam de passar informações para os controladores do tráfico em sua localidade. Esses relatos antecipatórios são importantíssimos para o funcionamento do “comércio varejista de drogas”¹⁴². Por essas razões, o baile do Chapéu Mangueira vivia lotado, atraindo um público de classe média, assim como alguns artistas “globais”, para o seu interior.

Além do funk, tínhamos como alvo a mídia, o axé (estigmatizado no grupo “É o Tchan” e na música “Boquinha da garrafa”) e os pagodes excessivamente “melosos” (onde a criatividade do autor se limita a rimar “amor” com “dor”), que tocavam repetidas vezes nas rádios FM. Talvez pelo excesso de vezes que essas músicas eram reproduzidas na mídia, nós não nos permitíamos fazer rimas que falassem de amor ou de qualquer outra temática que fosse diferente da realidade que estávamos acostumados (violência, racismo, falta de oportunidades, etc). Rimador que se prezava não fazia letra de amor, e sim composições que tratavam as mulheres como seres interesseiros e insinceros. Racionais MCs, que nós cultuávamos, se destacavam nessa época graças a músicas como “Pânico na Zona Sul”, “Hey Boy” e “Mulheres Vulgares”. Em relação a essa última, podemos observar o caráter extremamente machista que a letra carrega, conforme podemos verificar nos versos abaixo:

Pra ela, dinheiro é o mais importante.
 Sujeito vulgar, suas idéias são repugnantes.
 É uma cretina que se mostra nua como objeto,
 É uma inútil que ganha dinheiro fazendo sexo.
 No quarto, motel, ou tela de cinema
 Ela é mais uma figura viva, obscena.
 Luta por um lugar ao sol,
 Fama e dinheiro com rei de futebol! (ah, ah!)
 Ela quer se encostar em um magnata
 Que comande seus passos de terno e gravata. (otário....)
 Quer ser a peça central em qualquer local.
 E a jura é total,
 Quer ser manchete de jornal.

¹⁴¹ Propina paga pelos traficantes a policiais corruptos para que o comércio de drogas não seja prejudicado. Quando o acordo não é cumprido, a principal retaliação desses policiais é a invasão da comunidade em dias de baile, quando o faturamento do tráfico é consideravelmente maior.

¹⁴² Aproveito para utilizar os termos da Professora Doutora Vera Malaguti Batista para me referir ao tráfico de drogas.

Somos Racionais, diferentes, se não iguais.
Mulheres Vulgares, uma noite e nada mais!¹⁴³

Ao propor letras desse conteúdo o rap acaba revelando o seu lado contraditório e menos criativo. Demonstra-se contraditório em função de pregar uma sociedade mais justa, mas ao mesmo tempo trata as mulheres de maneira equivocada e desrespeitosa, fazendo da exceção a regra. E nós, que nos considerávamos “conscientes” e “politizados”, concordávamos com tal pensamento, quando não, fazíamos “vista grossa” para assuntos dessa natureza. Devido a esse ranço machista, não considerávamos o trabalho realizado pela banda romântica de rap “Sampa Crew”, por entendermos que o rap feito pelo grupo não era original, não tratava das “questões” da favela, do sofrimento, das desigualdades. Rap para ser bom tinha que ser triste e melancólico. Era tabu tratar de assuntos que fugissem dessa pauta. As “Damas do Rap”, primeiro grupo do gênero no Rio de Janeiro, foi vítima de nossos pensamentos reacionários. Quando as meninas desembarcaram na ATCON com uma proposta diferenciada de fazer rap (misturando a rima do rap com melodias mais suaves e tratando das temáticas envolvendo as mulheres) foram mal interpretadas e olhadas com desconfiança. Eu mesmo adotei essa postura preconceituosa ao perceber que “um grupo de meninas do baile charm¹⁴⁴” tentavam se impor num universo predominantemente masculino. Aproveitei esse espaço para admitir o mea-culpa tardio.

Outro assunto que era recorrente no nosso cotidiano dizia respeito às relações coma mídia. A mídia não prestava (aqui mais uma vez as exceções tornam-se regras) e devíamos ficar atentos com as armadilhas que os órgão de imprensa estavam dispostos a lançar. A mídia era manipuladora e nós não estávamos afim de ser manipulados. O episódio de 1989, em que a Globo fora acusada de prejudicar o presidenciável Luis Inácio Lula da Silva, era lembrado com freqüência entre nós como justificativa do caráter duvidoso da mídia.

Sempre que tínhamos que nos relacionar com a imprensa esse contato era feito com desconfiança, tamanho era o receio que nossas declarações fossem deturpadas. Além do mais os Racionais não davam entrevistas à mídia (tradicional,

143 RACIONAIS MCS. *Holocausto Urbano*. São Paulo: Zimbabwe, 1990. 1 disco sonoro, 33 rpm, estéreo.

144 Tipo de baile onde predomina músicas mais românticas, a violência é rara e as pessoas fazem questão de vestir bem para freqüentar tal espaço. O “Viaduto de Madureira” é o principal local onde acontece esse tipo de evento no Rio de Janeiro.

conhecida do grande público, diga-se de passagem), e nós, como admiradores do grupo, procurávamos, a nosso modo, agir de maneira semelhante. Apesar de não concordar muito com essa postura, eu acabava seguindo, em parte, o pensamento vigente.

Com o tempo, a tendência é que alcancemos a maturidade e com isso possamos refletir melhor antes de tomarmos decisões precipitadas. A vida nos ensina. Hoje quando me reúno com os amigos daquela época, nos divertimos e fazemos uma espécie de autocrítica das atitudes equivocadas que tomamos no passado. Mas nem todos conseguem vislumbrar a vida por essa ótica. Alguns fazem questão de ficar presos ao passado.

Dias atrás resolvi ligar para Gas-Pa (aquele do “Filhos do Gueto”) para colocarmos o papo em dia, tendo em vista que na última vez que nos encontramos, na saída do Cine Oden, no lançamento do documentário L.A.PA, o tempo não foi o bastante, mas foi legal reencontrar, com Gas-Pa, Bocca, B-Negão, Def Yuri e Xandy, um monte de dinossauros do rap jogando conversa fora numa sexta noite na Cinelândia. De volta a conversa com Gas-Pa, em certo momento aproveitei para falar sobre as nossas atitudes do passado. Lembrei-o de nossas ações baseadas em idéias equivocadas, logicamente pensei que ele iria concordar com a minha afirmativa, mas a resposta foi bem diferente. Gas-Pa virou para mim e disse: “Continuo radical, na verdade, muito mais radical do que antes”. Fiquei meio impressionado com a sua resposta, tentei argumentar mas acabei vendo que era perda de tempo. Pelo visto o velho Gaspa-Pa estacionou no passado e não faz questão alguma em tentar enxergar a vida com outros olhares.

Rever nossos conceitos é um exercício que, dependendo do caso, agrega valor as nossas idéias. Mas nem toda revisão é benéfica. Uma das últimas vezes que encontrei com MV Bill ele virou pra mim e disse: “Sabe qual é o teu mal Buiu? Você não sabe ser político!”. Da mesma maneira que me chegou a crítica, devolvi minha defesa: “O que é ser político? Fazer um monte de alianças contraditórias? Se isso é ser político, prefiro continuar ignorante!” Para quem sabe ler, pinga é letra. A conversa acabou naquele momento em um clima desagradável.

Tenho observado que alguns rappers, ao não alcançarem o sucesso incontestável de Marcelo D2 e os Racionais MCs, acabam fazendo uma série de alianças, acordos e conchavos com ONGs, com acadêmicos, com emissoras de televisão e governos. Tudo na vida tem um preço, a sabedoria popular está aí para

comprovar essa lógica. Quando um rapper, ou qualquer outro membro do hip-hop, começa a confundir seu trabalho com política (falo dessa política tradicional, fisiologista, não comprometida com o povo, e que infelizmente é tão comum na sociedade brasileira), devemos ficar alertas e encararmos a situação com a necessária cautela.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração desse trabalho em nenhum momento teve como objetivo principal a busca por resultados ou conclusões fantásticas. Como mensurar e concluir algo que se encontra em constante evolução? O objetivo nunca foi esse, e sim fazer um levantamento histórico, com fortes influências empíricas, do rap desenvolvido no Rio de Janeiro, assim como a cultura hip-hop em seus desdobramentos. Apesar dessa preocupação inicial, algumas observações migraram para o campo das constatações, temporárias, conforme poderemos observar nos parágrafos seguintes.

A despeito dos efeitos da crise mundial que tem castigado alguns países, sobretudo àqueles que permitiram a farrá com o capital especulativo, as classes ditas menos favorecidas também estão tendo acesso ao consumo no país. Viagens, carros, aparelhos eletrônicos, computadores e celulares, são algumas das comodidades que caíram na pauta de consumo dessa parcela importante da população brasileira. Não é preciso ser nenhum economista para entender a lógica desse fenômeno consumista que tem atingido os lares das classes C e D. Com o aumento da renda dos trabalhadores, automaticamente este grupo de indivíduos passam a consumir com maior intensidade, inclusive produtos que até pouco tempo atrás eram considerados supérfluos. É o consumo induzido diretamente pelo capital, que Peter Evans aponta como consequência da “globalização neo-liberal”¹⁴⁵.

Além dos bens materiais que passaram a equipar os lares dessas pessoas, percebe-se também um novo tipo de consumo bem característico dos novos tempos, ou seja, aquele de cunho cultural e imaterial. Esse tipo de consumo engloba, sobretudo, os produtos advindos da esfera audiovisual como músicas e filmes, e também alguns aplicativos / softwares necessários para que algumas pessoas possam realizar suas tarefas. Ocorre que esses produtos estão disponibilizados a preços nem sempre justos, o que leva uma parcela de pessoas a criarem mecanismos alternativos para que esses dispositivos cheguem ao alcance de uma coletividade de maneira gratuita, quando não, a preços bem mais acessíveis. Lógico que tal postura não agrada os “donos” dessas novas tecnologias, tanto que diariamente as empresas responsáveis por essas criações buscam formas e

¹⁴⁵ EVANS, Peter. *Será Possível uma Globalização Contra-hegemonica?* PERIFERIA, n.1, 2009.

mecanismos para barrar a ação de “piratas” e “bucaneiros virtuais” (como diria Henrique Antum) que se especializam em pilhar e distribuir esse conteúdo na rede. Essa “globalização periférica” ou “contra-hegemônica” (EVANS, 2009) tem sido alvo de diversos debates entre pesquisadores, acadêmicos, políticos, empresários, artistas, etc. De um lado, aqueles que defendem a democratização dos meios virtuais e a autonomia possibilitada pela rede. Do outro, aqueles que não abrem mão de seus interesses e não estão dispostos a compartilhar gratuitamente o material “flutuante” da internet.

É através dessa “contra-hegemonia” que muitos estão produzindo e expandindo subjetividade, cultura e conhecimento. É o caso dos jovens produtores de hip-hop, que de tantas tentativas, acertos e erros, acabam dominando os aplicativos destinados a criação. A falta de equipamento não é obstáculo para essa geração. Através das *lan houses*, do computador do amigo e até mesmo das “apropriações” de sinal de internet sem fio (wireless), vagando pelas vias virtuais, essas pessoas produzem e “escoam” o material produzido nos diversos canais interativos a disposição dos conectados. As novas tecnologias da comunicação e informação não são mais ferramentas destinadas às minorias, como era até certo tempo atrás. Elas agora fazem parte do cotidiano de muitas pessoas, das mais distintas classes.

Graças, em parte, ao trabalho desenvolvido por esses novos produtores imateriais radicados nas áreas menos nobres da cidade, que o rap, e a cultura hip-hop como um todo, permanecem em contínuo processo evolutivo no Rio de Janeiro. Lógico que ainda é cedo para falarmos em maturidade, ainda mais se utilizarmos com o parâmetro o estado de São Paulo. Na capital vizinha o hip-hop se fixou como uma das principais manifestações culturais dos jovens pobres (em sua maioria negros e nordestinos).

No Rio de Janeiro esse fenômeno se confirmou não pelo rap, e sim pelas batidas contagiantes do funk. No mesmo período (metade dos anos 80) que o rap se consolidava e atraía novos adeptos em São Paulo, o funk, desconstruído e reinventado graças a criatividade dos DJs e freqüentadores dos bailes do gênero, trilhava o mesmo caminho nos subúrbios cariocas.

Apesar do rap ter dado seus primeiros passos na Cidade Maravilhosa em meados dos anos 1980, como consequência direta do sucesso mundial que o break alcançou naquele momento, é sobretudo no início da nova década (1990) que

alguns rimadores / rapeadores anônimos resolvem dar continuidade, com maior intensidade, a esse estilo que se encontrava em um longo processo letárgico.

É importante frisar que parte desse “coma induzido” que o rap carioca foi submetido, se originou em função da grande repercussão alcançada pelo funk nesse mesmo período, a ponto de eclipsar outros ritmos que não estavam tão evidenciados.

Além da persistência de alguns grupos e rapeadores em dar continuidade a cultura hip-hop (através das rádios comunitárias e, sobretudo, pelos diversos eventos realizados nas comunidades da Cidade de Deus, Maré, Santa Marta e Rocinha, as mais recorrentes na realização desses encontros), outros fatores ajudaram a revitalizar a cena rap no Rio de Janeiro.

Dentre eles podemos citar a “Batalha do Real”, realizadas na Lapa, que revelou novos talentos como “Papo Reto”, “Marechal” e “Don Negrone”, e ajudou a criar um público cativo entre uma parcela da comunidade jovem. A partir dessa competição de mcs, o rap passou a ser “consumido” com maior intensidade (teria entrado de vez no “cardápio” da Indústria Cultural?) pela classe média (o que de certa forma agregou valor ao gênero, a ponto de chamar a atenção de empresas como a Red Bull, patrocinadora de algumas etapas do conhecido campeonato de improviso), além de propor novas abordagens na construção de rimas e letras. A geração de “batalhadores” iniciou uma fase metafórica no rap carioca, não se prendendo aos temas tradicionais utilizados pelos rapeadores da geração anterior, tais como violência policial, racismo e desigualdades sociais. Nesse sentido, a aparição desses “rimadores metafóricos” foi extremamente positiva, uma vez que permitiu a renovação dos assuntos abordados pelo rap.

REFERÊNCIAS

ABRAMO, Bia. Cultura: o funk e a juventude pobre carioca. *Teoria e Debate*, São Paulo, n. 48, jun./ago. 2001. Disponível em: <<http://www2.fpa.org.br/portal/modules/news/article.php?storyid=1602>> . Acesso em : 23 nov. 2007.

ADORNO, Theodor W ; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1985. 86p.

AUTOS ANTIGOS. *Vermaguete*. Disponível em:<http://www.autosantigosbrasileiros.hpg.ig.com.br/Vemag_Vemaguete1.htm> . Acesso em: 05 fev. 2009.

BARCELLOS, Gustavo. A alma do consumo. *Le Monde Diplomatique Brasil*. São Paulo, v. 17, p. 6, dez. 2008.

BATISTA, Carlos Bruce. Funk: o batidão proibido. *Revista Caros Amigos*, Disponível em: <http://carosamigos.terra.com.br/nova/ed122/so_no_site_reportagem_funk.asp> . Acesso em: 10 jun. 2008

BATISTA, Vera Malaguti. *Difíceis ganhos fáceis: drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Revan, 2003.

BENTES, Ivana. Redes colaborativas e precariado produtivo. *Periferia*, Duque de Caxias, RJ, v 1, n.1, 2009. No prelo.

BORGES, Eder. *A Questão agrária na Jamaica*. Disponível em:<<http://www.artigos.com/artigos/humanas/geografia/a-questao-agraria-na-jamaica-2480/artigo/>>. Acesso em: 25 maio 2008.

BRASIL. *Código Penal*. Decreto-Lei n.º 2.848, de 7 de dezembro de 1940.

CANCEL, Luis. *A existência de uma linguagem distinta*. Disponível em:<<http://www.artgraffiti.net/dic.html>>. Acesso em: 02 jun. 2008.

CARVALHO, João Batista Soares de. *A constituição de identidades, representações e violência de gênero nas letras de rap: São Paulo na década de 1990*. 2006. 199 f. Dissertação (Mestrado em História Social). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC, São Paulo, 2006.

CHIARA, Márcia de. Classes B e C vão sustentar aumento do consumo este ano, diz pesquisa. *Estado de São Paulo*, São Paulo. Disponível em: <<http://www.estado.com.br/editorias/2006/05/28/eco-1.93.4.20060528.28.1.xml>> . Acesso em : 26 nov.2008.

CONTADOR, Antonio Concorde; FERREIRA, Emanuel Lemos. *Ritmo & Poesia: os caminhos do Rap*. Lisboa: Assírio & Alvim, 1996.

DOWDNEY, Luke. *Crianças do tráfico: um estudo de caso de crianças em violência armada organizada no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2003.

EVANS, Peter. *Será Possível uma Globalização Alternativa? Periferia*, Duque de Caxias, RJ, v 1, n.1, 2009. No prelo

FEDERAÇÃO CATARINENSE DE CICLISMO. Apresenta informações sobre ciclismo. Disponível em : <http://www.ciclismosc.com.br/index.php?cod_local=5&id_sub_modalidade=BMX >. Acesso em : 02 fev. 2009.

FERNANDES, Daniella. Desemprego e racismo alimentam revolta em Paris. *Folha de São Paulo*, Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/bbc/ult272u47771.shtml>> . Acesso em: 31 jan. 2009.

FERRÉZ. Sobre pássaros e lobos. *Le Monde Diplomatique Brasil São Paulo*, v. 17, p. 5., dez. 2008.

FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea no Brasil. *Diretrizes do Estado Novo (1937-1945): O Brasil na guerra*. Disponível em: <http://www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/anos37-45/ev_brna guerra_feb.htm>. Acesso em: 17 dez. 2008.

FUNDAÇÃO NACIONAL DE BEM ESTAR DO MENOR (Brasil). *Caso social nº 208/83*. Rio de Janeiro, 05 de mar. de 1983. Referente à internação dos menores Alexandre de Castro e Rômulo de Castro.

GASPARI, Elio. *A ditadura envergonhada: as ilusões armadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GNU. Site de informática. Disponível em : < <http://www.gnu.org/>>. Acesso em : 16 jul.2008.

GONÇALVES, Tânia Amara Vilela. *O grito e a poesia do gueto: Rappers e movimento hip-hop no Rio de Janeiro*. 1997. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Instituto de Filosofia e Medicina Social, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

GORZ, André. *O imaterial: conhecimento, valor e capital*. São Paulo: Annablume, 2005.

GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Tradução: Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. São Paulo: Ed. 34, 1992.

HISTÓRIA da FIA. Rio de Janeiro. Disponível em :<
<http://www.fia.rj.gov.br/Historia.htm>> . Acesso em : 3 jan. 2009.

HARDT, Michael; NEGRI, Antonio. *Multidão: guerra e democracia na era do Império*. Rio de Janeiro: Record, 2005.

HERSCHMANN, Michael (Org). *Abalando os anos 90: funk e hip-hop: globalização, violência e estilo cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

JAMESON, Fredric. Globalização e estratégia política. *Novos Estudos*, São Paulo, n. 61, p. 3-17, nov. 2001

JUIZADO DE MENORES(RJ). Ofício nº 254/88 KM, 25 maio 1988. Atual 1ª Vara da Infância e Juventude

_____. Ofício nº 81, de 03 de ago. 1983. Atual 1ª Vara da Infância e Juventude

LAN HOUSES crescem e levam internet às favelas brasileiras. Disponível em:<
http://www.direitoacomunicacao.org.br/novo/content.php?option=com_content&task=view&id=1478> . Acesso em: 14 ago. 2008. Matéria publicada originalmente no jornal Valor Econômica.

L.A.P.A. Direção de Cavi Borges e Emílio Domingos. Rio de Janeiro: Cavídeo: Virtual Filmes, 2007. 1 DVD (75min).

LAZZARATO, Maurício; NEGRI, Antonio. *Trabalho imaterial: formas de vida e produção de subjetividade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

LCD deixa de ser sonho e vira artigo popular. *EXTRA*, Rio de Janeiro, p. 21, 07 dez. 2008. Economia.

LEAL, Sérgio José de Machado. *Acorda hip-hop: despertando um movimento em transformação*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.

LIMA, Willian da Silva. *Quatrocentos contra um: uma história do Comando Vermelho*. São Paulo: Labortexto Editorial, 2001.

LORENZOTTI, Elizabeth. *Tinhorão: o legendário*. *Revista do Brasil*, n. 32, fev. 2009. Disponível em: <<http://www.revistadobrasil.net/rdb32/perfil.htm>> . Acesso em: 21 mar. 2009.

MACARRÃO. *O que aconteceu?* Disponível em: <
<http://www.myspace.com/macarrao>> . Acesso em: 16 fev. 2008.

MIGLIARI, Maria de Fátima. Infância e adolescência pobres no Brasil. In: BATISTA, Vera Malaguti. *Difíceis ganhos fáceis: drogas e juventude pobre no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro: Revan, 2003. p.78

ONDE os fracos não têm vez. Direção de Ethan Coen; Joel Coen. Estados Unidos: Paramount Pictures, 2007.

O QUE é uma EIC.. Disponível em:<

http://www.cdi.org.br/LotusQuickr/cdi_/PageLibrary032572E9006A7464.nsf/h_Toc/09BA0E7A2E9A311B832574860062C347/?OpenDocument>. Acesso em: 16 jul. 2008.

REAL HIP HOP. Apresenta informações sobre a cultura HIP HOP. Disponível em: <<http://www.realhiphop.com.br/institucional/historia.htm>>. Acesso em: 25 maio 2008.

SALLES, Ecio. *Poesia revoltada*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2007.

SANTOS, Joel Rufino dos. *Épuras do social: como podem os intelectuais trabalhar para os pobres*. São Paulo: Global, 2004.

SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

SILVEIRA, Sérgio Amadeu da. *Software livre: a luta pela liberdade de conhecimento*. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. *Síntese de história da cultura brasileira*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

TAVARES, Marcus. Efeitos das lan houses. *O Dia online*, Rio de Janeiro, 17 abr. 2008. Coluna Opinião. Disponível em: <http://odia.terra.com.br/opiniaio/htm/marcus_tavares_efeitos_das_lan_houses_165227.asp>. Acesso em: 14 ago. 2008.

TRÁFICO Monta exército de menores no Rio. *O GLOBO online*, Rio de Janeiro, 13 ago. 2006. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/rio/mat/2006/08/13/285245618.asp>>. Acesso em: 18 fev. 2009.

VENTURA, Zuenir. *Cidade partida*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2001.

WACQUANT, Loïc. *As duas faces do gueto*. São Paulo: Boitempo, 2008.

_____. *Punir os pobres: a nova gestão da miséria nos Estados Unidos [A onda punitiva]*. Rio de Janeiro: Revan, 2007.

ZACCONE, Orlando. *Acionistas do nada: quem são os traficantes de drogas*. Rio de Janeiro. Revan, 2007.

ZULU NATION. Apresenta informações especializado na cultura.Hip Hop.
Disponível em:< <http://www.zulunationbrasil.com.br> >. Acesso em : 03 jun. 2008.